

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

A RESSIGNIFICAÇÃO DISCURSIVA DA VIOLÊNCIA NO TEXTO E NO
CONTEXTO DAS PRÁTICAS SOCIAIS: O CASO DO JORNAL MASKATE

JULIANA REBÊLO ULHARUZO

Brasília
2012

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Juliana Rebêlo Ulharuzo

**A RESSIGNIFICAÇÃO DISCURSIVA DA VIOLÊNCIA NO TEXTO E NO
CONTEXTO DAS PRÁTICAS SOCIAIS: O CASO DO JORNAL MASKATE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Linguística, na Área de Concentração: Linguagem e Sociedade e na Linha de Pesquisa: Discursos, Representações Sociais e Textos.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane de Melo Resende

Co-Orientador: Prof. Dr. Fábio Henrique Pereira

Brasília

2012

Juliana Rebêlo Ulharuzo

A resignificação discursiva da violência no texto e no contexto das práticas sociais: o caso do jornal Maskate

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Linguística, na Área de Concentração: Linguagem e Sociedade e na Linha de Pesquisa: Discursos, Representações Sociais e Textos.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane de Melo Resende

Co-Orientador: Prof. Dr. Fábio Henrique Pereira

Banca examinadora:

Profa. Dra. Viviane de Melo Resende (Presidente) – Universidade Federal de Brasília

Profa. Dra. Maria Carmem Aires Gomes (Membro Efetivo) – Universidade Federal de Viçosa

Profa. Dra. Viviane Cristina Vieira Sebba Ramalho (Membro Efetivo) – Universidade Federal de Brasília

Profa. Dra. Juliana Dias (Suplente) – Universidade Federal de Brasília

Para Caetano, Chica, Pitchuka,
Branquela e Maggie May.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo amor que constrange.

Agradeço à minha mãe, por todo o esforço que investiu em minha formação.

Agradeço ao meu esposo Caetano, meu companheiro, meu amado.

Agradeço aos meus familiares e amigos, pelo apoio incondicional.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Viviane de Melo Resende pela seriedade na condução da pesquisa e pelo exemplo inspirador.

Agradeço ao meu co-orientador, Prof. Dr. Fábio Pereira, pelas contribuições em forma de sugestões de leituras.

Agradeço a todos os professores e funcionários do PPGL pela boa acolhida.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas, pelo fomento.

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo desvelar ideologias relacionadas às questões de classe social e de gênero social, conforme presentes em textos da seção *Boletim de Ocorrência*, do jornal popular Manauara *Maskate*. Busco identificar e analisar nesta pesquisa de que forma efeitos de sentido de humor contribuem para atenuar e obter consentimento quanto à circulação de conteúdos preconceituosos acerca de pessoas em situação de pobreza. Ou seja, como notícias sérias acerca de atos de violência diversos são tratadas como fatos risíveis apenas quando envolvem pessoas pobres, tornando o sofrimento dessa camada da população em entretenimento. Reflito também nessa pesquisa acerca das implicações dessa representação em termos dos propósitos ideológicos que cumprem e que mecanismos linguístico-discursivos são operacionalizados para sustentar sua circulação, bem como refletir sobre a quem interessa a circulação desse conteúdo. Trata-se de pesquisa essencialmente qualitativa e documental cujo arcabouço teórico baliza-se nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de vertente Britânica (Fairclough, 1999; 2003; Chouliaraki e Fairclough, 1999) O *corpus* de pesquisa é composto por seis edições da seção, que somam um total de vinte e cinco notícias. Uma vez coletado, o *corpus* recebeu tratamento analítico prévio no qual selecionei como foco de análise a categoria de representação de atores sociais, eventos, causalidade e lugar, proposta em Fairclough (2003) e Van Leeuwen (2008). A análise linguístico-discursiva e a crítica social explanatória evidenciaram que, subjacente aos efeitos de humor presentes nas notícias analisadas, discursos ideológicos como o da criminalização da pobreza, a estereotipação da periferia como espaço privilegiado de atos de violência e a legitimação da violência contra a mulher com função disciplinadora encontram amplo espaço de circulação.

Palavras-chave: Violência; Jornalismo Policial; Humor; Ideologia.

ABSTRACT

The aim of this research is to unveil ideologies which are related to the issues of social class and gender as presented in the texts of the section *Boletim de Ocorrência*, from the popular tabloid *Maskate* which is sold in Manaus. In this work, I identify and analyze how humorous discursive effects contribute to soften and obtain consent as to the circulation of prejudiced content regarding people in situation of poverty. In other words, I investigate how serious news about acts of violence is treated as laughable events only when poor people are involved, turning the suffering of these people into entertainment. I also reflect on the implications of such representation in terms of the ideological purposes it fulfills and which linguistic-discursive mechanisms are operationalized to sustain its circulation, as well as reflect on who can benefit from such a prejudiced representation. This research is essentially qualitative and documental. The theoretical framework is based on Critical Discourse Analysis as elaborated by Fairclough, 1999; 2003; and Chouliaraki & Fairclough, 1999) The research *corpus* is composed by six editions of the section, which add up to twenty-five police news. After collected, the *corpus* received a previous analytical treatment in which I chose as a focus of my analysis the representation of social actors, actions, causality and place as proposed in Fairclough (2003) and Van Leeuwen (2008). The linguistic-discursive analysis and the explanatory critic show us that, underlying the humorous effects present in the news; ideological discourses find a broad space of circulation. Some of these discourses include: the criminalization on poverty, the stereotyping of slums as a privileged space of acts of violence and the legitimization of violence against women as a disciplinary tool.

Keywords: Violence, Police Journalism, Humor, Ideology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Arcabouço teórico-metodológico da ADC	24
Quadro 2 – Resumo do Esquema ontológico-epistemológico-metodológico	27
Quadro 3 – Dados utilizados na pesquisa	29
Quadro 4 – Tópico-guia para as entrevistas	32
Figura 1 – Charge <i>Pobre e Rico</i>	51
Figura 2 – Piada <i>Vantagem de ser Pobre</i>	52
Figura 3 – Excerto da seção Cartas do jornal <i>Brasília Capital</i>	54
Figura 4 – Notícia do Jornal <i>Maskate</i>	60
Figura 5 – Notícia do jornal <i>A crítica</i>	61
Quadro 5 – Quadro comparativa entre a notícia policial no <i>Maskate</i> e em <i>A Crítica</i>	62
Quadro Analítico 1	65
Quadro Analítico 2.....	71
Quadro Analítico 3	75
Quadro Analítico 4	78
Quadro Analítico 5	82
Quadro Analítico 6	86
Quadro Analítico 7.....	88
Quadro Analítico 8	91
Quadro Analítico 9	92
Quadro Analítico 10	94

Quadro Analítico 11	96
Quadro Analítico 12	98
Quadro Analítico 13.....	100
Quadro Analítico 14	102
Quadro Analítico 15	104
Quadro Analítico 16	106
Quadro Analítico 17	109
Quadro Analítico 18	111
Quadro Analítico 19.....	113
Quadro Analítico 20	114
Quadro Analítico 21	116
Quadro Analítico 22	117
Quadro Analítico 23	119
Quadro Analítico 24	120
Quadro Analítico 25	122
Quadro 6 – Representação dos locais dos eventos	128
Gráfico 1 – Representação da porcentagem de atos de violência por zonas da cidade de Manaus	129
Quadro 7 – Mecanismos linguísticos geradores de comicidade nas notícias	134

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Capítulo 1 – Análise de Discurso Crítica: Arcabouço Teórico	13
1.1 Introdução e breve histórico da ADC	13
1.2 Características teóricas fundamentais	15
1.3 Conceitos-chaves em ADC e sua correlação com a pesquisa	17
1.4 Perspectivas ontológicas e epistemológicas norteadoras	20
Capítulo 2 – Metodologia	23
2.1 A metodologia da pesquisa social qualitativa	25
2.2 Das questões de pesquisa à composição do <i>corpus</i>	25
2.3 As categorias analíticas norteadoras	33
Capítulo 3 – Análise da prática particular do jornalismo	36
3.1 O jornalismo e sua função social	36
3.2 Jornalismo popular	39
3.3 Jornalismo policial	44
3.4 A representação preconceituosa de pessoas em situação de pobreza na mídia	47
3.5 A comicidade como mediadora do preconceito	49
Capítulo 4 – O <i>Maskate</i>: Análises de dados	56
4.1 O jornal <i>Maskate</i> e o perfil da publicação	56
4.2 Estrutura e potencial genérico: uma tensa relação de aproximação e distanciamento ..	58
4.3 Análises linguístico-discursivas	64
4.4 Crítica social explanatória	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
REFERÊNCIAS	144
ANEXOS	150

INTRODUÇÃO

O propósito desta pesquisa é refletir sobre a ressignificação discursiva da violência e suas implicações sociais com base em análise linguístico-discursiva dos textos que formam o *corpus*, composto por seis edições do jornal *Maskate*, de Manaus. Mais especificamente, trata-se de 25 textos curtos, de notícias provenientes da seção *Boletim de Ocorrência*, cujo conteúdo compreende em sua maioria a narrativa de eventos de violência.

A ressignificação discursiva da violência é caracterizada pela forma peculiar como a publicação retrata fatos sérios, notícias relacionadas a atos de violência e crimes, como fatos risíveis, com uma jocosidade atenuante. A ressignificação, portanto, decorre da representação atípica de notícias policiais, que ganham, nas páginas do *Boletim de Ocorrência*, um ar jocoso, gerando assim, efeitos de sentido de humor.

Por meio desta pesquisa, investiguei o discurso jornalístico, em especial no contexto das notícias policiais, o uso do sensacionalismo e do humor na veiculação de notícias relacionadas à violência e seus possíveis efeitos de sentido, bem como seu uso como instrumento ideologizante. Porém, o problema central que posa como foco deste trabalho é investigar a forma como o humor e a retórica podem tornar opacas relações de desigualdade social em textos, utilizando recursos da língua para reproduzir discursos ideológicos.

A motivação para a escolha desse tema é desvelar relações de desigualdade de poder que se encontram presentes nos textos, de forma opaca. Uma dessas desigualdades diz respeito a relações assimétricas em termos de classe social, uma vez que nos textos apenas pessoas em situação de pobreza são representadas praticando e sofrendo a violência, como se esta, enquanto comportamento desviante fosse unicamente característica desse grupo particular, ou como se fizesse vítimas apenas entre pessoas de uma determinada classe. Por outro lado, investigaremos também a relação desigual de poder em termos de gênero, ao analisarmos a representação da violência contra a mulher nas notícias, que é feita de forma parcial e que sustenta a falácia de que “a mulher que apanha fez algo para merecer”.

Esta pesquisa situa-se no âmbito de pesquisa das Ciências da Linguagem, e tem como orientação teórico-metodológica o arcabouço da Análise de Discurso Crítica de vertente inglesa, aqui representada por autores como Fairclough, van Leeuwen e Thompson, o que implica que as análises aqui apresentadas têm orientação textual-discursiva e seu foco não é meramente descritivo, mas interpretativo. A partir da análise textual-discursiva dos dados, esperamos estabelecer uma relação investigativa entre questões linguísticas e questões sociais, uma vez que nossa orientação teórica filia-se a um modo crítico de fazer ciência da linguagem. Para isso, buscaremos estabelecer diálogos interdisciplinares com vários campos científicos, dentre eles:

- O campo da Comunicação Social, a fim de contextualizarmos de forma mais aprofundada as características do jornalismo popular e suas múltiplas formas, o que nos ajudará a compor uma análise da prática particular mais coesa a respeito do objeto de pesquisa. O diálogo com a Comunicação Social também nos permitirá investigar as condições de produção, distribuição e consumo e distribuição dos textos enquanto produtos jornalísticos.
- O campo das Ciências Sociais, por meio do qual aprofundaremos a partir dos resultados das análises linguísticas a investigação no que concerne às relações de classe social (representação de pessoas em situação de pobreza), gênero (legitimação da violência contra mulheres), e violência (representação de eventos de violência de forma jocosa), conforme representadas nos textos.

Considerando que a Análise de Discurso Crítica, teoria e método utilizados para nortear os rumos da pesquisa e fundamentar as análises, possui um caráter emancipatório, ou seja, objetiva a mudança social de condições de desigualdade para condições de igualdade, acredito que a análise em si já serve como contribuição à sociedade uma vez que sua leitura objetiva despertar uma consciência crítica no leitor.

Do ponto de vista científico, reitero a relevância da pesquisa com base no diálogo que ela pretende estabelecer com outras pesquisas relevantes já desenvolvidas anteriormente, a saber: Richardson (2001; 2004; 2007) Richardson and Franklin (2004) van Dijk (1988; 1991); Fowler (1991); Fowler *et al.*, (1979), Fairclough (1995b). Minha

aspiração é contribuir, ainda que de forma pontual, para o avanço do campo teórico que se presta a analisar o discurso jornalístico tendo como fundamento a Análise de Discurso Crítica.

A dissertação encontra-se dividida em quatro capítulos e está organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo, detalhamos as bases teóricas da Análise de Discurso Crítica; no segundo capítulo, detalhamos a abordagem e os instrumentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa; no terceiro capítulo, apresentamos uma análise da prática particular do jornalismo; no quarto capítulo, apresentamos a análise propriamente dita, que consiste em uma descrição-explanatória dos dados do *corpus*. Ou seja, partiremos da análise linguística dos dados para podermos realizar de forma eficaz uma crítica social a respeito do problema de pesquisa.

As questões que norteiam essa pesquisa são as seguintes:

1. Como são representadas as vítimas e seus agressores nas notícias?
2. Como são representados os atos de violência e sua motivação?
3. Os textos representam a violência como algo banal? Em caso afirmativo, isso ocorre apenas quando envolve pessoas da periferia, ou seja, pessoas em situação de pobreza?
4. É possível afirmar que essas representações, tais como apresentadas, servem para legitimar práticas de dominação?

Essa pesquisa tem é essencialmente documental e de caráter qualitativa. Seu *corpus* analítico é composto de 25 notícias, coletadas respeitando a aplicação de três diferentes recortes: geográfico, temporal e qualitativo. Além da coleta das notícias foi realizada entrevista com o diretor e fundador da publicação, Sr. Miguel Mourão. Para a análise sistemática das notícias optei por analisar as categorias de representação de atores sociais (dentre os quais elenquei os atores sociais vítimas, agressores/as e autoridade policial como foco), representação da causalidade, representação do evento de violência e do local de ocorrência do evento.

Capítulo 1 - Análise de Discurso Crítica: Arcabouço Teórico

Nesse capítulo traço um panorama da Análise de Discurso Crítica, que compreende desde seu surgimento, a partir de desdobramentos no escopo da Linguística Crítica até o estado atual da arte. Também cito e comento algumas de suas principais características, bem como procuro relacionar alguns conceitos-chaves da teoria à minha pesquisa, tendo em vista as perspectivas ontológicas e epistemológicas que nortearam a feitura da dissertação.

1.1 Introdução e breve histórico da ADC

A Análise de Discurso Crítica (ADC), teoria e método que fundamenta e norteia esta pesquisa, teve sua origem em desdobramentos teóricos ocorridos no escopo da Linguística Crítica (LC) em meados dos anos 1970. A LC, conforme definido por um de seus fundadores, Roger Fowler, tinha o objetivo de “usar a análise linguística para expor representações falsas e discriminações em diferentes tipos de discursos públicos” (FOWLER, 2004, p. 207). Contudo, não se trata da mesma abordagem, conforme pontua Izabel Magalhães:

Enquanto a LC desenvolveu um método para analisar uma pequena amostra de textos, a ADC desenvolveu o estudo da linguagem como prática social, com vistas à investigação de transformações na vida social contemporânea (MAGALHÃES, 2005, p.3)

A esse respeito, Magalhães (2005) salienta que representar a ADC como mera continuação daquela é simplificar todos os esforços teóricos e metodológicos que culminaram com a consolidação da ADC e com o avanço do estado da arte, em termos teóricos e metodológicos, graças a inúmeros pesquisadores, dentre eles: Fairclough (1989, 1992, 1995a, 1995b, 2000, 2001, 2003); Wodak (1996); Chouliaraki e Fairclough (1999); van Dijk (1985, 1986, 1998, 2008), Thompson (2009), van Leeuwen (2008), Magalhães (2005); Resende e Ramalho (2006); Resende (2009).

Desta forma, apesar da relação de precedência da LC em relação à ADC, podemos considerar esta última como uma ampliação em termos de desenvolvimento da teoria e método do qual se originou. Atualmente, grande parte do mérito da ADC tem sido a problematização e a desnaturalização de dilemas contemporâneos de cunho parcialmente discursivo. Podemos relacionar esses dilemas diretamente às preocupações da ADC em analisar questões referentes às mudanças sociais de cunho discursivo, decorrentes e/ou causadoras da nova conjuntura econômica e sociocultural conhecida como modernidade posterior, capitalismo tardio, novo capitalismo, etc – que compreende, segundo Giddens (1991), as transformações econômicas e socioculturais das últimas três décadas do século XX. É inegável o fato de que “há uma necessidade urgente de teorização e de análises críticas da modernidade posterior que possam não apenas iluminar o novo mundo que está emergindo, mas também indicar as direções alternativas não realizadas existentes” (Chouliaraki e Fairclough, 1999, p. 4).¹

Estas questões, por sua vez, têm como viés a investigação de relações desiguais de poder, que possuem caráter ideológico, como por exemplo: o racismo; a discriminação baseada na classe e/ou no gênero social; o controle e manipulação institucional; a violência; a constituição e legitimação de identidades nacionais; a questão da autoidentidade; a questão da identidade de gênero; o problema da exclusão social; a desigualdade e exploração no trabalho, nos tribunais; estratégias políticas e práticas comerciais.

Segundo Resende (2009), a ADC como teoria possui aspectos tanto heterogêneos quanto homogêneos. O aspecto heterogêneo da teoria refere-se à existência de diferentes abordagens, cada uma delas privilegiando escopos analíticos dos mais diversos e tendo como representantes, dentre outros: Norman Fairclough, Teun Van Dijk, Ruth Wodak, Kress e Van Leeuwen. Apesar de possuírem focos de interesses analíticos diferenciados, nota-se um estreitamento teórico que acaba por inter-relacionar todas as abordagens supracitadas. Apesar da pluralidade de vertentes e abordagens, Blommaert (2005) observa que a teoria permanece homogênea em termos de objetivos teóricos e propostas metodológicas, e mantém características comuns.

¹ Todas as traduções, quando não especificada, são de minha autoria.

Considerando o pluralismo de abordagens que configuram o campo de investigação que é a ADC, portanto, entendo que é pertinente explicitar minha filiação teórica não apenas a esta teoria, mas à respectiva vertente a qual adoto como abordagem metodológica norteadora. Minha filiação teórica é orientada pela abordagem de ADC de vertente britânica, proposta por Norman Fairclough (2001; 2003). Em sua versão de ADC, o linguista britânico “sugere que pesquisas discursivas críticas estejam baseadas na identificação de problemas sociais parcialmente discursivos que possam ser investigados por meio da análise situada de textos” (Resende, 2009, p. 12).

1.2 Características fundamentais

Gostaria de introduzir algumas das características que considero fundamentais na Análise de Discurso Crítica como teoria. A primeira delas é a que vincula a ADC a uma perspectiva funcionalista da linguagem, uma vez que o foco de interesse da ADC não se encontra restrito à interioridade do sistema linguístico, e considera que as “funções externas são responsáveis pela organização interna do sistema linguístico” (Resende e Ramalho, 2006, p. 12). É relevante salientar que a ADC não considera a linguagem apenas como mero instrumento de comunicação, mas também um meio de dominação. “A linguagem é um meio de dominação e de força social, servindo para legitimar as relações de poder estabelecidas institucionalmente” (Pedrosa, 2005, p. 3).

A ADC considera a noção de linguagem em um sentido amplo, que inclui formas de semiose além da linguagem verbal. De forma geral, podemos afirmar que as semioses incluem todas as formas de criação de significado – as imagens, a linguagem corporal, e também a língua. Portanto, a noção de texto (unidade mínima de análise em ADC) é uma noção ampla que abarca textos verbais e não verbais desde que realizem seu potencial semiótico de veiculação de significados. A respeito dos efeitos de textos na vida social, com seu potencial para influenciar o mundo material e transformá-lo, Fairclough (2003, p. 8) afirma que “textos possuem efeitos causais sobre as pessoas e contribuem para mudar suas crenças, atitudes, ações, relações sociais e o mundo material”.

Outra característica relevante é a da inscrição da teoria no campo das ciências críticas. Segundo van Dijk (1986), as ciências críticas de modo geral não se detêm apenas em problemas puramente acadêmicos ou teóricos, mas tomam como pontos de partida problemas sociais contemporâneos.

A crítica supõe que existe um certo grau de distorção já instalada que se apresenta como realidade. A crítica busca remover esta distorção e assim tornar possível a liberação do que foi distorcido. Por conseguinte, ela implica uma concepção de emancipação. (CONNERTON, 1976, p. 20 *apud* FOWLER, 2004, p. 209)

Por conta desse caráter crítico, a ADC vislumbra a mudança social, o que compreende seu caráter emancipatório. Desta forma, as pesquisas em ADC nunca têm como objetivo final a análise linguística *per se*. Em ADC, a análise linguística é senão um meio para identificar as marcas linguístico-discursivas que permeiam os discursos ideológicos.

Ao analisar relações sociais de desigualdade espera-se não apenas identificar os mecanismos linguísticos que materializam discursos de dominação ou as redes de práticas sociais que sustentam tais discursos, mas almeja-se alterar a própria estrutura de dominação, de forma a favorecer a emancipação ou ao menos possibilitar a conscientização destes indivíduos diante de sua própria realidade de dominação. Por este motivo, conforme destaca Caldas-Couthard (1996):

A Análise de Discurso Crítica é essencialmente política em seu propósito com seus praticantes agindo sobre o mundo para transformá-lo e com isso contribuir para criar um mundo no qual as pessoas não sejam discriminadas devido a sexo, credo, idade, ou classe social. (CALDAS COUTHARD, 1996, xi *apud* MAGALHÃES, 2005, p. 5)

Por esses motivos, o posicionamento do/a pesquisador/a, evitado em muitas ciências rígidas e até mesmo em algumas abordagens de ciências da linguagem, é imperativo em ADC. Afinal de contas, a própria seleção do tema de pesquisa parte de um posicionamento do/a próprio/a analista em face de um problema social que ele/ela considera relevante e de caráter ideológico.

Portanto, é inútil simular uma neutralidade quando toda pesquisa é nada senão o resultado de sucessivas escolhas, escolha do tema, escolha de recortes a serem aplicados ao *corpus*, escolha de uma teoria e de métodos de investigação etc. E escolhas são sempre

subjetivas, mesmo na tessitura científica. Assumir que nossas pesquisas não são neutras não equivale a abrir mão da objetividade, do rigor científico etc. É, entretanto, o primeiro passo para a reflexão do papel social da ciência, pensando a teoria para fins práticos e relevantes, conforme sugere Rajagopalan (2003):

E, aos poucos, o linguista vai recuperando seu verdadeiro papel enquanto cientista social, com um importante serviço a prestar à comunidade, e, com isso, contribuir para a melhoria das condições de vida dos setores menos privilegiados da sociedade à qual pertence. (Rajagopalan, 2003, p. 123)

Para finalizar, resta falarmos a respeito da interdisciplinaridade em análises de discurso críticas, tão produtiva em termos de contribuições e diálogos. Vemos que em se tratando de pesquisas em ADC comumente é estabelecido diálogo entre esta abordagem de estudo da linguagem e outras teorias, especialmente teorias sociais. De forma geral, cada pesquisa, de acordo com os objetivos e interesses do/a analista, possui potencial para estabelecer diálogos diversos com inúmeras disciplinas, como a Sociologia, a Psicologia Social, a Comunicação etc. Segundo Ramalho e Resende (2011, p. 19), “essa heterogeneidade de abordagens – essa abertura para a diferença é o que impulsiona a ADC para um aperfeiçoamento constante”.

1.3 Conceitos-chaves em ADC e sua correlação com esta pesquisa

Vários conceitos são centrais à teoria em ADC, mas gostaríamos de destacar alguns deles pela correlação com nosso objeto de pesquisa. São eles: a noção de discurso como prática social, a noção de poder como hegemonia e a noção de ideologia como forma de dominação. Fairclough (2003a) expõe sua visão acerca da vida social constituída por uma rede interconectada de práticas sociais econômicas, políticas, culturais, religiosas etc., cada uma delas contendo um elemento semiótico. Segundo o autor (2003a):

A motivação para centrarmos-nos nas práticas sociais fundamenta-se no fato de que elas permitem combinar a perspectiva da estrutura e a perspectiva de ação - uma prática é, por um lado, uma forma relativamente permanente de atuar no social, forma que é definida pela sua posição no interior de uma rede estruturada de práticas e, por outro lado, um domínio de ação e interação social que além de reproduzir as estruturas possuem o potencial de transformá-las. (FAIRCLOUGH, 2003a, p. 180).

Essa concepção faircloughiana considera, portanto, a relação entre discurso e sociedade como sendo dialética, uma vez que entende que o discurso é moldado pela estrutura social, mas é também constitutivo da estrutura social. (Resende e Ramalho, 2006, p.27). Para Fairclough (2001), o discurso é tanto uma forma de ação quanto uma forma de representação, uma vez que constantemente agimos e representamos discursivamente o mundo social à nossa volta. Portanto, ao enunciarmos estamos constantemente representando discursivamente nossas crenças, valores e idéias, que podem estar vinculadas a ideologias de dominação, mas também a discursos emancipatórios.

Quando ouvimos uma pessoa se referindo a um evento como “ação policial” e outra pessoa se referindo ao mesmo evento como “crime” ou, ainda, uma se referindo a alguém como “jovem” e outra como “delinquente”, fica claro o que significa representar o mundo de maneiras particulares, que revelam também modos também particulares de ver e entender o mundo, as pessoas, as relações sociais, as lutas de poder. Essas diferentes perspectivas do mundo [...] podem ser disseminados como se fossem universais, isto é, como se essa representação particular fosse a mais correta, a mais justa, legítima e aceitável. (RAMALHO e RESENDE, 2011, p. 17-18).

O discurso, portanto, possui um caráter ambivalente, podendo servir tanto de prática ideológica quanto prática emancipatória.

Como prática ideológica, o discurso constitui, naturaliza, mantém e também transforma os significados de mundo nas mais diversas posições das relações de poder. Como prática política, o discurso estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas em que existem tais relações. (PEDROSA, 2005, p. 2).

Considerando as relações entre evento discursivo, prática social e estrutura, é possível afirmar que o foco deste trabalho é analisar uma prática discursiva particular, que é a representação preconceituosa de pessoas em situação de pobreza. Contudo, a rigor, uma

investigação deste porte abriria espaço para a análise de um número muito grande de textos nos quais esta representação se encontra materializada, de forma que, a fim de situar a pesquisa, foi realizada a escolha de um conjunto particular de textos que materializam esse discurso preconceituoso – as notícias da seção *Boletim de Ocorrência* do jornal *Maskate*. Esses textos, por sua vez, constituem produtos de eventos discursivos. Por meio da investigação analítica das notícias (produtos de eventos discursivos) e da compreensão e aprofundamento da questão da representação de pessoas em situação de pobreza em textos policiais (prática discursiva), espero chegar a uma compreensão aproximada da estrutura social que sustenta essa prática discriminatória. Para isso, relato esta pesquisa em forma de dissertação (que também é produto de um evento discursivo particular) situado dentro da prática social da produção acadêmica e que também é igualmente estruturada socialmente.

No primeiro caso assim como no último, temos exemplificado que tanto os textos que analiso (notícias) quanto o texto que pretende analisá-los (dissertação) são produtos de eventos discursivos, que apesar de pertencerem a naturezas genéricas distintas posicionam-se no mundo representando por meio do discurso posições divergentes a respeito de um tema comum: a representação de pessoas em situação de pobreza. Considero que no caso das notícias do *Maskate* o discurso figura como prática ideológica, enquanto no caso desse trabalho o discurso toma contorno de prática emancipatória. Utilizamos esse exemplo como forma de ilustrar a parte que consideramos central a respeito do discurso como prática social, sua ambivalência, que sustenta que apesar de (re)produzir estruturas de dominação, ele também tem a capacidade de transformá-las.

Cabe ressaltar que o discurso em ADC é visto como um de vários momentos que compõem as práticas sociais, a saber: relações sociais, poder, práticas materiais, crenças/valores/desejos e instituições/rituais.

Quanto à noção de *poder como hegemonia* em ADC, esta foi trazida de Gramsci (1988) e entende que o poder é sustentado de um modo relativamente estável, ou seja, é temporário e não uma força de coação da estrutura sobre o indivíduo, da qual é impossível se libertar. Essa noção gramsciana se coaduna com a possibilidade de superação das situações de desigualdade e de assimetria de poder. A *ideologia como forma de dominação* também está relacionada diretamente a esta noção, uma vez que, conforme sustenta Eagleton, (1997, p.105-106), “há distintas maneiras de se instaurar e sustentar

temporariamente a hegemonia. A ideologia é uma dessas maneiras de assegurar o consentimento por meio de lutas de poder levadas a cabo no nível da significação e do momento semiótico”.

Conforme ilustra Thompson (2009), o termo *ideologia* ganhou várias conotações ao longo da história, sendo alguma delas consideradas *positivas*, *neutras* ou *negativas*. Apesar de estabelecer um panorama histórico destas muitas conotações que o termo ganhou ao longo dos anos, Thompson (2009) deixa claro que o termo ideologia é inerentemente negativo. Segundo ele, “ideologia é o sentido a serviço do poder” (Thompson, 2009, p. 16). Ainda a esse respeito, Fairclough (1989) diz que a ideologia é tão mais eficaz quanto menos visível. Por isso, conforme ressaltam Ramalho e Resende (2011) é tão relevante a contribuição da ADC em seu processo de desnaturalização.

Se reproduzimos acriticamente um aspecto problemático do senso comum, a ideologia segue contribuindo para sustentar desigualdades. Se, ao contrário, desvelamos, desnaturalizamos o senso comum, de maneira consciente, existe a possibilidade de coirmos, anularmos seu funcionamento ideológico. (RAMALHO e RESENDE, 2011, p. 25-26).

Daí a importância da Análise de Discurso Crítica, uma vez que contribui para o desvelamento de relações desiguais de poder, de injustiça, promovendo assim a conscientização dos indivíduos.

1.4 Perspectivas Ontológicas e Epistemológicas

Nesta seção, pretendemos revisar de forma sucinta a congruência entre as perspectivas ontológicas e epistemológicas que balizam respectivamente a visão da Análise de Discurso Crítica acerca da realidade social e o modo como percebe ser possível produzir conhecimentos acerca desta mesma realidade. Em seguida, buscaremos especificar a natureza social dos fenômenos que pretendemos investigar com esta pesquisa e refletir sobre os meios epistemológicos para acessar tal realidade de forma a produzir conhecimento a respeito dela.

O conceito de ontologia relaciona-se com a visão que temos do mundo, da realidade social. Tomamos a realidade como algo fundamentalmente claro e evidente, mas o fato é que “não há uma verdade universal que possa ser tomada como tácita; a adoção de uma perspectiva ontológica clara no mundo social deve, então, ser o primeiro passo na definição de um planejamento de pesquisa” (Resende, 2009, p. 19). A concepção ontológica da versão de ADC que orienta esta pesquisa, desenvolvida por Fairclough (2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999) considera a realidade estratificada com base no Realismo Crítico (RC) conforme desenvolvido por Roy Bhaskar (1989). Segundo essa perspectiva ontológica, a vida social é estratificada em um sistema aberto composto por três estratos: o *potencial*, o *realizado*, e o *empírico*.

O estrato do *potencial* refere-se às estruturas e poderes dos elementos sociais; o *realizado* ao que ocorre como resultado da ativação desses poderes; e o *empírico* compreende o que podemos observar enquanto efeito das estruturas, das potencialidades e das realizações. Essa proposta de percepção estratificada da realidade evita uma abordagem realista ingênua, pois não considera o que existe como equivalente do que poderia existir. Ou seja, sustenta basicamente uma percepção dialética de que a realidade não “é” de forma permanente, imutável e sim que “está”, deixando abertura para a transformação de relação entre estrutura e ação social, que se coaduna com o caráter emancipatório em ADC, ou seja, existe sempre a possibilidade do “vir-a-ser”. É importante ressaltar, contudo, que a relação entre estrutura e ação não é dialética, “não constituem dois momentos de um mesmo processo” (Bhaskar, 1989, p. 214). Resende (2009) problematiza essa condição transformacional afirmando que:

Dizer que não constituem dois momentos de um mesmo processo significa dizer que não são simultâneas, que há uma assimetria entre esses dois elementos, pois as estruturas são sempre prévias à ação. As sociedades são sempre prévias aos indivíduos, que nunca as criam, apenas as reproduzem ou transformam. (Resende, 2009, p. 130)

Outro aspecto essencial quando do desenho de qualquer pesquisa diz respeito às escolhas de caráter epistemológico. De acordo com Páramo e Otálvaro (2006) a postura epistemológica refere-se ao conjunto de pressuposições das quais nos valem para orientar nossa busca pelo conhecimento, enquanto a epistemologia diz respeito aos modos por meio

dos quais a realidade social pode ser conhecida. A ADC deixa em aberto inúmeras possibilidades de escolhas neste sentido, desde que haja congruência entre escolhas ontológicas, epistemológicas e metodológicas, conforme lembram Ramalho e Resende (2011).

No caso desta pesquisa, meu objetivo principal é identificar discursos potencialmente ideológicos presentes nas notícias do *Boletim de Ocorrência* do *Maskate*, refletir sobre seus efeitos potenciais, e não apenas desnaturalizá-los através da análise sociodiscursiva, mas refletir sobre formas de superação, de desarticulação da prática de representação que ridiculariza e representa de forma preconceituosa pessoas em situação de pobreza nas notícias policiais. Desta forma, podemos elencar como principais componentes ontológicos da pesquisa a representação das *relações sociais* (uma vez que nos ocuparemos da representação das vítimas e agressores nas notícias); as *relações de classe* (considerando o padrão de representação de pessoas em situação de pobreza); *discursos ideológicos* (acerca da criminalização da pobreza e a estereotipação da periferia) e *relações assimétricas de poder* (levando em conta a representação preconceituosa de pessoas em situação de pobreza nos textos midiáticos, consideramos discutir a que grupo social essa representação interessa e por que). O modo através do qual iremos explorar estes objetivos analíticos, ou seja, as escolhas incluem: pesquisa qualitativa de caráter primordialmente documental, mantendo diálogos transdisciplinares com o campo da Comunicação, da Psicologia Social e da Sociologia. As formas específicas (métodos) que serão utilizadas como instrumentos de coleta e geração de dados serão explicitadas no capítulo seguinte.

Capítulo 2 - Metodologia

O objetivo desse capítulo é caracterizar o modo como a Análise de Discurso Crítica, além de arcabouço teórico, constitui um conjunto de ferramentas metodológicas que são úteis para essa pesquisa e descrever o modo como elas serão utilizadas quando do tratamento composicional e analítico do *corpus*. Para isso apresento as questões de pesquisa que norteiam o trabalho, defino e problematizo a seleção de recortes que utilizo, e estabeleço as categorias de análise a serem aplicadas de forma coadunada com os objetivos de pesquisa.

2.1 A metodologia da pesquisa social qualitativa

Conforme argumentamos no capítulo anterior, a ADC é tanto uma teoria quanto um método de investigação. Por meio do arcabouço metodológico da ADC, é possível realizar pesquisas sociodiscursivas qualitativas baseadas em diversos tipos de textos, principal material empírico de pesquisas em ADC. A rigor, pesquisas em ADC costumam utilizar o paradigma qualitativo de investigação que se coaduna com muitas de suas características e métodos.

Por definição, a pesquisa qualitativa “consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” (Denzin e Lincoln, 2006, p. 17 *apud* Ramalho e Resende, 2011, p. 74) e “trabalha, acima de tudo, com textos. [...] Muito resumidamente, o processo de pesquisa qualitativa pode ser representado como sendo um caminho da *teoria ao texto* e outro caminho *do texto de volta à teoria*” (Flick, 2009b, p.14).

Desta forma, acreditamos que a pesquisa qualitativa nos permite compreender melhor determinados aspectos do mundo (de acordo com os objetivos definidos) de uma forma a descrevê-los e decodificá-los dentro do complexo sistema de significados que compõe a realidade social. Pesquisas qualitativas são também consideradas interpretativas. Como em ADC não estamos preocupados/as exclusivamente com a descrição linguística de

dados, mas também com sua interpretação, essa característica de pesquisas qualitativas serve aos propósitos metodológicos da ADC.

O caráter desta pesquisa é essencialmente documental. “A técnica documental vale-se de documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor. [...] É uma das técnicas decisivas para a pesquisa em ciências sociais e humanas” (Sá-Silva *et al.*, 2009, p.3). Ramalho e Resende (2011, p. 93) colocam que, neste tipo de pesquisa, o principal material empírico são os dados de natureza formal, ou seja, dados que dependem de conhecimento especializado para que sejam produzidos. Como exemplo, as autoras citam os textos midiáticos, jurídicos, oficiais, entre outros.

Nesta pesquisa, são utilizadas duas fontes de dados. Como fonte principal de material empírico, utilizo dados de natureza formal (textos midiáticos, mais especificamente notícias policiais). Contudo, utilizo outra fonte informal de dados (entrevista com o diretor do *Maskate*) na esperança de complementar a análise e ter acesso a informações úteis a respeito das redes de práticas relacionadas à produção, distribuição e consumo das notícias. Fairclough (2003b, p. 179) define método como “uma técnica, como uma ferramenta em uma caixa de ferramentas à qual é possível recorrer quando se necessita, para logo se devolver à caixa de ferramentas”. Deste modo, podemos considerar a ADC também como um método. Chouliaraki e Fairclough (1999) propuseram o arcabouço teórico-metodológico que tem orientado grande parte das pesquisas recentes em ADC, composto de cinco etapas principais conforme vemos no quadro 1, no qual nos baseamos para realizar o desenho de nossa própria pesquisa.

Quadro 1 – Arcabouço teórico-metodológico da ADC (Chouliaraki e Fairclough, 1999, p. 60).

Percepção de um problema social com aspectos semióticos
Identificação de obstáculos para que o problema seja solucionado <i>análise de conjuntura</i> <i>análise da prática particular</i> <i>análise de discurso</i>
Investigação do problema social na prática
Investigação de possíveis modos de ultrapassar os obstáculos
Reflexão sobre a análise

Ramalho e Resende (2011), baseadas em Mason (2002) orientam que o esquema interpretativo da pesquisa deve coadunar decisões acerca da ontologia (modo de

compreender a ‘realidade social’), da epistemologia (definição do objetivo e das questões de pesquisa, ou seja, dos conhecimentos que se espera obter acerca da ‘realidade’) e da metodologia (das ferramentas que nos permitirão acessar estes conhecimentos). Segundo as autoras, que reconfiguram a ordem do esquema interpretativo originalmente proposto por Bauer, Gaskell e Allum (2005):

Uma enumeração adequada a descrever os passos de um planejamento de pesquisa seria: (1) decisões de caráter ontológico; (2) decisões de caráter epistemológico; (3) decisões de caráter metodológico voltadas às estratégias para coleta/geração de dados; (4) decisões de caráter metodológico voltadas às estratégias para a sistematização e análise de dados. (RAMALHO e RESENDE, 2011, p. 76).

Busquei seguir essa mesma orientação quando da elaboração de meu próprio esquema interpretativo. Nesse segundo em particular, exploro aspectos epistemológicos, definindo meu objetivo e delimitando as questões de pesquisa norteadoras para, por último, dedicar-me aos aspectos metodológicos compreendidos aqui pelo estabelecimento de estratégias de coleta e geração de dados que me ajudarão, a responder as questões de pesquisa, e de seleção de critérios para a sistematização dos dados por meio da seleção de categorias analíticas norteadoras, que culminarão com uma maior organização do *corpus* e, por fim, com as análises.

2.2 Das questões de pesquisa à composição do *corpus*

O objetivo desta pesquisa é investigar a presença do discurso preconceituoso contra pessoas em situação de pobreza na seção *Boletim de Ocorrência* do jornal *Maskate*, que utiliza o humor como estratégia de livre veiculação e aceitabilidade desse discurso. Para tanto, identificarei os mecanismos linguístico-discursivos através dos quais estas representações são realizadas textualmente, refletindo sobre seus efeitos potenciais. As questões de pesquisa norteadoras são as seguintes:

1. Como são representadas as vítimas e seus agressores nas notícias?
2. Como são representados os atos de violência e sua motivação?
3. Os textos representam a violência como algo banal? Em caso afirmativo, isso ocorre apenas quando envolve pessoas da periferia, ou seja, pessoas em situação de pobreza?
4. É possível afirmar que essas representações, tais como apresentadas, servem para legitimar práticas de dominação?

Busco detalhar, agora, a relação entre os componentes ontológicos que esperamos acessar, os componentes epistemológicos (ou seja; como acredito ser possível gerar conhecimento sobre as questões levantadas) e os componentes metodológicos, que abrangem os métodos e técnicas que utilizo a fim de acessar tais conhecimentos. Considero a pesquisa como dividida em três dimensões básicas: representação de relações sociais, representação da violência e ideologia(s) e efeito(s) de sentido.

Na primeira dimensão, a representação das relações sociais, os componentes ontológicos que pretendo acessar são as representações de relações sociais, e a questão de pesquisa que vamos investigar é a seguinte: 1) Como são representadas as vítimas e seus agressores? A fim de responder a essa questão de pesquisa, utilizo as notícias como material empírico base para a análise sociodiscursiva.

Na segunda o componente ontológico que busco acessar são as representações de relações assimétricas de poder. A questão de pesquisa norteadora dessa dimensão é: 2) Como são representados os atos de violência e sua causalidade motivadora? Novamente utilizo as notícias como material empírico básico de análise.

Na terceira e última dimensão da pesquisa, espero acessar dois componentes ontológicos distintos: representações de relações de classe social e discursos ideológicos. As questões de pesquisa que se relacionam a esses componentes são: 3) Os textos representam a violência como banal? Em caso afirmativo, isto ocorre apenas quando envolve pessoas da periferia, ou seja, pessoas em situação de pobreza?; e 4) É possível afirmar que estas representações, tais como apresentadas, servem para legitimar práticas de dominação? Para a terceira questão de pesquisa, utilizo também como método de acesso a

análise das notícias. A seguir, apresento um quadro que resume de forma sucinta a relação entre os três eixos desta pesquisa:

Quadro 2 – Resumo do esquema ontológico-epistemológico-metodológico

Dimensões da Pesquisa	Componentes Ontológicos	Componentes Epistemológicos (Questões de Pesquisa)	Componentes Metodológicos (Fontes de Dados)	Método de Análise
Relações Sociais	Representação de relações sociais	1. Como são representadas as vítimas e seus agressores nas notícias?	Dados coletados (notícias)	Análise sociodiscursiva
Violência	Representação de relações assimétricas de poder	2. Como são representados os atos de violência e sua motivação?	Dados coletados (notícias)	Análise sociodiscursiva
Ideologia(s) e Efeito(s) de Sentido	Representação de classe social e discursos ideológicos	3. Os textos representam a violência como algo banal? Em caso afirmativo, isso ocorre apenas quando envolve pessoas da periferia, ou seja, pessoas em situação de pobreza? 4. É possível afirmar que essas representações, tais como apresentadas, servem para legitimar práticas de dominação?	Dados coletados (notícias)	Análise sociodiscursiva

Como é possível observar no Quadro 2, nossa fonte principal de dados é composta pelo conjunto de vinte e cinco notícias da seção *Boletim de Ocorrência* (dados coletados). No entanto, outra fonte de dado complementar foi utilizada a fim de traçar o perfil da publicação. Trata-se de uma entrevista realizada com o diretor da publicação (dado gerado), cuja transcrição encontra-se na seção Anexos.

Uma vez que utilizo a distinção entre *dados coletados* e *dados gerados*, acho por bem explicitá-la. Resende (2009, p. 57-58) considera como dados coletados aqueles que já estão disponíveis, independente do trabalho do/a pesquisador/a, ou seja, já estão disponíveis na vida social. Os dados coletados nesse trabalho correspondem, portanto, às notícias policiais. Já os dados gerados demandam a ida a campo e a realização de interações especificamente organizadas, gerando espaços de interlocução por meio da utilização de técnicas específicas. No caso desta pesquisa, o único dado gerado é constituído pela transcrição de entrevista semiestruturada realizada com o diretor da publicação.

Apesar de a pesquisa não envolver pessoas vulneráveis, pois é essencialmente documental, e que as únicas entrevistas que esperávamos realizar seriam com os próprios jornalistas da publicação, levamos em consideração aspectos éticos, afinal de contas “seja como for, todos os aspectos da pesquisa, desde a decisão do tema até a identificação da amostra, a condução da pesquisa e a publicação das descobertas, possuem implicações éticas” (Flick, 2009b, p. 54).

Flick (2009a, p. 96) relata que a violação de boas práticas de pesquisa, especialmente nas ciências naturais, por meio de manipulação e falsificação de dados nos últimos anos, atraiu a atenção pública e como consequência, fez com que a maioria das sociedades acadêmicas elaborasse seu código de ética. As próprias universidades que realizam pesquisa, ressalta a autora, contam com comitês institucionais cujo enfoque é proteger todos/as os/as participantes do processo de pesquisa. Por isso, achei por bem submeter proposta de meu projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas (CEP/IH)² da Universidade de Brasília para apenas após dia 8 de dezembro de 2010, data da aprovação do projeto junto ao CEP/IH, dar início à coleta e geração de dados.

Antes de planejar a viagem de campo, foi realizado contato formal com o jornal por meio de correio eletrônico. Enviei uma mensagem ao diretor do jornal, Sr. Miguel Mourão, no dia 28 de janeiro de 2011 na qual constava uma breve apresentação da pesquisadora, e um detalhamento do projeto de pesquisa. Na mesma mensagem foi solicitada a colaboração do jornal para realizar uma entrevista que geraria dados para minha pesquisa acerca do histórico e perfil da publicação, perfil do leitor, e informações específicas a respeito da seção *Boletim de Ocorrências*. No dia 1º de fevereiro de 2011 recebi resposta à minha mensagem, na qual o diretor da publicação se mostrou disposto a colaborar e se colocou à disposição.

² O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas (CEP/IH) é um órgão colegiado, interdisciplinar e independente, de natureza consultiva, deliberativa e educativa, que se inspirou na Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). O CEP/IH tem por finalidade registrar, revisar eticamente, monitorar e acompanhar as pesquisas envolvendo seres humanos, especialmente aquelas desenvolvidas no âmbito das Ciências Humanas e Sociais e vinculadas à Universidade de Brasília, visando defender os interesses dos sujeitos das pesquisas em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Desta forma, planejei uma curta viagem a Manaus (do dia 22 ao dia 26 de Março de 2011) com dois objetivos em mente: coletar as edições do jornal que me serviriam de material empírico para realização da análise sociodiscursiva; bem como realizar entrevista semiestruturada com grupo focal composto por todas as pessoas envolvidas na concepção e elaboração da seção *Boletim de Ocorrência*.

A seguir apresento um quadro que resume as duas diferentes fontes de dados utilizados para a realização desta pesquisa e os critérios que considere para a realização da coleta/geração de dados.

Quadro 3 – Dados utilizados na pesquisa

Dados	Crítérios a serem considerados
A. Notícias da seção <i>Boletim de Ocorrência</i> B Entrevista com o diretor-fundador do jornal	- Tipo de dado (gerado/coletado) - Relevância da fonte para a pesquisa - Recorte utilizado (espacial, temporal, qualitativo) - Técnica utilizada - Dificuldades encontradas - Resultado

A. Notícias da seção *Boletim de Ocorrência*

As notícias ocupam a primeira posição hierárquica dos dados de forma proposital, uma vez que as consideramos como os dados mais relevantes para a realização da análise sociodiscursiva sobre a representação preconceituosa de pessoas em situação de pobreza no jornal em foco. Trata-se de dados coletados, uma vez que se encontram disponíveis na vida social antes mesmo de iniciada a pesquisa. Apesar de disponibilizar diariamente, na íntegra e de forma gratuita, versão digital do jornal, na Internet³ através do sistema de publicação digital MavenFlip⁴ encontrei certa dificuldade técnica, não em acessar as informações, mas ao tentar importar o conteúdo textual para editores de texto convencionais como o Word. Isto porque, ao contrário de páginas comuns da Internet, o sistema MavenFlip não permite

³ A página do jornal *Maskate* pode ser acessada através do endereço <<http://www.maskate.com.br>>.

⁴ Sistema de publicação digital de jornais e revistas que permite ao leitor ter acesso ao conteúdo integral da publicação, uma vez que é possível “folhear” virtualmente todo o conteúdo disponível *online*.

ao/à leitor/a simplesmente capturar a imagem da tela através do comando copiar, possivelmente como forma de proteção do conteúdo.

Também não conseguíamos salvar o conteúdo em formato compatível com editores de texto. Devido a esta barreira técnica, e aproveitando que em breve visitaria o jornal, optei por realizar a coleta documental *in loco*, de modo tradicional. Em seguida, iniciei o debate com a orientadora da pesquisa a fim de estabelecer os recortes que limitariam a coleta de dados de forma a obter um *corpus* passível de análise dentro do tempo disponível.

O primeiro critério, que já tinha sido aplicado quando da delimitação do tema, foi o *espacial*, uma vez que estamos analisando apenas notícias particulares, extraídas da seção policial *Boletim de Ocorrência*, de um jornal específico, o *Maskate*, da cidade de Manaus. Segundo Gil (2004) sendo a pesquisa eminentemente empírica, há a necessidade de delimitar o *locus* da observação: o local onde os processos em estudo ocorrem. O segundo critério aplicado foi o da delimitação *temporal*, que, segundo Gil (2004) compreende o período em que os processos serão circunscritos. Considerando que diariamente uma média de cinco notícias é publicada na seção *Boletim de Ocorrências*, optei por coletar 6 edições, que totalizariam aproximadamente trinta notícias. O período da coleta foi delimitado em seis meses consecutivos, considerando o recorte qualitativo a ser aplicado (apenas as edições da primeira segunda-feira de cada mês). A escolha pelas segundas-feiras deu-se porque esse dia costuma concentrar um maior número de notícias, devido ao aumento dos índices de violência aos finais de semana.

Quando cheguei à sede do jornal em Manaus, tive uma surpresa grata e outra infeliz. Com a ajuda de um funcionário do jornal, livre-me da barreira técnica que me impedia de acessar os textos, o que me impossibilitava de copiá-los ou mesmo de salvá-los. Isso contribuiu para que eu abandonasse a idéia de sair dali com várias edições impressas do jornal e realizasse a coleta das edições posteriormente, em Brasília. Contudo, me foi informado que o jornal não tinha edição às segundas-feiras, apenas às terças.

Pensei que resolver o problema seria fácil - este dia, então, passaria a compor o recorte qualitativo, como sendo o 'primeiro dia da semana' de circulação do jornal. Contudo, ao iniciar a coleta dos dados, o desejo de compor um *corpus* com seis edições de meses consecutivos também se mostrou impraticável, uma vez que para algumas datas a edição não se encontrava disponível no acervo, ao contrário do que me havia sido

informado. O problema foi resolvido com o seguinte ajuste: foram coletadas seis edições de forma não consecutiva no período de outubro de 2010 a junho de 2011. Apenas as edições que correspondem à primeira terça-feira de cada mês (conforme disponibilidade) foram coletadas. A coleta totalizou trinta notícias, mas algumas delas não se relacionavam a casos de violência, e sim a casos atípicos; estas notícias foram excluídas do *corpus*, pois meu interesse está na representação de atos de violência. Uma notícia relativa a crime ocorrido no interior do Estado, apesar de caracterizar ato de violência, também foi excluída. Desta forma, o *corpus* final é composto por vinte e quatro notícias.

B. Entrevista com o diretor-fundador do jornal

Marconi e Lakatos (1996) destacam o planejamento da entrevista como uma das etapas mais importantes da pesquisa, pela exigência de tempo e cuidados demandados para uma realização bem-sucedida. Dentre os cuidados requeridos, a autora cita: a definição dos objetivos a serem alcançados; a escolha do/a(s) entrevistado/a(s); questões relacionadas à disponibilidade; condições favoráveis e elaboração do roteiro ou formulário com as questões importantes. Nosso objetivo com a entrevista era o de gerar dados que facilitassem a realização da análise da prática particular, especialmente no que se refere à produção, consumo e distribuição das notícias.

Em princípio, eu pretendia realizar um grupo focal, que seria composto pelas pessoas envolvidas na redação da seção. Apesar de todo o planejamento, nem tudo saiu como esperado. No primeiro dia de visita ao *Maskate*, em 24 de março de 2011 à tarde, o Sr. Miguel Mourão, diretor do *Maskate* encontrava-se ausente. Fui informada de que seu retorno não era esperado, mas que deveria retornar no dia seguinte bem cedo. Assim fiz. Cheguei pela manhã e, após aguardar alguns minutos, fui recebida por ele.

Meu encontro com o diretor-fundador do jornal, que nos tratou de forma muito simpática apesar do pouco tempo disponível, durou cerca de trinta minutos. Apresentei-me, lembrei a ele o motivo da visita, ele assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, em seguida, foi informado de que a entrevista seria gravada em áudio. Por meio da entrevista, pude obter algumas informações que buscava acerca do histórico e perfil do jornal, do perfil dos leitores e informações sobre a distribuição. Estas informações

me ajudaram a compor o perfil da publicação, que se encontra detalhado no Capítulo 3. Contudo, quanto às informações mais relevantes acerca do meu objeto empírico, a seção *Boletim de Ocorrências*, não obtive respostas.

O diretor demonstrou muita cautela ao falar especificamente sobre a seção *Boletim de Ocorrência* e recusou-se a revelar a identidade dos/das autores/autora da publicação. Falou de forma enigmática ao sugerir um ex-diretor de jornal na cidade de Manaus como possível autor, e deu a entender que uma pessoa redigia as notícias dando o “tom de polícia” e que posteriormente os humoristas “faziam a glosa”. A intenção inicial de realizar o grupo focal foi abandonada tão logo percebi que sequer me seria revelado o nome do/das autores/autoras da seção, que, o diretor fez questão de pontuar, prefere(m) manter o anonimato. A entrevista foi gravada em formato digital e sua transcrição encontra-se em anexo. A seguir incluo o tópico-guia que serviu de base para a realização da entrevista.

Quadro 4 – Tópico-guia para as entrevistas semiestruturada

1. Constituição da Publicação (história / sucessos / dificuldades / parcerias / equipe / perfil dos leitores / tiragem diária).
2. Organização da publicação: perfil editorial / rotina de trabalho / fonte para as reportagens / justificativas para o uso da linguagem popular / justificativa para o tratamento da violência como algo risível na seção <i>Boletim de Ocorrência</i> .
3. Desde quando escreve para essa seção do jornal? Experiência.
4. Papel social da publicação junto à sociedade manauara
5. Fonte de notícias (boletins de ocorrências / vítimas / policiais)
6. A experiência com o trabalho nessa publicação (benefícios / dificuldades / sucessos / riscos)
7. Propósito da publicação (informar / divertir / ambos)

Por conta da impossibilidade da realização de entrevista com o autor das notícias, o acesso a algumas das questões foi comprometido, como nas de número 3 e 5. Além disso, cabe ressaltar que a entrevista serviu apenas como base para informações acerca do perfil da publicação. Ou seja, não apliquei a ela o mesmo tratamento analítico que realizei no *corpus*.

2.3 As categorias analíticas norteadoras

Para realizar as análises dos textos que compõem o *corpus*, utilizo primordialmente três diferentes modelos analíticos que, apesar de distintos, julgo complementares entre si. Todos os modelos utilizados baseiam-se em uma visão crítica da linguagem e da ciência da linguagem; e a escolha de três modelos diferentes justifica-se pelo enriquecimento que, em conjunto, eles oferecem em termos de respostas e em termos de possibilidades de interpretação.

O primeiro modelo é oferecido por Fairclough (2003), que sustenta que os textos de forma geral são divididos em três significados interconectados, porém passíveis de distinção para fins analíticos. São eles: o significado acional, o significado representacional e o significado ideacional. O significado acional, segundo Fairclough (2003), compreende uma faceta do discurso nas práticas sociais. Ou seja, uma das formas por meio da qual o discurso opera é através do agir. Desta forma, o discurso é ação, agimos por meio dele constantemente. Já no caso do significado representacional, o discurso figura como forma de representação. Diferentes pessoas, portanto, representam diferentes ‘visões’ de mundo em consonância com a posição que ocupam em determinada sociedade. Por fim, o significado ideacional refere-se ao modo de ser, a como os indivíduos constituem suas identidades sociais ou individuais.

Optei pela abordagem analítica de Fairclough (2003) por acreditar que a recontextualização⁵ proposta por ele agrega valor às análises, que além do enfoque linguístico são ampliadas para abranger o enfoque social. Com isso, acredito ser possível melhor compreender a estruturação social a partir da análise de textos resultantes de eventos discursivos particulares, a rede de práticas que se relacionam e eles, a fim de lançar luz sobre relações desiguais de poder (representação preconceituosa de pessoas em situação de pobreza, legitimação do uso da violência e ressignificação da violência como algo risível).

⁵ O método de pesquisa social qualitativa que utilizo para analisar os dados está de acordo com a proposta de Fairclough (2003), que, ao se basear na Linguística Sistêmico-Funcional (funcionalismo hallidayano), reorganizou-o a fim de abordar o discurso a partir dos três tipos de significados.

Nesta pesquisa, o foco da investigação está centrado no significado representacional. É nosso intuito explorar a representação dos atores sociais -- *agressor* e *vítima*; investigar a representação da motivação de cada ato de violência e verificar como são representados os próprios atos de violência enquanto eventos sociais, buscando sempre por padrões de representação. O fato de o significado representacional ser meu foco de análise não implica que os significados acional e identificacional serão excluídos da análise, uma vez que os três significados atuam simultaneamente de forma dialética.

O segundo modelo encontra-se proposto em Van Leeuwen (2008), e é denominado *inventário socio-semântico*. Nesse modelo são elencadas categorias específicas para análise de representação discursiva de práticas sociais, por meio de operações linguísticas específicas. Considero útil a contribuição do modelo de van Leeuwen, pois de certa forma ele aprofunda, em termos analíticos, o debate acerca da questão da representação em Fairclough (2003).

O último, mas nem de longe o menos importante dos modelos, é o de Thompson (2009), no qual se propõem cinco modos gerais através dos quais a ideologia pode operar, explicitando algumas maneiras de como o sentido pode servir para estabelecer e sustentar relações de dominação. Esse modelo torna-se útil, pois permite analisar como formas simbólicas são transmitidas de modo estratégico e velado, o que contribui para a análise das ideologias subjacentes aos textos analisados, imbricadas nas representações de atores e eventos sociais, conforme poderemos perceber no capítulo analítico.

Os dois primeiros modelos constituem ferramentas para análise linguística de textos; das representações de atores sociais e eventos sociais (ou “ações sociais” nos termos de van Leeuwen) dentro da prática discursiva investigada, que é a representação preconceituosa de pessoas em situação de pobreza texturizada nas notícias policiais da seção *Boletim de Ocorrência* do Maskate. O último modelo servirá de ferramenta para análise dos modos de operação específicos das ideologias subjacentes.

Apesar de oriundo de uma perspectiva plural quanto à variedade de modelos, numa espécie de triangulação analítica, as categorias que nortearam esta pesquisa são coerentes pela complementaridade que cada diferente perspectiva agrega à análise e pela consonância teórica que sedimenta o conjunto dos três modelos analíticos.

Ao iniciar este trabalho, meu foco era a questão da representação. Entretanto, optei por incluir categorias que dizem respeito aos significados acional e identificacional elaborados em Fairclough (2003). O acréscimo desses significados (e respectivas categorias) justifica-se por dois motivos.

O primeiro deles refere-se ao imperativo de traçar o perfil da publicação e da seção analisada, de forma a delimitar as características gerais do jornal e do gênero investigado. Para isso, julguei pertinente a análise (ainda que não aprofundada) do significado acional em termos de como os textos do *Boletim de Ocorrência* convergem e divergem do potencial genérico *notícia policial*. Por isso a inclusão da categoria *estrutura genérica*.

O segundo motivo está relacionado ao fato de que leituras preliminares dos dados sinalizaram para uma recorrência de modalizações e avaliações no que diz respeito às representações de atores e eventos. É nesse contexto, das representações, que pretendemos realizar a ponte entre os significados *representacional* e *identificacional*, de forma a mapear o quanto o autor se compromete com as representações que elabora e como ele avalia os atores e as ações representadas nos textos.

Capítulo 3 – Análise da prática particular do jornalismo

Meu intuito nesse capítulo é realizar uma análise detalhada da prática particular do jornalismo, considerando sua função social e as características peculiares que se relacionam ao fazer jornalístico popular e policial. Essa análise contribui para compreendermos o contexto de produção no qual a prática ideológica que analiso está inserida.

3.1 O jornalismo e sua função social

A reflexão sobre a função do jornalismo na sociedade em que vivemos não é tarefa fácil, e parte dessa dificuldade, acredito, deve-se à tensão existente entre a função ideal e a função realmente exercida. Penso que não apenas os jornais, mas as mídias de forma geral, teoricamente deveriam servir de *mediadoras* entre a esfera pública e a esfera privada, *informando* de forma textualmente objetiva seus/suas leitores/as, ouvintes ou telespectadores/as sobre fatos relevantes para a sociedade e atuando como mediadoras que fomentariam o debate e a crítica acerca de nossos problemas sociais, *formando* desta feita, cidadãos/ãs mais críticos/as a respeito da realidade social. Esta seria, idealmente, a função que acredito caberia ao jornalismo enquanto veículo midiático.

Mas esse ideal está longe da realidade. Quanto aos conceitos norteadores dessa função social - como a verdade, a credibilidade, a objetividade e a imparcialidade - Amaral destaca (2006) que:

Conceitos como o de verdade, credibilidade e objetividade integram a mitologia do jornalismo, que, como servidor dos interesses públicos, deve relatar o mundo de forma 'isenta e equilibrada'. O jornalismo tem um discurso baseado no compromisso com o interesse público. (AMARAL, 2006, p. 55)

Deixei de fora, e propositalmente, a suposta necessidade de informar de forma imparcial, os/as leitores/as, ouvintes ou telespectadores/as a respeito dos fatos sociais, pois considero cínico qualquer meio de comunicação que se intitule imparcial. Não entrarei em detalhes a respeito da imparcialidade, tema que, acredito, já deveria a tempos ter sido

superado e abandonado de todas as redações, mas resumo minha posição afirmando que não acredito que nenhum meio de comunicação seja imparcial, e muito menos que deva ser. Pessoalmente, acredito que qualquer jornal que se preze e que se pretenda útil deve, sim, ser parcial (em favor da verdade, da moralidade, da ética, da justiça, da igualdade e da liberdade).

Em sua obra *Analysing Newspapers*, Richardson (2007) problematiza três visões conhecidas acerca de papéis assumidos pelo jornalismo. A primeira visão é aquela que equipara o jornalismo a outras formas de entretenimento, como fazendo parte da “indústria do entretenimento”. A segunda visão considera que o jornalismo existe para disseminar – literalmente para difundir e propagar – os pontos de vista dos poderosos. A terceira perspectiva considera o jornalismo como um negócio, e sustenta que os jornais existem puramente para gerar lucro. A respeito dessas visões o autor ressalta que:

É evidente para todos que o jornalismo é comumente uma fonte de divertimento, que ele regularmente reproduz as opiniões dos poderosos e (à exceção de um punhado de veículos) é um comodite vendável. De fato, alguém poderia argumentar que cada uma dessas três funções – noticiar as ações e atividades dos poderosos e fazê-lo de uma forma que seja divertida e prontamente consumível – é necessária para cumprir as necessidades informacionais dos cidadãos. Mas quando o trabalho do jornalista enfatiza o entretenimento, ou as atividades e opiniões dos poderosos, ou a busca pelo lucro *como fim* ou *acima* da função principal do jornalismo – ajudar os cidadãos a entender o mundo e suas posições dentro dele – ele *deixa de ser jornalismo*. (RICHARDSON, 2007, p.7-8, grifo do autor.)

Portanto, ao postular que “o jornalismo existe para capacitar os cidadãos a compreender melhor suas vidas e suas posições no mundo”, Richardson (2007, p. 7) sugere que “o sucesso ou falha do jornalismo – em outros termos, o grau em que ele cumpre o que deveria ou nos desaponta – depende da extensão que ele alcança quanto ao seu papel fiduciário”.

Pondo em perspectiva essas questões vemos a tensão existente entre a função social, de informar e formar, e, por outro lado, o aspecto mercadológico das publicações que almejam servir de veículo não apenas de informação, mas de entretenimento, a um público que, para ser cativado, deixa de ser visto como leitor/a e passa a ser encarado como consumidor/a. Nessa mesma perspectiva, o jornal que adquire status de produto precisa para sobreviver, adequar-se como qualquer outro bem de consumo à realidade de seu

mercado – o editorial - e muitas vezes abre mão da qualidade para privilegiar o lucro, ora agradando seus/suas consumidores/as, ora agradando seus/suas anunciantes etc. Desta feita, conforme expressa Amaral (2006), existe uma série de constrangimentos que impedem os jornais de cumprir sua *raison d'être*⁶, e muitas vezes são constrangimentos de ordem econômica e política, que de certa forma mantêm as publicações funcionando.

Todos os jornais, de referência ou não, convivem numa tensão própria do campo jornalístico, produzida pelos conflitos de interesses dos jornalistas, dos empresários, das fontes, dos anunciantes e dos leitores. Ou seja, não dá para considerar que a atividade jornalística possa orientar-se, de forma ideal ou romântica, absolutamente pelos seus princípios internos. (AMARAL, 2006, p. 55)

Desta forma, critérios como interesse público, factualidade e relevância social, que deveriam nortear o estabelecimento de valor-notícia⁷, acabam sendo subvertidos em favor da lógica do mercado, e fatos de pouca importância sobre celebridades ou fatos bizarros ganham *status* de notícia, conforme ressalta Amaral (2006):

Ao tentar adequar a informação jornalística a temáticas e linguagens mais populares, os jornais eliminam de sua agenda vários temas de interesse da cidadania e colocam, no mesmo status de informação, discursos de campos diferentes do jornalismo. Se toda notícia deve ser do interesse humano, nem toda história de interesse humano deveria ser elevada ao status de notícia. Essa têmua linha que separa o que é de interesse público e o que não é flutua de acordo com o mercado no qual determinados jornais se inserem. (AMARAL, 2006, p. 57)

A autora, que investiga o jornalismo popular no Brasil, também reconhece o jornal como mercadoria, mas evidencia que a questão não se encerra nesse argumento isolado:

É evidente que todos os jornais, pela necessidade de sobrevivência, se tornaram mercadorias. Os interesses econômicos são centrais na definição dos modos de ser dessa imprensa, mas dizem respeito somente a uma das faces do fenômeno. Além de serem mercadorias, os jornais também produzem sentidos, significações. Assim, a notícia não é só uma mercadoria.” (AMARAL, 2006, p. 23)

⁶ Expressão francesa que significa "razão de ser, viver".

⁷ Valor subjetivo que determina a importância que um fato ou acontecimento tem para ser noticiado.

Em sua obra *Media Discourse*, Fairclough (1995b) resume duas tensões que afetam a mídia contemporânea como um todo e as relaciona a duas tendências. A primeira é a tensão entre a informação e o entretenimento, que indica a tendência da mídia atualmente tornar-se conversacionalizada. No caso do *Maskate*, é possível observar como estratégia de conversacionalização que a linguagem utilizada não apenas foge da linguagem normativa, sendo extremamente coloquial, incluindo marcadores de oralidade e o uso de gírias particulares do dialeto amazonês. Nesse caso, esse conjunto de estratégias linguísticas aproxima o/a leitor/a da publicação e a torna mais atraente, uma vez que a leitura se torna mais fácil e mais próxima da linguagem utilizada informalmente pelos/as falantes.

A segunda tensão que o autor cita dá-se entre a esfera pública e privada, e indica a tendência das mídias em mover-se crescentemente rumo ao entretenimento, tornando-se assim mais marketizadas, o que, segundo ele, debilita a mídia como esfera pública, uma vez que “ocorre um desvio de atenção e energia de questões sociais e políticas que ajudam a isolar relações de poder e dominação de desafios sérios – as pessoas são construídas como espectadoras dos eventos ao invés de cidadãs participantes”. (Fairclough, 1995b, p. 13). É nesse contexto que o jornalismo contemporâneo está inserido, no entremeio da esfera pública e da privada, entre a informação e o entretenimento, entre a contestação de desigualdades e a contribuição para a manutenção do *status quo*.

3.2 O jornalismo popular

Pelo caráter polissêmico que o termo “popular” adquire no discurso jornalístico, achamos relevante mencionar as possíveis acepções que esse termo pode assumir a fim de desambiguizá-lo. Meu intuito é tornar claro, ao longo do texto, do que estou tratando quando caracterizo meu objeto como um jornal popular e, mais importante ainda, deixar claro do que não estou tratando.

Um jornal pode ser considerado popular por conta de seu sucesso e popularidade exclusivamente. Nesse caso, poderíamos colocar em uma mesma categoria, por exemplo, o *Maskate* e *A Crítica*, outro jornal de Manaus. Apesar de serem veículos que utilizam

linguagem e formato diferentes, ambos são “populares”, pois fazem sucesso em seus respectivos segmentos, com diferentes público-leitores e em diferente escala, mas ainda assim são populares na cidade de Manaus. Contudo, categorizar essas duas publicações sob o termo jornal popular pode não ser uma boa escolha, pois praticamente a popularidade é seu único traço comum, e essa categorização comum tende a mitigar as diferenças existentes como, por exemplo, o fato de que o *Maskate* é um tabloide enquanto *A Crítica* é um jornal de referência; o primeiro pode ser considerado como “imprensa marrom” e o outro como “imprensa séria”.

Outro tipo de jornalismo popular seria o jornalismo comunitário, ou seja, o jornalismo feito pelo povo e para o povo - aquele no qual uma comunidade produz o jornal de acordo com suas necessidades. Um exemplo deste tipo de jornalismo seria o jornal *O Cri-Cri*, da periferia de São Pedro, em Manaus, objeto de investigação de pesquisadores/as da Universidade Federal do Amazonas:

O jornal *O Cri-Cri*, feito pelos moradores da comunidade Parque São Pedro, é enquadrado nas características apontadas pelos estudiosos da comunicação sobre jornalismo comunitário. As pautas são discutidas com as pessoas participantes e as matérias também são escritas por elas, podendo-se dizer que o jornal é feito não apenas para a comunidade, mas ainda pela comunidade. O fato de aproximar-se da população local permite que o veículo dialogue com ela com maior profundidade e intensidade, fomentando a identidade popular dos moradores. O jornal possibilita aos comunitários a oportunidade de expor e discutir ideias com o objetivo de melhorar a qualidade de vida no bairro. Além disso, *O Cri Cri* auxilia no desenvolvimento do senso crítico das pessoas da periferia de São Pedro e supre o pouco e quase ineficiente espaço dado pela mídia existente em Manaus a esse coletivo, servindo como instrumento de afirmação da população e ferramenta de fortalecimento das relações sociais entre grupos daquela região, o que tende a tornar mais abrangente a educação na comunidade. (RODRIGUES et al., 2010, p.1)

Temos, ainda, o conjunto de jornais conhecidos como populares por serem produzidos para o povo (mas não pelo povo), caso dos tabloides, jornais compactos e outros veículos comumente sensacionalistas. Um jornal pode ser ainda considerado popular por se filiar politicamente a um movimento de esquerda, ou seja, assumindo uma posição de defesa do povo, comumente ligado a teorias de organização econômica contrárias ao capitalismo. Como podemos perceber o termo “jornalismo popular” não é unívoco. Por este motivo, optamos por considerar e tratar a partir de agora o *Maskate* como um jornal popular

sensacionalista, um tabloide. Qualquer referência a essa publicação enquanto “jornal popular” doravante deve considerar essa especificidade.

Segundo Lustosa (1996), não existe um consenso em relação à data de surgimento dos primeiros jornais. Na França, pode-se dizer que esse tipo de jornalismo era praticado desde metade do século XVI. Nos Estados Unidos, os jornais populares ganharam contorno e notoriedade no final do século XIX. No Brasil, surgiram a partir dos anos 1920, mas foi a partir do final da década de 1990 que esses jornais cresceram em número e passaram a ser produzidos em formato tabloide em algumas regiões do país, atraindo uma nova camada de leitores. Essa expansão foi motivada também por um cenário econômico favorável, conforme aponta Veloso (2002):

O período pós-Plano Real mostrou-se bastante favorável para as empresas de comunicação. A estabilização dos preços, o controle da inflação oficial e a paridade inicial com o dólar contribuíram para uma pequena elevação de renda dos trabalhadores de menor poder aquisitivo, suficiente de qualquer modo para a compra de alguns produtos antes proibitivos para essa enorme fatia da população. Foi o caso das publicações populares, entre outros de massa da indústria cultural. A segunda metade da década de 1990 foi o período de grande crescimento das tiragens dos grandes jornais populares brasileiros, a maioria deles de propriedade dos mesmos donos da Imprensa denominada séria. (VELOSO, 2002, p.1)

A imprensa, que antes era destinada às classes abastadas, agora atendia a um público que buscava informações a respeito do seu cotidiano, relacionada a dramas de pessoas comuns. A respeito do público alvo desse novo segmento, Amaral (2006, p. 9) afirma que “os jornais destinados às classes B, C e D integram um novo mercado a ser analisado, caracterizado por um público que não quer apenas histórias incríveis e inverossímeis, mas compra jornais em busca também de prestação de serviço e entretenimento”.

A autora também pontua que “esse é um segmento importante porque democratiza a informação jornalística para setores da população com baixa escolaridade e amplia as oportunidades de trabalho para jornalistas” (Amaral, 2006, p. 14). Por um lado, a expansão do segmento ocorreu a partir do afastamento de modelos já existentes de jornais populares, caso do icônico *Notícias Populares* do grupo Folha, em que prevalecia a fórmula regida por

“crime, sexo e escândalo”. Esse contraponto foi necessário à medida que se almejava certa sofisticação e melhoria na qualidade editorial, conforme aponta Veloso (2002):

Se em seu início o Notícias Populares era sustentado pelos três “S” (Sangue, Sexo e Sobrenatural), a fórmula do novo jornalismo popular poderia ser classificada como “MPP”: Marketing, Preço e Panela. Ao criar pequenos veículos de apelo popular, as grandes empresas jornalísticas estão fabricando “subprodutos”. Esse tipo de jornalismo é produzido com o material proveniente dos grandes veículos; não há captação da vontade do público. Isso indica que a preocupação não é com a veiculação de algo voltado exclusivamente para o “povão”, mas somente com um empreendimento que não dê muitas preocupações e gastos, e ainda gere lucro. (VELOSO, 2002, p.1)

O jornalismo popular também se contrapõe ao jornalismo de referência em vários aspectos, mas principalmente pela linguagem utilizada, pelo conteúdo e pelo preço. Há uma tendência maior entre os jornais populares em agregarem sensacionalismo à veiculação de notícias. Apesar de sensacionalismo não ser característica exclusiva desse tipo de publicação, é nesse nicho que ela encontra sua forma mais exacerbada de expressão.

Contudo, entre os jornais populares brasileiros, tem ocorrido uma tendência à diminuição gradual do teor sensacionalista, em favor de uma cobertura mais séria e textualmente objetiva. Amaral (2006) reforça essa idéia afirmando que o mercado dos jornais populares cresceu e que não é possível mais considerar como sinônimos jornalismo popular e jornalismo sensacionalista, apesar de alguns veículos ainda seguirem mantendo esse tom, como é o caso do *Maskate*. Amaral (2006) cita as principais características dos jornais populares, que apesar de formarem um grupo heterogêneo possuem características comuns, a saber:

- Os veículos costumam priorizar a cobertura da inoperância do poder público, da vida das celebridades e do cotidiano das pessoas do povo como estratégia de sedução de leitores/as.
- Os valores-notícias se baseiam por assuntos que mexem de imediato com a vida da população, como atendimento do SUS e INSS, a segurança pública, o mercado de trabalho, o futebol e a televisão.
- As capas costumam ser chamativas e a violência permanece como assunto, mas os cadáveres tornam-se raros. Ou seja, nem todos os veículos enquadram-se na categoria “espreme que sai sangue”.

- Os jornais buscam a linguagem simples, o didatismo, a prestação de serviço e a credibilidade.
- Comumente essas publicações atendem às regiões metropolitanas, apostando nas editorias de Cidades e dificilmente se tornam nacionais.
- A temática política, outrora ausente, aos poucos tem ganhado lugar mais expressivo.
- São jornais baratos, possuem baixa paginação, e abrigam publicidade de produtos destinados ao público de baixa renda.
- Alguns jornais populares caracterizam-se pelo assistencialismo e por uma relação demagógica populista com o/a leitor/a.

A imprensa popular costuma receber muitas críticas, devidas em grande parte pelo seu histórico sensacionalista, e um dos desafios atuais desse segmento é fornecer conteúdo de qualidade. Segundo Amaral (2006, p.11), “muitos recursos de popularização citados são utilizados por toda a imprensa, mas são prioritariamente encontrados nos jornais que se destinam às classes B, C e D”.

Além disso, uma das características mais marcantes dos jornais populares talvez seja o modo como abordam as notícias, sempre com um enfoque particular, de forma simplista, numa tentativa de didatizar ao máximo os temas abordados, enfatizando o impacto das notícias na vida dos/as leitores/as, conforme explica Amaral (2006):

Os jornais autointitulados populares baseiam-se na valorização do cotidiano, da fruição individual, do sentimento e da subjetividade. Os assuntos públicos são muitas vezes ignorados; o mundo é percebido de maneira personalizada e os fatos são singularizados ao extremo. O enfoque sobre grandes temas recai sobre o ângulo subjetivo e pessoal. O público leitor, distante das esferas do poder, prefere ver sua cotidianidade impressa no jornal, e a informação é sinônimo de sensação e da versão de diferentes realidades individuais em forma de espetáculo. O jornal resgata a cultura de almanaque e seu espírito lúdico e de serviço. O calendário, as festas e as fases da lua trazem elementos da literatura popular. Assim como os almanaques, o jornal publica receitas de medicina popular, casos sobrenaturais, indicações astronômicas, anedotas, horóscopo, passatempos, concursos e situações cômicas da vida cotidiana – constituindo-se ao mesmo tempo num setor de reclamações, num guia de serviços e num manual de aconselhamentos. (AMARAL, 2006, p. 58)

Apesar das críticas feitas aos jornais populares, Veloso (2002) ressalta que, em países como o Brasil, os jornais populares são um dos raros vínculos que une a população de baixa renda com a leitura e é grande sua responsabilidade social junto às camadas mais

pobres da população, uma vez que têm o papel de formar leitores/as entre um público até então marginalizado.

3.3 Jornalismo policial

O jornalismo policial, conforme comprovam os inúmeros jornais populares que ainda priorizam o tema da violência (apesar do afastamento da linha “espreme que sai sangue”) e os muitos programas televisivos que abordam o tema, permanece sendo um segmento popular. Historicamente, entretanto, conforme salientam Ramos e Paiva (2007), esse tem sido um dos setores menos valorizados. Comumente os profissionais menos experientes e preparados eram enviados às editorias de polícia, enquanto os mais experientes eram alocados nas editorias de política, economia, etc. Este quadro, contudo, tem se modificado aos poucos. Apesar disso, o jornalismo policial brasileiro ainda é pautado pela linha sensacionalista, em diferentes níveis, que variam de um jornal para outro.

O sensacionalismo não é uma característica recente da imprensa, e está presente desde os seus primórdios, conforme sugere Pacheco (2005), ao lembrar as primeiras manifestações impressas que circulavam pela antiga Roma, na verdade, “boletins sobre crimes e divórcios afixados em vias públicas”. Os jornais populares também faziam sucesso na França no século XIX. A maior parte tinha apenas uma página, com títulos, ilustrações e textos. Por relatarem fatos mais chocantes, eram os mais procurados pela população da época.

Muitas vezes, o rótulo sensacionalista está ligado aos jornais e programas que privilegiam a cobertura da violência. Entretanto, o sensacionalismo pode ocorrer de várias maneiras. É possível afirmar que todo jornal é sensacionalista, pois busca prender o leitor para ser lido e, conseqüentemente, alcançar uma boa tiragem. [...] O que diferencia um jornal dito ‘sensacionalista’ de outro dito ‘sério’ é a intensidade. O sensacionalismo é o grau mais radical de mercantilização da informação. Na verdade, vende-se nas manchetes aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor. (AMARAL, 2006, p. 20-21)

Conforme explica Amaral (2006), atualmente o sensacionalismo está muito relacionado ao jornalismo policial na imprensa popular devido ao uso de fotos chocantes, distorções, mentiras e da utilização de uma linguagem composta por palavras chulas, gírias e palavrões. Como era de se esperar, o jornalismo sensacionalista, caso do jornal que investigamos, acaba taxado de “mau jornalismo” e as publicações que seguem este tom são acusadas de “mau gosto”, “distorções”, “mera mercadoria”.

Apesar das constantes acusações de explorar a temática da violência de forma sensacional, segundo Ramos e Paiva (2007) não se pode dizer que a mídia exagera. Segundo as autoras, exagerados são os índices de violência no país. Contudo, elas salientam que a presença de um grande número de notícias sobre violência e segurança não implica em qualidade na cobertura.

Jornais de referência e jornais populares costumam abordar o tema da violência e da segurança pública de modos bastante distintos. Os jornais de referência costumam dar importância ao tema em suas pautas relacionando casos isolados a aspectos mais amplos, relacionando-os a fragilidades da segurança pública e cobrando os governantes a respeito de mudanças. Os jornais populares, por outro lado, tendem a particularizar as notícias, e na maioria das vezes não problematizam as questões, adotando na maioria das vezes um tom sensacionalista para veicular as notícias.

A editoria de polícia, que nos jornais populares sempre foi mal vista pelo excesso de sensacionalismo, sofreu inúmeras mudanças nas últimas décadas, especialmente a partir dos anos 1980. Segundo Ramos e Paiva (2007), por conta da multiplicação do fenômeno da violência urbana, que se tornou mais complexo a partir dos anos 1980, alterações significativas ocorreram nesse campo, como a inclusão de pautas sobre segurança pública nos jornais. “A escalada das estatísticas de homicídios, o aumento do número de vítimas entre as classes média e alta e a chegada de especialistas a cargos de gestão em secretarias de segurança fizeram com que a imprensa passasse a incorporar essa temática” (Ramos e Paiva, 2007, p. 17). Algumas das mudanças significativas ocorridas incluem:

- A diminuição do uso de recursos sensacionalistas e noções apelativas.
- Ausência da sugestão de que a polícia elimine criminosos ou despreze direitos para combater o crime.

- Crime visto de modo mais contextualizado, com destaque para suas raízes sociais.
- Cadáveres, ferimentos e mutilações menos presentes em fotos explícitas na imprensa, e suavização das fotos exibidas em relação aos padrões do passado.

Contudo, nem todos os jornais incorporaram essas mudanças às suas publicações. “Como em outros aspectos da imprensa, esta mudança de padrões está sujeita a recuos e desvios” (Ramos e Paiva, 2007, p. 65). Ainda assim, a tendência do jornalismo policial contemporâneo é o abandono paulatino das antigas fórmulas sensacionalistas por uma cobertura ampla e profunda que considere os aspectos causais da violência urbana e que proporcione o debate sobre políticas públicas de segurança e cobrança de melhorias na área de segurança pública. Por isso, apesar dos avanços ainda há muito que melhorar na cobertura policial de nossos jornais. Alguns dos desafios também citados em Ramos e Paiva (2007) são:

- Jornalistas especializados são escassos e raramente são capazes de entender o problema da violência em todas as suas nuances.
- A cobertura da violência, da segurança pública e da criminalidade realizada pela imprensa brasileira sofre de dependência em alto grau das informações policiais. A policial é a fonte principal – se não a única – na maioria esmagadora das reportagens. Tal predominância tem como contraponto a ausência de outros importantes atores sociais, raramente nas páginas. E mais grave, talvez, é a possibilidade da dependência de informações diminuir a capacidade da imprensa de criticar as ações das forças de segurança.
- Torna-se difícil problematizar as questões relativas à segurança uma vez que as polícias costumam adotar posições defensivas e corporativas quando se trata de responder a questionamento críticos.

Conforme podemos notar, as melhorias nas editoriais de polícia recentemente têm ocorrido muito paulatinamente, mas percebe uma tendência das redações em aprofundar a cobertura policial para além dos eventos em si.

3.4 A representação preconceituosa de pessoas em situação de pobreza na imprensa

É evidente e repugnante a disparidade entre o tratamento recebido por pessoas em situação de pobreza e pessoas ricas na mídia de forma geral. A marginalização sofrida por pessoas pobres transcende a esfera do cotidiano, ganhando também espaço na imprensa, em que também existem fronteiras que separaram as duas classes. Por meio da diagramação, dos espaços destinados em diferentes editorias e das diferentes formas de representar pessoas de diferentes classes, vemos em muitos casos a reprodução de uma fórmula criada e sustentada pelo preconceito, que distingue pessoas e mensura o valor-notícia de seus dramas com base em seu poder aquisitivo.

Nas seções anteriores, tivemos vários exemplos citados por jornalistas, que reconhecem a existência de linguagem discriminatória. Magalhães (2005) relembra Fairclough ao afirmar que “atos de poder geralmente co-ocorrem em uma sociedade particular com a dominação simbólica, como por exemplo, na linguagem discriminatória” (Magalhães, 2005, p.6). Nesse caso, o que impressiona é que ela é reproduzida por atores sociais que deveriam combatê-la.

No caso particular do jornalismo policial, foco da investigação de Ramos e Paiva (2007), entrevistas realizadas com repórteres evidenciaram duas nuances distintas quanto ao tratamento destinado a pobres e ricos. A primeira delas diz respeito ao tratamento dispensado aos suspeitos em situação de pobreza.

Segundo os repórteres, suspeitos de classe baixa encontram menos oportunidade de defesa nos jornais e chegam a ser obrigados a mostrar o rosto para os fotógrafos – constrangimento que raramente merece alguma observação dos jornalistas. Quando você chega numa delegacia, o preso acusado de roubo, assalto, furto fica exposto. Você pode chegar, fazer foto, conversar com ele. Como ele não tem ninguém para sair em sua defesa, está totalmente desprevenido, desprotegido. O preso que tem poder econômico é diferente, porque ele pode acionar algum dirigente de jornal, algum diretor. Ele já começa a ameaçar: Olha, vou te processar! Não quero que a minha imagem saia no jornal. E você sabe que ele tem uma série de instrumentos para fazer isso. (RAMOS E PAIVA, 2007, p. 66)

As autoras chamam atenção para o fato de que jornalistas policiais costumam ser menos preparados do que os/as de outras editorias, e que muitos/as deles/as trazem uma

postura de delegado de polícia ou de juiz. Alguns atacam, julgam e condenam precipitadamente os/as suspeitos/as, elevando-os/as à categoria de criminosos antes mesmo que os casos sejam apurados. Isso ocorre, sobretudo, com pessoas pobres. O tratamento recebido por suspeitos/as ricos/as é totalmente oposto. Jornalistas costumam ouvir seus/suas advogados/as e quando mostram seus rostos é para ouvi sua versão sobre os fatos. Ou seja, garantem-lhes ampla possibilidade de defesa. O jornalista Caco Barcellos, em entrevista à Ramos e Paiva (2007), pontua que quando os/as suspeitos/as são pobres essa rotina não é seguida:

Não são descritos como um operário acusado de ter cometido um crime ou um eletricista acusado de ter matado a mulher – são imediatamente taxados de ladrão ou assassino. Também não se protege a imagem dos acusados como muitas vezes se faz com os ricos. (RAMOS E PAIVA, 2007, p. 84)

Um segundo aspecto a ser considerado é o destaque diferenciado que crimes contra pessoas ricas costumam ganhar na imprensa. Enquanto a editoria de polícia concentra quase que exclusivamente notícias de violência relacionadas a pessoas pobres, o drama dos/as ricos/as vítimas de violência costuma ganhar destaque podendo até ganhar espaço em matérias de primeira página. A disparidade entre a atenção dada às vítimas pobres e ricas indica a exclusão social realizada pela imprensa.

Essa distinção se torna mais óbvia quando a vítima é alguém de certa notoriedade no círculo social local ou nacional, o que eleva o *status* do valor-notícia e pode inclusive fazer com que a agressão sofrida ganhe espaço de manchete.

Essa representação marginal dos crimes contra determinada parcela da população acaba por marginalizá-la ainda mais. Nesse caso, o jornal descumpre sua função social no que tange à transformação de realidades sociais desfavoráveis. Não pode, portanto, sequer figurar como fiscalizador da exclusão social, uma vez que ele próprio reproduz práticas de opressão e de exclusão.

Josmar Jozino, do paulistano *Jornal da Tarde*, diz que são raros os repórteres que se interessam por pautas na periferia. “Pobre não é notícia, infelizmente. Se tem um caso de latrocínio em Itaquera e outro em Moema, os repórteres vão querer fazer o de Moema”, analisa o jornalista, citando respectivamente, um bairro de periferia e outro da região nobre de São Paulo. [...] Jozino cita como exemplo o

parricídio. Segundo ele, a tragédia de uma jovem pobre que matou os pais será considerada *mundo cão* e renderá, no máximo, uma nota; mas se a criminosa pertence à classe alta, como a jovem paulistana Suzana Richthofen, o crime é objeto de extensa cobertura. “Não adianta brigar com a notícia, a notícia é o rico. Tem até briga para cobrir o caso da Suzana. A vida tem mais valor de acordo com as posses. A imprensa é isso”, constata. [...] “Pobre não se interessa pela história de outro pobre. Ele mesmo acha que a violência na classe baixa está banalizada”, diz um repórter de televisão. (RAMOS E PAIVA, 2007, p. 79-80)

A disparidade de tratamento de pobres e ricos, demonstrada no do depoimento supracitado também é observada no *Boletim de Ocorrência*, do *Maskate*, que, como veremos, representa na seção majoritariamente pessoas em situação de pobreza envolvidas em atos de violência. No caso do *Maskate* o drama dessas pessoas acaba servindo como fonte de entretenimento para os/as leitores/as, que, segundo o diretor da publicação, são em sua maioria pessoas de uma “elite intelectualizada, pensante”.

3.5 A comicidade como mediadora do preconceito

Uma rápida leitura da seção *Boletim de Ocorrência* do *Maskate* nos permite constatar o fato de que as notícias veiculadas não versam sobre um conteúdo risível: temos narrativas de diversos atos de violência, como lesão corporal, homicídios, latrocínios, roubos etc. Não me lembro, durante todo o período em que me debrucei analisando os dados que compõem este *corpus* de vinte e quatro notícias, de ter lido algum *conteúdo* fosse essencialmente engraçado ou cômico. Na verdade, penso que, fazendo jus ao local em que se inserem no jornal, o de notícias policiais, todas as notícias são, de fato, tristes e lamentáveis.

Contudo, é praticamente impossível ler o conjunto de notícias sem perceber o tom de humor presente em todos os textos, sem exceção. O próprio diretor do jornal afirmou em entrevista que após a redação inicial, que dá o tom de “polícia” ao texto, este é repassado a “humoristas”. Do ponto de vista discursivo, então, isso é um campo bastante amplo e fértil para investigação. Contudo, Possenti (2004) enfatiza que, ironicamente, o humor costuma ainda receber um tratamento marginal na pesquisa devido ao fato de que alguns veem os textos humorísticos como pouco dignos de investigação (uma vez que tradicionalmente

pretere-se a análise de textos de origem popular e anônima à análise de autores de certa “classe”); e também pelo fato de que, com certa frequência, os textos tratam de temas “baixos” – e nós gostamos de fingir que tendemos sempre para o “alto”, pontua o autor.

Se pensarmos o humor para além do prazer do riso e seus benefícios à saúde e psique humana, é possível percebê-lo como sendo parcialmente ambivalente. O humor pode tanto ser utilizado para realizar uma crítica social ou como mediador de preconceitos. É claro que o humor nem sempre vem acompanhado de um propósito além do de fazer rir, mas, considerando duas outras realizações possíveis, gostaríamos de problematizá-las.

O *humor como crítica social* caracterizaria uma espécie de discurso emancipatório, enquanto o *humor como mediador do preconceito*, uma espécie de discurso ideológico. É por este último que temos maior interesse. Mas, antes, entendamos o que caracterizaria o primeiro. Quando pensamos no humor como forma de crítica social, ou como um discurso político, é fácil nos lembrarmos do gênero charge, que promove o riso e a crítica ao mesmo tempo (mas nem sempre, é bom frisar).

Para Batistel e Alves (2010, p. 500), “a charge apresenta uma linguagem social opinativa, cuja função é refletir posições, crenças e ideologias de um grupo ou instituição acerca de temas públicos, reconhecíveis e discutidos durante uma conjuntura”. A charge comumente denuncia o contexto político e social, os quais remetem à cultura de um país. Um bom exemplo é a charge a seguir, cujo tema também é o tratamento diferenciado que apenados/as pobres e ricos/as recebem do Estado, representado na charge pela figura do juiz apresentada a seguir:

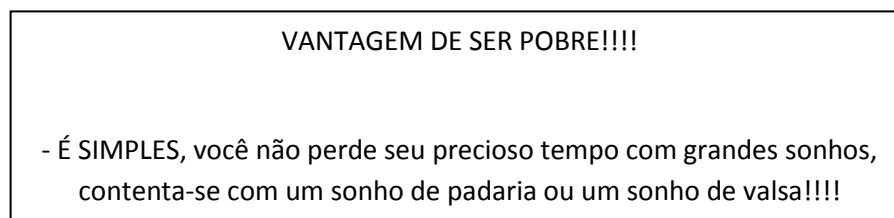
Figura 1 – Charge *Pobre e Rico* do cartunista Renato Andrade⁸.



Contudo, apesar de o humor como crítica social ser um tema de interesse, não é para o uso emancipatório do humor e sim para seu uso ideológico, essa função marginal, que é a de servir de mediadora do preconceito que gostaria de chamar atenção. E quando penso sobre isso, o gênero que me vem à mente são as piadas. De forma geral, as piadas por excelência veiculam (em sua grande maioria) discursos proibidos, apesar de existirem algumas piadas “politicamente corretas”. Como exemplo do humor que veicula discursos ideológicos, cito a piada curta a seguir:

⁸ Disponível em: <<http://www.jornalacidade.com.br/charges/2009/12/16/pobre-e-rico.html>.> Acesso em 21. Nov. 2012.

Figura 2 – Piada Vantagem de ser pobre⁹



Não analiso piadas neste trabalho. Nem charges. Mas nos textos que compõem o *corpus* há um forte tom humorístico, que não é próprio do discurso jornalístico e muito menos próprio do gênero notícia policial. E então me pergunto: qual é o propósito da utilização da comicidade nesses textos? Enquanto realizava o levantamento de dados bibliográficos para conhecer mais a respeito do humor como mediador da crítica e do preconceito, deparei com o trabalho de uma pesquisadora na área da psicologia social que sugere que o humor (especialmente em piadas) serve como mediador do preconceito racial (tema que ela privilegia em sua análise) e sustenta que o riso forma uma espécie de aliança simbólica (Dahia, 2009). Isso porque o riso, de certa forma, legitima, autoriza determinado discurso. Então, se uma piada racista é contada em um ambiente e ninguém ri, o discurso racista é contestado e parcialmente deslegitimado, pelo menos no âmbito daquela interação específica. Contudo, se, ao invés disso, as pessoas dão risada, então formam uma aliança simbólica:

Segundo Freud o chiste oculta conteúdos agressivos que não podem ser manifestos abertamente em virtude de censuras internas (negação do preconceito) e externas (vigência de valores igualitários), sendo, por isso, remetidos a uma dimensão inconsciente. Esse conteúdo permanece latente como tensão psíquica, exercendo uma contínua pressão por uma liberação que restaure o equilíbrio original, seja no nível individual, seja no nível intersubjetivo. O chiste, como produção do inconsciente, propicia a emergência desses conteúdos sob um formato ambíguo e difuso de modo a minar a ação dos diferentes níveis de inibição e, desse modo, permitir um relaxamento psíquico pela vazão da energia represada. No caso da piada preconceituosa ocorre uma liberação do preconceito reprimido sob tom de brincadeira, de modo sutil e disfarçado, a fim de não afrontar as censuras que se lhes opõe. O riso parece constituir, assim, uma solução inconsciente para o dilema que envolve a questão do preconceito. Ele parece conter de forma ambivalente, prazer e angústia. [...] As alianças inconscientes constituem um dos processos de transmissão psíquica construídas pelos sujeitos de um vínculo para reforçar, em cada um deles, certos processos oriundos do recalque, ou da recusa, ou da renúncia e do qual eles obtém um

⁹ Autoria anônima. Disponível em <<http://www.piadalegal.com.br/piadas/curtas/vantagem-de-ser-pobre/PID15874/>>. Acesso em 18. Jan. 2012.

benefício. Trata-se de um pacto inconsciente sobre o inconsciente que mantém o sujeito estranho à sua própria história, sustentando o destino do recalçamento e da repetição. (DAHIA, 2009, *passim*).

É claro que a capacidade de categorização, por parte dos/das leitores/as, de textos humorísticos como textos ideologizantes ou críticos irá depender da habilidade leitora dos indivíduos que a eles têm acesso, bem como, conforme afirma Fairclough, da capacidade de negociação de sentidos que o leitor estabelece com o texto e com as informações nele contidas (*meaning-making*). É a essa habilidade que Fairclough (2003) se refere quando afirma que nenhuma ideologia é simplesmente transmitida de forma mecânica. O fato de texto de conteúdo ideológico ser amplamente distribuído não implica que ele afetará a todos/as os/as leitores/as da mesma forma. Mas o fato de todo texto ter efeitos causais diversos em diferentes leitores/as não os torna menos ideológicos. A esse respeito, Fairclough (2003) esclarece que efeitos causais de textos, quando associados à veiculação de sentidos ideologizantes, ainda que irregulares, permanecem potencialmente perigosos.

Possenti (2001), que se interessa em particular pela análise de piadas, argumenta que seu objeto é relevante principalmente por três motivos: “praticamente só há piadas sobre assuntos controversos; piadas operam fortemente com estereótipos; e quase sempre veiculam um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, que não se manifestaria, talvez, através de outras formas de coleta de dados, como entrevistas.” (Possenti, 2001, *passim*). Acreditamos que essas características não são exclusivas das piadas, e que podem ser consideradas para outros textos humorísticos. Mas concordamos que as piadas em particular, pela sua alta aceitabilidade, permitem veicular discursos preconceituosos de forma a resguardar a face do/a falante de possíveis questionamentos. Afinal de contas, “trata-se *apenas* de uma piada”.

Como exemplo que reforça essa idéia, ou seja, a de que textos humorísticos tendem a utilizar o humor como escudo protetor para se proteger contra críticas, cito o exemplo de um jornal de Brasília, ao qual tive acesso por acaso. Trata-se do jornal popular *Brasília Capital*, que circula às quintas-feiras no Plano Piloto, Taguatinga, Ceilândia, Samambaia, Riacho Fundo, Vicente Pires, Águas Claras, Gama, Sobradinho, SAI, Núcleo Bandeirante, Lago Oeste, Colorado/Taquari, Alexania (GO) e Olhos D’água (GO).

O texto compreende respectivamente uma nota enviada pela leitora identificada como Dimas Moreira e a resposta da redação (em negrito) conforme publicadas na seção Cartas da edição de 6 a 12 de Outubro de 2011.

Figura 3 – Excerto da seção *Cartas* do jornal *Brasília Capital*, 6-12. out. 2011.



Percebemos na nota que a leitora Dimas Moreira sentiu-se pessoalmente ofendida ao ler a piada do dia 29/9/2011 (“como nordestina nego-me a ficar calada diante de tamanho preconceito”). Não sabemos qual foi a piada, mas isso aqui é desnecessário, já que o que está em questão não é se aquela piada particular é ou não preconceituosa, mas se uma piada com conteúdo preconceituoso deveria circular livremente simplesmente por ser uma piada, uma brincadeira, sem qualquer constrangimento. Pela resposta da redação, aparentemente, sim. O jornal se defende afirmando que “trata-se de uma piada na página de

entretenimento”. E argumenta na busca de distanciar-se do conteúdo supostamente preconceituoso, ao afirmar que “o texto circula livremente pela internet e não reflete a visão do jornal em relação a nordestinos”, e acrescenta: “na presente edição, a brincadeira é com os chineses. Não é ofensa. É piada...”.

Em artigo que reflete sobre o racismo no Brasil e o papel de piadas como veículos de discursos preconceituosos, Dahia (2008) sustenta que:

Como se trata de algo que não costuma ser levado a sério – objeto difuso e ambíguo – a piada racista não é alvo fácil de uma ação legal nem de uma imputação penal consequente. Sua inscrição não está clara nem mesmo para quem faz uso dela, o que produz a falsa e confusa impressão de que o objeto do riso não tem nenhuma relação com o prazer que ele produz, ou seja, o fato de rir de uma piada racista não define o indivíduo como racista. A expressão da piada racista acaba por se tornar uma via institucionalizada, mas não propriamente consciente, de transgressão. [...] Ainda que inconscientemente, o público das piadas participa, em alguma medida, dos seus atos de agressão. Assim é que se realiza o processo de auto-absolvição diante das piadas de caráter racista, que, produzidas por outros, os supostos responsáveis e racistas, suscita um prazer destituído de culpas e aparentemente inofensivo, uma vez que grande parte dos indivíduos que riem de piadas racistas não se considera, em nenhuma medida, racista. (DAHIA, 2008, p. 698, 710)

Capítulo 4 – O *Maskate*: Análise dos dados

Início esse capítulo introduzindo as principais características do *Maskate* e da seção *Boletim de Ocorrência* por meio da análise de estrutura genérica dos textos. Em seguida discuto sobre os pontos comuns e divergentes que a seção mantém frente às seções de *Polícia* de jornais ditos de referência. Depois, realizo a análise lingüístico-discursiva das vinte e cinco notícias que compõem o *corpus*, tendo como base as categorias analíticas norteadoras elencadas no capítulo metodológico. Por fim, proponho uma crítica social explanatória que não apenas descreve, mas também interpreta os resultados analíticos da seção anterior.

4.1 O Jornal *Maskate*: perfil da publicação

O *Maskate* é um jornal popular, de circulação exclusiva na cidade de Manaus, que surgiu em setembro de 1997. O diretor da publicação, Miguel Jorge Mourão, foi seu idealizador e fundador. Antes da criação do *Maskate*, Miguel Mourão também fez parte da diretoria executiva do principal jornal de referência da cidade até hoje, *A Crítica*. Dois anos após ter se desligado daquele jornal, e por influência do jornal *Zero Hora* de Porto Alegre, resolveu montar um tabloide popular, o primeiro do Norte-Nordeste, segundo o diretor. Sua referência é o *The Sun* de Londres. Motivado pela indignação, optou pela charge e pela glosa para fazer valer aquilo que ele gostaria de expressar. Segundo Miguel Mourão, o jornal conta atualmente com 77 funcionários, incluindo ele próprio.

Cada edição do jornal tem em média entre 16 e 18 páginas, divididas nas seguintes seções: *Opinião*; *Política*; *Cidade*; *Economia*; *Meio Ambiente*; *Boletim de Ocorrência*; *Polícia*; *Inusitado*; *Tabloide e Click Manaus*.

O jornal costumava circular ao preço de R\$ 1,00, mas, desde janeiro de 2011, passou a ser distribuído gratuitamente. O diretor tomou essa decisão como estratégia de resposta ao surgimento de outros jornais populares na cidade (Manaus hoje possui cinco), vendidos a baixos preços (alguns são vendidos por R\$ 0,25).

O jornal atualmente se mantém da publicidade de varejo.¹⁰ Alguns dos anunciantes são: centro de embelezamento de veículos, clínicas, empresas de dedetização, lojas de móveis e eletrodomésticos, distribuidoras de gás, revendedora de pneus, esteticistas, empresas de seguro, serviço de recarga de cartucho e toner, concessionária de veículos etc. A distribuição do jornal é realizada com o apoio de 16 pessoas, moças e rapazes, que oferecem o jornal nos principais cruzamentos da cidade. A tiragem média aproximada é de 12 mil exemplares, mas de acordo com o diretor do jornal esse número ocasionalmente sofre variação: “Se a gente sente que vai chover cai para a metade”, disse em entrevista.

Miguel Mourão também ressalta que alguns jornais mantêm parceria com o *Maskate*, como é o caso do *Jornal do Comércio*. “Tem outros jornais que pegam carona no nosso. Para serem bem vendidos eles pedem exemplares do *Maskate* para ser encartados neles. *Jornal do comércio* que é um jornal de 108 anos recebe o *Maskate* encartado”.

A respeito do público leitor do *Maskate*, Miguel Mourão afirmou em entrevista que:

O *Maskate* foi criado para a classe C, D, E, que é uma classe popular. Um jornal para as classes menos favorecidas. Tanto que o linguajar é exatamente esse. No caso, o Boletim de Ocorrência, a pessoa que escreve, ela se preocupa muito em dar o tom, o tom de polícia. Quem faz essas glosas são os humoristas. [...] Nós fizemos um jornal pra classe C, D, E, botamos a um preço bem popular, na época era R\$ 1,00 (um real) e o jornal não deslanchava nas periferias, ele deslanchava na classe média intelectualizada, um segmento mais, um segmento mais pensante, civilizados.¹¹

Nesse trecho da entrevista o autor, que inicialmente mostra-se preocupado com a ‘cidadania’ e suposta emancipação de pessoas de classes menos favorecidas, representa de forma bastante pontual o preconceito a respeito de pessoas pobres enquanto ‘pessoas inferiores’. Ao referir-se aos leitores do jornal como “classe média intelectualizada”, “segmento mais pensante, civilizado” o autor acaba reforçando o preconceito que deveria combater.

A subseção *Expediente* do jornal exhibe nota que afirma que “os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, e não refletem, necessariamente, a opinião

¹⁰ Na publicidade de varejo os produtos anunciados são patrocinados pelo intermediário, no caso, o varejista.

¹¹ Entrevista concedida por Miguel Mourão à Juliana Ulharzo.

deste jornal. O *Maskate* não aceita matéria redacional em forma de publicidade”. O diretor do jornal, em entrevista, procurou ressaltar o caráter independente do *Maskate* e seu compromisso na promoção da cidadania.

*Todo jornal ele tem um vínculo ou político ou econômico com alguma instituição. Aí nós temos com a cidadania. Nosso vínculo é com a cidadania. Tanto que nós já ficamos sem circular, ficamos só na internet, e aí quando entra uma publicidade aí você deslança de novo.*¹²

As notícias que compõem a seção *Boletim de Ocorrência* poderiam ser classificadas como de “mundo-cão”, conforme pontuam Ramos e Paiva (2007):

Crimes que remetem a situações de violência interpessoal, geralmente entre familiares, provocadas por motivos aparentemente fúteis, costumam ser classificadas nesta categoria. O termo implica uma situação de desespero e miséria, na qual a violência é vista como consequência natural – e, talvez por isso, despida de interesse jornalístico. (RAMOS e PAIVA, 2007, p. 134).

O diretor da publicação afirma que possui um compromisso com a cidadania. Contudo, como ficou evidenciado em sua declaração anteriormente comentada, estabelece diferenciação entre ricos e pobres, os quais ele classifica por implicatura de não civilizados, menos pensantes e menos intelectualizados. Essa representação texturizada na fala de Miguel Mourão coaduna-se com a representação de pessoas pobres recebem na publicação, e que, ao contrário do que ele pretende, não favorecem a cidadania e sim reforçam a diferença entre as classes de forma marginalizante.

4.2 Estrutura e Potencial Genérico: Uma tensa relação de aproximação e distanciamento

Uma das primeiras questões que levantamos ao iniciar a análise dos textos foi a seguinte: que gênero discursivo é este que configura nosso objeto de análise? A seção *Boletim de Ocorrência* é composta de textos narrativos, mas certamente não se trata de um boletim de ocorrência. O chamado boletim de ocorrência, conhecido como B.O, “é o

¹² Entrevista concedida por Miguel Mourão à Juliana Ulharuzo.

documento utilizado pelos órgãos da Polícia Civil para o registro da notícia do crime, ou seja, aqueles fatos que devem ser apurados através do exercício da atividade de Polícia Judiciária" (QUEIROZ, 2007, p. 73). Quanto ao conteúdo e às informações que devem constar no documento, o Manual de Polícia Judiciária da Polícia Civil do Estado de São Paulo (2007) ensina que "presta-se fielmente à descrição do fato, registrando horários, determinados locais, relacionando veículos e objetos, descrevendo pessoas envolvidas, identificando partes etc". Contudo, é sabido que o registro de uma ocorrência não equivale necessariamente ao envolvimento das partes em um crime ou infração, admitindo-se a lavratura do boletim de ocorrência em outros casos:

Além dessa função principal, o boletim de ocorrência é utilizado largamente para registros de fatos atípicos, isto é, fatos que, muito embora não apresentem tipicidade penal, não configurando, portanto, infração penal, merece competente registro para preservar direitos ou prevenir a prática de possível infração, sendo conhecidos, consuetudinariamente, pela denominação de boletim de ocorrência de preservação de direitos. (QUEIROZ, 2007, p. 74).

O título da seção do jornal *Maskate* pode referir-se, então, aos tipos de situação narradas, que conforme observamos nos exemplos do *corpus*, não são exclusivamente crimes ou infrações, mas narrativas de acontecimentos diversos e atípicos, desde desavenças entre vizinhos a acidentes de trânsito sem vítimas fatais – embora crimes e infrações também sejam observados. Além da norma não padrão utilizada para narrar os fatos, o *Maskate* lança mão de: chavões, gírias, expressões tabus, comentários avaliativos a respeito dos/as envolvidos/as no evento, ironia e sarcasmo, bem como relato não objetivo do ocorrido. Apesar de todas essas características divergentes entre o *Boletim de Ocorrência* do *Maskate* e o boletim de ocorrência da polícia, e considerando que existem entre os dois, características comuns, faltaria ainda ao primeiro uma característica seminal e condicional para que pudesse ser considerado como legítimo boletim de ocorrência: a legitimação atribuída pela autoridade policial quando do ato da lavratura.

Isso sem considerarmos as próprias condições de produção dos textos, que são distintas. Entretanto, ao intitular assim a seção, o *Maskate* faz ecoar conhecimento metagenérico, evocando um conteúdo específico. Assim, apesar de manter relativa semelhança com o gênero boletim de ocorrência, trata-se na verdade do gênero notícia

policial, presente na maioria dos jornais, sejam estes considerados “imprensa séria” ou “imprensa marrom”. O que diferencia os dois tipos de imprensa, entre outras coisas, é a forma utilizada na construção das notícias. A fim de ilustrar os traços comuns e distintos, quanto ao gênero notícia policial, selecionamos duas notícias de diferentes jornais de Manaus, ambas publicadas dia 04 de janeiro de 2011, terça-feira: uma delas foi extraída do jornal *Maskate* e a outra do jornal *A Crítica*.

Figura 4 – Notícia do jornal *Maskate* em 04. Jan. 2011.

Amizade sem fim

O galeroso Luís Paulo, mais conhecido no mundo da malandragem como o “Corote” largou a facada na peituchuca de seu miguxo, Mário Jorge Mendes Albuquerque, 21, na noite de ontem, no fantástico bairro do Zumbi dos Palmares, zona Leste. Corote foi paciente e esperou, com toda a serenidade, Mário sair da aula a noite só para pegá-lo de surpresa e larga-lhe a peixeirada bem perto de seu mamilo. Os dois se envolveram em uma intriga de chifre, drogas e mais chifre. Em seguida, satisfeito, saiu curtindo com a cara do infeliz, que se fingiu de morto, para não morrer de verdade. Mário foi levado ao pronto-socorro João Lúcio e já trama sua vingança, que deverá sair nas páginas do B.O.



Figura 5 – Notícia da seção *Polícia* do jornal *A Crítica* em 29. fev. 2012.

Modelo é assassinado com diversos tiros na Zona Sul de Manaus

Kaiosan Monteiro morreu quando cercava a sua residência com estacas de madeira. Os pais acreditam que ele morreu por engano

Manaus, 29 de Fevereiro de 2012

THIAGO MONTEIRO E MARIANA LIMA

Um jovem e apenas 21 anos foi assassinado na porta de casa, na noite da última terça-feira (28), na Zona Sul de Manaus, quando construía uma cerca. Familiares afirmam que o jovem não tinha desavenças e que morreu por engano.

Segundo informações do pai da vítima, Kaiosan Barbosa Monteiro, 21, cercava a residência em que morava, no Beco Paciência, bairro Educandos, Zona Sul de Manaus, com estacas de madeira quando foi abordado por um homem armado.

O homem, ainda não identificado, teria perguntado ao Kaiosan por uma terceira pessoa que o modelo afirmou não conhecer. O jovem, então, se virou para entrar na casa quando foi atingido com vários tiros na altura da cabeça, tórax e braços.

O pai da vítima disse que Kaiosan não tinha o costume de sair, não bebia e não era usuário de drogas. O modelo aparentemente não tinha desavenças.

A família teme novas mortes e por isso, a mãe e irmãs da vítima devem embarcar ainda nesta terça para Recife, onde aguardarão as investigações da polícia.

O caso foi registrado na Delegacia Especializada em Homicídios e Sequestros (DEHS).

É possível perceber na simples leitura das duas notícias, que elas são bastante distintas. Comparemos, a seguir, suas estruturas e algumas de suas características:

Quadro 6 – Quadro comparativo entre a notícia policial no *Maskate* e em *A Crítica*..

Modelo é assassinado com diversos tiros na zona sul de Manaus (<i>A Crítica</i>)	Amizade sem fim (<i>Maskate</i>)
Título ¹³ da notícia: resumo geral do evento, alta carga informativa.	Título da notícia: resumo irônico do evento, carga informativa baixa.
Lide ¹⁴ informativo.	Lide informativo, e sensacionalista.
Descrição detalhada e objetiva do cenário da tragédia.	Descrição detalhada e subjetiva do cenário da tragédia.
Predomina a narração	Hibridismo: narração e argumentação
Representação imparcial dos fatos	Representação parcial dos fatos
Estrutura da notícia: pirâmide invertida (clímax do fato, desenvolvimento da história, conclusão).	Estrutura da notícia: pirâmide invertida (clímax do fato, desenvolvimento da história, conclusão).
Uso de linguagem padrão.	Uso de linguagem não padrão, coloquial.
Comentários presentes, porém explicativos.	Narrativa repleta de comentários avaliativos que permeiam a notícia.

Embora as notícias guardem muitas diferenças, ambas realizam as principais características do gênero notícia policial, conforme descrição de Lustosa (1996). São elas:

- a. Descrição detalhada do cenário da tragédia;
- b. Narração do comportamento das pessoas envolvidas;
- c. Questionamento sobre comportamentos antissociais;
- d. Uso de clichês e expressões técnicas especializadas.

Lustosa (1996) lembra que algumas das notícias policiais satisfazem completamente as características elencadas, ou o fazem de forma a romper alguma dessas características, sem que isso comprometa seu vínculo com o gênero notícia policial. Por isso, devemos pensar em uma realização potencial que privilegia as principais características do gênero

¹³ O “título é a frase [...] composta em letras grandes que se dispõe acima do texto, com a finalidade básica de dar ao leitor uma orientação geral sobre a matéria que encabeça e despertar o interesse pela leitura”. (DOUGLAS, 1966)

¹⁴ “O lide é o primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso, embora possa haver outros lides em seu corpo. O lide, na síntese acadêmica de Harold Lasswell, informa *quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para quê.*” (LAGE, 2006)

em questão. A não satisfação de uma ou mais características, ou o desvio da linguagem costumeiramente utilizada não implica necessariamente na quebra do vínculo com o potencial genérico. Conforme afirma Fairclough, gênero é “um conjunto de convenções relativamente estável que é associado com, e parcialmente representa um tipo de atividade socialmente aprovado”. (Fairclough, 2003, p. 161). Outras características pouco comuns em notícias policiais de jornais de referência, mas também presentes no *Maskate* dizem respeito aos modos de representação de atores sociais e eventos, ao amplo uso da ironia e do sarcasmo como estratégia de criação de efeito de humor, entre outras especificidades que abordaremos ao longo desta análise de modo mais detalhado.

Estes ‘desvios’, contudo, não indicam um novo gênero, pois apesar de sua existência marcar uma relativa diferença na atualização do potencial genérico, mantém-se o mesmo processo particular de produção, distribuição e consumo do texto, requisito básico segundo Fairclough (2003) para a diferenciação entre gêneros. Ou seja, nesse caso, estamos tratando do mesmo gênero, porém de diferentes estilos. A função da seção *Boletim de Ocorrência* permanece sendo informar leitores/as sobre atos de violência e fatos atípicos recém-ocorridos na cidade. Porém, seguindo o estilo que é próprio à publicação em questão, viola-se o padrão estilístico comum ao gênero, gerando efeitos de sentido de humor. Com isso, mantém-se harmônico o “tom” jocoso da publicação como um todo, o que provavelmente agrada seu público-leitor. A seguir, elenco exemplos extraídos do *corpus*, que ilustram algumas das características da seção *Boletim do Maskate*:

- a. Marcas de oralidade
 - (1) A dona de casa, Cristina Costa Oliveira, 30, chegou em casa numa boa e encontrou o maridão curtindo com uma capivara toda fogaosa que vivia ciscando por lá perto de sua casa.” (Chifre e confusão – 05/10/2010)
- b. Ironia e avaliação na representação de eventos e atores sociais
 - (2) “Bandidão pega tiro e vai pro inferno” (Já foi tarde 05/10/2010)
- c. Uso de expressões idiomáticas
 - (3) “A família de Joel jura de pé junto que ele estava bem tranqüilinho e nunca mais havia aprontado...” (Já foi tarde – 05/10/2010).

- d. Uso de regionalismos
- (4) “O industriário Joel Silva Sena, 24, bem que tentou mudar de vida depois de aprontar mil e umas trapalhadas pela zona Leste, mas acabou imbiocando direto para debaixo da terra.” (Já foi tarde – 05/10/2010).
- e. Lides sensacionalistas
- (5) Tênis meu, não vá (05/10/2010)
- (6) O Dr. Ray do Parque São Pedro (04/01/2011)
- (7) Amigas da Onça: disputa por macho acaba em morte de garota (07/12/2010)
- (8) Sogra se estressa e manda matar o genro (03/05/2011)
- (9) Já foi tarde. Bandidão pega tiro e vai pro inferno (05/10/2010)

4.3 Análises Linguístico-Discursivas

Por lidar com um recorte de 25 notícias, achei por bem iniciar a investigação do *corpus* pela microanálise dos dados. Ou seja, analisando cada notícia individualmente, tomando sempre como referência as categorias analíticas norteadoras da pesquisa, com base nas questões de pesquisa que propus:

Texto 1

Já foi tarde
Bandidão pega tiro e vai pro inferno
(05/Outubro/2010)

O industriário Joel Silva Sena, 24, bem que tentou mudar de vida depois de aprontar mil e umas trapalhadas pela zona Leste, mas acabou imbiocando direto para debaixo da terra, na noite da última terça-feira, no bairro que mais parece terra de banguê-banguê, Nova Floresta, na zona Leste. Joel pegou só um tirinho na peitucha, mas foi suficiente para empacotar de vez. Ele era ex-presidiário e a polícia suspeita que ele estava envolvido numa tentativa de homicídio ocorrida há três meses. A família de Joel jura de pé de junto que ele estava bem tranqüilinho e nunca mais havia aprontado, mas os policiais que foram ao local do crime, acham que a história não é bem essa não. “Ele estava na dele, ele. Nunca mais ele tinha cometido nenhum crime, ele”, disse um parente que não quis se identificar. A bronca foi tão alta que o crime não teve testemunhas, uma moçada viu, mas ninguém quis se comprometer. A única coisa que a polícia soube foi que Joel estava passeando pela Pista Principal, no bairro, e a bala o encontrou. Segundo a Delegacia Especializada em Homicídios e Seqüestros,

que vai investigar o caso com muito empenho e dedicação, Joel respondia pelos crimes de tentativa de homicídio, roubo e extorsão.

Quadro Analítico 1

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Ausência de representação de ator social. A agência é objetivada	(1) “Joel estava passeando pela pista principal do bairro e <i>a bala o encontrou</i> ”.
Vítima	Exclusão por colocação em segundo plano	(2) “Já foi tarde”
	Categorização por avaliação negativa; Pressuposição existencial e valorativa	(3) “ <i>Bandidão</i> pega tiro e <i>vai pro inferno</i> ”
	Funcionalização, nomeação semiformal e classificação por idade	(4) “O <i>industrial</i> Joel Silva Sena, 24, bem que tentou mudar de vida depois de aprontar mil e umas trapalhadas pela zona Leste, mas acabou imbiocando direto para debaixo da terra”.
	Nomeação informal	(5) “Joel pegou só um tirinho na peitchuca”.
	Classificação	(6) “Ele era <i>ex-presidiário</i> e a polícia suspeita que ele estava envolvido numa tentativa de homicídio ocorrida há três meses”.
	Comentário avaliativo (pressuposição de valor)	(7) “A família de Joel jura de pé de junto que ele estava bem tranquilinho e nunca mais havia aprontado, mas os policiais que foram ao local do crime, acham que a história não é bem essa não”.
	Comentário avaliativo (pressuposição de valor)	(8) “Segundo a Delegacia Especializada em Homicídios e Seqüestros [...] Joel respondia pelos crimes de tentativa de homicídio, roubo e extorsão”.
Autoridade policial	Assimilação por coletivização	(9) “A <i>polícia suspeita</i> que ele estava envolvido numa tentativa de homicídio ocorrida há três meses”. (10) “A família de Joel jura de pé de junto que ele estava bem tranquilinho e nunca mais havia aprontado, mas os policiais que foram ao local do crime, acham que a história não é bem essa não”. (11) “A <i>única</i> coisa que a <i>polícia soube</i> foi que Joel estava passeando pela pista principal do bairro e a bala o encontrou” (12) “Segundo a <i>Delegacia de Homicídios e de Seqüestros</i> ”

Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Homicídio	Modalização epistêmica (eufêmica); Uso de ironia; Metáfora Representação eufêmica e cômica; Objetivação do evento	(13) “Joel pegou <i>só um tirinho na peitluca</i> , mas <i>foi o suficiente para empacotar de vez</i> ”. (14) “Joel estava passeando pela pista principal do bairro e <i>a bala o encontrou</i> ”.
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
A causa do assassinato não é representada de forma explícita na notícia.	Estabelecimento de relação indireta entre o assassinato da vítima e sua vida pregressa; Racionalização	(15) “O industrial Joel Silva Sena, 24, <i>bem que tentou mudar de vida depois de aprontar mil e umas trapalhadas pela zona Leste</i> , mas acabou imbiocando direto para debaixo da terra [...] <i>A família de Joel jura de pé de junto que ele estava bem tranquilinho e nunca mais havia aprontado, mas os policiais que foram ao local do crime, acham que a história não é bem essa não.</i> [...] Segundo a Delegacia Especializada em Homicídios e Seqüestros [...] <i>Joel respondia pelos crimes de tentativa de homicídio, roubo e extorsão</i> ”.

O ato de violência representado é um homicídio. Os atores sociais representados são respectivamente: a vítima, a autoridade policial, a família da vítima e testemunhas. A representação da vítima dá-se por meio de diferentes mecanismos. Já no título da notícia, a vítima é representada pela categoria de exclusão por colocação em segundo plano, que ocorre quando “os atores sociais podem não ser mencionados em relação a uma determinada ação, mas podem ser recuperados em alguma outra parte do texto” (van Leeuwen, 2008, p. 29).

Nesse caso, é possível recuperar o sujeito elíptico da frase por inferência e perceber que se trata de Joel, relacionando essa representação *in absentia* a outras representações *in presentia* ao longo do texto. Nesse exemplo, a vítima é representada como alguém cuja morte não deve ser lamentada, conforme texturizado no título da notícia. O título também serve para avaliar negativamente a vítima, para isso recorrendo à expressão idiomática, de estilo coloquial.

A vítima é também representada como “bandidão”, em processo de categorização por avaliação, negativa, neste caso. Quando ocorre a representação por categorização, os

atores sociais são representados de acordo com as identidades e funções que compartilham com outros (van Leeuwen, 2008, p.40). Aqui isso ocorre de duas maneiras: por sua categorização como “bandidão”, mas também em “vai pro inferno”, trecho no qual se opera um julgamento irônico que transcende a justiça terrena. Neste trecho temos a pressuposição existencial do inferno e a pressuposição de valor, que preconiza que este seria o destino de Joel, agregando valor negativo à sua representação.

A representação da autoridade policial ocorre por coletivização por assimilação. É interessante notar o contraste entre os processos utilizados pela polícia para representar por um lado, o assassinato de Joel; e por outro, sua vida pregressa. O texto informa que: “a polícia *suspeita*” e “os policiais que foram ao local do crime *acham* que a história não é bem essa não” (em referência à suposta mudança de vida de Joel). Nos dois casos, o uso de processo mental (suspeitar, achar,) marca o baixo comprometimento por parte da autoridade policial com a veracidade das informações relatadas. A respeito do assassinato em si, “a *única* coisa que a polícia *soube* foi que Joel estava passeando pela pista principal do bairro e a bala o encontrou”. Nesse trecho o autor ironiza e ressalta o fato de que, de fato, a polícia nada sabe sobre o crime. O texto informa sobre o crime que “uma moçada viu, mas ninguém quis se comprometer”. Desta feita, as informações que a polícia possui sobre o crime, ela “soube”, conforme destaque do autor (através de terceiros, as testemunhas), não através de processo de investigação.

No trecho (4), ao contrário dos trechos anteriores, temos uma maior carga informacional: o que no título e no soutien da notícia se enuncia apenas sugestivamente, aqui ganha contornos, garantindo ao/à leitor/a algumas das informações que normalmente figuram em notícias policiais. Entretanto, a organização contextual dessas informações é atípica, fazendo afirmações sobre a vítima que escapam ao evento específico de seu assassinato, e extrapolam, portanto, a notícia: “bem que tentou mudar de vida”, “aprontar mil e uma trapalhadas”, “imbiocando direto para debaixo da terra”.

A representação da vítima também se dá pela nomeação informal, “Joel”, e permanece o tom jocoso na representação do evento, e pelo processo de categorização por avaliação, “ex-presidiário”. Apesar de a palavra encontrar-se precedida pelo prefixo “-ex”, denotando que a pena já fora cumprida, acredito que o termo “presidiário” tem em nossa cultura uma carga semântica tão inerentemente negativa, que mesmo o processo estando no

passado (“Ele *era* ex-presidiário”), e apesar do prefixo “-ex”, permanece a representação negativa da vítima como alguém que outrora demonstrou comportamentos desviantes.

Acredito que essa escolha lexical não é casual e serve ao propósito de reforçar mais uma vez a idéia de que Joel, a vítima, representava um perigo à sociedade e não poderia ser considerado, portanto, uma “vítima inocente”. Ao representar Joel como “bandidão”, “ex-presidiário”, alguém que já havia “aprontado mil e uma trapalhadas pela zona leste” e mais especificamente alguém que “já foi tarde”, mitiga-se a representação de Joel como vítima, e de certa forma legitima-se a violência sofrida por ele por meio da estratégia de racionalização. Desta forma, mesmo um ato de violência, pode, potencialmente, cumprindo fins ideológicos, ser representado como um ato legítimo que se procura justificar.

Na notícia, a estratégia utilizada para legitimar a violência sofrida por Joel é a racionalização. Estabelece-se, indiretamente, uma relação de causa e consequência entre o passado de Joel e sua morte, como se sua vida pregressa no mundo do crime, de alguma forma, servisse como “justificativa” para sua execução. De certa forma, a morte de pessoas envolvidas em atos criminosos (seja pela autoridade policial ou por gangues rivais) na sociedade em que vivemos tornou-se tão banalizada que acaba sendo percebida como um processo “natural”.

Há também um forte aspecto ideológico de representação que separa os “bons” dos “maus” (cujas mortes não devem ser lamentadas). Portanto, pessoas como Joel, quando vão, já “vão tarde”, como se a vida dessas pessoas tivesse um valor menor que outras. O autor inicia o trecho representando a tentativa da vítima em mudar de vida, por meio da expressão modalizadora epistêmica em destaque, “Joel *bem que* tentou mudar de vida”. O autor compromete-se parcialmente com a afirmação que Joel tentou mudar de vida, de forma condescendente em um nível médio-baixo. Sustentamos a idéia de que essa representação é condescendente e irônica já que logo em seguida o autor reforça o estereótipo de Joel, relacionando-o a comportamentos desviantes.

Assim, pela tensão entre as informações, a suposta tentativa de Joel em mudar de vida é desconstruída. Se fosse o caso de o texto seguir nessa direção, poderia haver mais referências ao que Joel fazia no presente (sabemos que ele trabalhava como “industrial”, mas esta é a única informação que temos). A representação negativa da vítima é reforçada quando o autor atribui comentários à autoridade policial e à família de Joel para legitimar a

representação dele como um “bandidão”. O texto informa que “a polícia *suspeita* que *ele estava envolvido numa tentativa de homicídio* ocorrida há três meses”. Aqui temos uma suposta voz atribuída à autoridade policial, que acaba legitimando a representação negativa da vítima.

A voz atribuída à família de Joel é citada no texto representando-o de forma positiva, apenas para ser deslegitimada pela atribuição de voz à autoridade policial, conforme lemos em: “A família de Joel *jura de pé de junto* que ele estava bem tranqüilinho e *nunca mais* havia aprontado, *mas os policiais que foram ao local do crime, acham que a história não é bem essa não*”. A própria apresentação da voz com “jura de pé junto” já opera contra sua credibilidade, que se reforça pela dupla negação que fortalece a voz policial (“não é bem essa não”).

Apesar de o comentário atribuído à família representar Joel de modo positivo, nele é ativado o pressuposto que ele outrora ‘aprontou’, conclusão lógica da expressão “*nunca mais* havia aprontado”. Ainda pode-se destacar a maneira como a declaração feita pela família sobre Joel foi relatada. O autor da notícia não usou discurso indireto, preferiu o discurso direto, supostamente respeitando a maneira e o conteúdo do que foi dito, mas ao fazer a repetição do sujeito (“Ele estava na dele, *ele*. Nunca mais ele tinha cometido nenhum crime, *ele*”), marca de oralidade do falante amazonense de baixa escolaridade, também coloca em cheque a credibilidade do que foi dito.

Como vimos, apesar do juramento e do ‘depoimento’ da família, vemos em seguida a voz atribuída aos policiais, “mas os policiais que foram ao local do crime, acham que a história não é bem essa não”. A própria autoridade policial deslegitima a representação favorável da família de Joel, já que fica texturizado que “Segundo a Delegacia Especializada em Homicídios e Sequestros [...] Joel respondia pelos crimes de tentativa de homicídio, roubo e extorsão”. O tempo verbal escolhido em “respondia” parece contradizer a representação anterior de Joel como “*ex-presidiário*”.

O ato de violência é representado de forma eufêmica, e o assassinato de Joel é representado enquanto evento de forma modalizada através do uso de três elementos que contribuem para mitigar a violência. São esses elementos: o advérbio “só”, o numeral “um” e o sufixo “-inho”, em “tirinho”, que combinados modalizam o evento de forma a diminuir sua seriedade, afinal de contas, foi “só um tirinho”, e na “peitchuca”, referência jocosa ao

local onde a vítima foi atingida, cujo efeito de comicidade mitiga a gravidade do evento. Portanto, o ato de violência sofrido por Joel é representado de forma cômica, banal, diminuindo sua real importância, e se completando na metáfora “empacotar de vez”.

Além disso, o ato de violência é representado sem um ator social humano como agente, e sim um objeto: “a bala o encontrou”, num processo de representação de impersonalização por objetivação. Dizer que “a bala o encontrou” implica um apagamento do fato de que a bala que o atingiu saiu de uma arma, que foi disparada por alguém, um ator social do mundo real.

No texto, é possível percebermos duas representações metafóricas acerca da morte de Joel. Analiso os dois casos com base nos tipos de metáforas propostos em Lakoff e Johnson (2002). No primeiro caso, “Joel [...] bem que tentou mudar de vida [...], mas acabou *imbiocando*¹⁵ *direto para debaixo da terra*”, no segundo temos que: “Joel pegou só um tirinho [...], mas foi suficiente para *empacotar de vez*”.

As duas metáforas fazem referência à morte de Joel. Na primeira, uma metáfora orientacional organiza um conceito em relação a uma orientação espacial. Na segunda temos uma metáfora ontológica (em termos de objeto ou substância), que ocorre quando compreendemos um aspecto de um conceito (morte) em termos de outro (empacotar).

Joel, que no início do texto é representado como “bandidão”, termina sendo representado menos como vítima, e mais como suspeito. Do início ao fim da notícia, Joel é representado principalmente como “bandido”. A notícia inclui detalhes sobre a vida pregressa de Joel. Sabemos que ele havia “aprontado mil e uma trapalhadas”, que era “ex-presidiário”, que era suspeito de envolvimento em uma tentativa de homicídio, e que respondia pelos crimes de tentativa de homicídio, roubo e extorsão.

Mas não se levanta discussão sobre quem o teria matado, uma vez que o agressor não é representado, e não se especula sobre o motivo de seu assassinato, uma vez que não há representação da causalidade. A notícia continua sendo sobre Joel Silva Sena, mas deixou de ser prioritariamente sobre o crime do qual ele foi vítima. Isso se tornou secundário. O que passa a ser primário na narrativa é a representação de Joel como

¹⁵ Imbiocar – Expressão regional. Entrar rapidamente em algum lugar; dar um mergulho profundo.

criminoso. Os crimes/infrações de que Joel foi autor ganham mais destaque representacional que o crime que o vitimou.

Texto 2

Chifre e confusão
(05/Outubro/2010)

Uma cena pra lá de bizarra e inusitada aconteceu na noite de ontem, no bairro Alfredo Nascimento, zona leste. A dona de casa, Cristina Costa Oliveira, 30, chegou em casa numa boa e encontrou o maridão curtindo com uma capivara¹⁶ toda fogaosa que vivia ciscando¹⁷ por lá perto de sua casa. Apesar de a excitação estar no ar, Cristina não achou a cena nada interessante e resolveu tirar um pouco de sangue das costas do maridão. Primeiro ela tentou eliminar a sua sócia, mas a mesma saiu vazada¹⁸, mais rápido que uma bala. Quando ela se armou com uma faca, o maridão, ainda com o talo enrijecido, tentava se vestir, mas foi atingido com duas facadas. Chorando e dessa vez com o cacete já amolecendo, ele conseguiu escapar da ira da amada e foi bater¹⁹ no João Lúcio.

Quadro Analítico 2

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Funcionalização	(16) “dona de casa”
	Nomeação semiformal	(17) “Cristina Costa Oliveira”
	Nomeação informal	(18) “Cristina”
	Classificação por idade	(19) “30”
	Identificação relacional irônica	(20) “amada”
Vítima 1	Identificação relacional irônica	(21) “maridão”
	Metonímia	(22) “ <i>talo enrijecido</i> ”, “ <i>cacete já amolecendo</i> ”
Vítima 2	Identificação relacional metafórica e irônica	(23) “ <i>sua sócia</i> ”
	Avaliação por metáfora (pressuposição de valor)	(24) “ <i>capivara toda fogaosa que vivia ciscando por lá perto de sua casa</i> ”
Autoridade policial	Supressão	-----

¹⁶ Capivara – Expressão regional. Mulher de coxas grossas e bunda grande que gosta de exhibir suas formas.

¹⁷ Ciscar – Expressão regional. Ato de assanhar-se, excitar, insinuar-se, paquerar.

¹⁸ Vazar – Expressão regional. Ato de fugir, escapar, sair, ir embora.

¹⁹ Ir bater – Expressão regional. Parar (em algum destino). Exemplo: Perdi-me mesmo com o GPS e *fui bater* em um bairro desconhecido.

Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Lesão corporal e tentativa de homicídio	Significado de palavra (eufemismo) Metáfora, modalização epistêmica eufêmica	(25) “Chifre e <i>confusão</i> ” (26) “Uma <i>cena</i> pra lá de bizarra e inusitada aconteceu na noite de ontem” (27) “Cristina não achou a <i>cena</i> nada interessante e resolveu <i>tirar um pouco de sangue das costas do marido</i> ”.
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Suposta traição	Estabelecimento de relação indireta entre a atitude indesejável da vítima (causa) e agressão (consequência); Racionalização; Representação da reação da agressora (processo mental)	(28) “Apesar de a excitação estar no ar, <i>Cristina não achou a cena nada interessante e resolveu tirar um pouco de sangue das costas do marido</i> . Primeiro ela tentou eliminar sua sócia, mas a mesma saiu vazada”.

O ato de violência representado caracteriza lesão corporal e tentativa de homicídio. Os atores sociais representados são duas vítimas e a agressora. A representação da agressora é realizada pelas categorias de funcionalização, “dona de casa”; nomeação semiformal, “Cristina Costa Oliveira”; nomeação informal, “Cristina”; e classificação por idade, “30”.

A primeira vítima é representada por identificação relacional quanto à agressora, como “maridão”. Nesse caso, podemos inferir que o termo é utilizado de forma irônica, uma vez que na narrativa o marido é representado como um homem infiel, sentido reforçado pelo uso do aumentativo. “Ele também é representado de forma metonímica em “talo enrijecido”; cacete já amolecendo”. Nesses trechos a representação ocorre pelo órgão sexual, com detalhes sobre seu corpo, dados aos quais o jornalista não teria acesso. Considero, portanto, que esse trecho possui a única função de entreter o leitor, uma vez que não acrescenta carga informativa relevante. O autor utiliza esta mesma estratégia, de inserir comentários com baixa carga informativa, mas alta carga humorística a fim de gerar efeito

de comicidade nas notícias. Quase sempre, ele faz isso à custa da imagem das vítimas e agressores, como neste caso, expondo e ridicularizando-os, violentando-os simbolicamente.

A segunda vítima é representada com o termo “*capivara toda ferosa*”, metáfora conceitual que avalia negativamente tanto a mulher quanto sua libido, considerada como inadequada pelo autor. Inadequação ainda reforçada pelo uso do termo ciscando em “*vivia ciscando*” perto da casa da agressora, o que caracteriza a segunda vítima como uma “galinha”, ave que cisca e cujo nome é utilizado conotativamente para designar uma mulher que mantém relações sexuais com vários homens.

Pode-se observar duas questões de gênero que giram em torno do discurso machista uma envolvendo a relação entre a agressora e seu marido e outra envolvendo a agressora e a “*capivara toda ferosa*”.

A segunda vítima é representada por identificação relacional à agressora (realizada por pronome possessivo) no trecho “*sua sócia*” cujo tom é de ironia uma vez que de fato, não existia ‘sociedade’ entre as duas mulheres. A representação das duas enquanto ‘sócias’ funciona como uma metáfora que é utilizada pelo autor como recurso de geração de comicidade, numa clara referência ao fato de que as duas ‘compartilhavam’ o mesmo homem.

Na representação da causalidade, sugere-se que ao flagrar o marido com outra mulher, “Cristina não achou a cena nada interessante e resolveu tirar um pouco de sangue das costas do maridão”. Nesse trecho vemos, representada a reação negativa da agressora diante da traição sofrida por meio de um processo mental “*não achou a cena nada interessante*”, que indica a desaprovação da mulher em relação à atitude indesejável do marido. Processos mentais (grupos verbais) representam emoções, percepções, sensações. O sentimento de desagrado e decepção é representado de modo a legitimar o ato de violência que adquire propriedade punitiva quando da decisão da esposa de “tirar um pouco de sangue das costas do maridão”, expressão que funciona aqui como uma metáfora conceitual eufêmica para referir-se à tentativa de homicídio não consumada da esposa.

A causalidade da agressão, portanto, foi a descoberta da esposa de que estava sendo ‘traída’. Assim como em outras notícias, percebemos um padrão que se repete ao longo dos textos. Trata-se da legitimação de atos de violência como esse por meio da racionalização. O processo de legitimação neste caso consiste em ‘buscar justificar’ o crime apresentando

evidências de comportamento não desejáveis por parte das vítimas, que sugerem que a violência foi utilizada de forma punitiva, e que foi, portanto, merecida. Ou seja, subentende-se que a vítima ‘aprontou alguma’, como fica representado aqui.

Basicamente essa estratégia consiste na representação de uma atitude desagradável realizada pela vítima (marido). Em seguida, vemos representado o estado emocional do agressor, que normalmente se altera em resposta de “desaprovação” a tal comportamento. Comumente um processo mental é utilizado para representar as emoções, sofrimentos e dores do agressor, para apenas em seguida representar-se a agressão em si, que figura de forma presumida como ato punitiva pelas ‘atitudes indesejáveis’.

É interessante notar que o que motivou a agressão foi o fato de a esposa (agressora) ter flagrantado o marido com outra mulher (referida pelo autor como “capivara toda fogosa”). Existe nesse trecho uma pressuposição de valor que avalia negativamente a libido da vítima bem como sua atitude (“vivia ciscando” nas proximidades da casa da agressora). Contudo, não ocorre a mesma valoração negativa em relação à libido do homem por parte do autor. Apesar do envolvimento dos dois no ato de ‘traição’, a mulher é representada pelo autor como ‘vilã’, a “capivara fogosa”. O homem é apenas representado ‘curtindo’ e a única referência que poderia pressupor uma avaliação negativa à sua atitude é realizada de forma indireta no lide da notícia “*chifre e confusão*”, que ainda assim não faz menção direta ao marido traidor. Tanto a representação da libido feminina quanto a da masculina inserem-se na concepção machista de que o homem ‘tudo pode’ e a mulher ‘nada pode’ e é uma visão do autor que não é compartilhada pela esposa agressora, uma vez que essa por meio da agressão sinaliza uma não conformação com a atitude do marido, o que significa que para ela o homem ‘não pode tudo’.

Além disso, a tentativa de homicídio é representada de forma eufêmica e mitiga-se a gravidade da agressão, que é descrita como “confusão” no título da notícia e como “*uma cena pra lá de bizarra e inusitada*”, de forma a produzir efeitos de humor. É notório que existe um abismo semântico que separa os termos ‘confusão’ e ‘tentativa de assassinato’. Entretanto, é como uma ‘confusão’, uma ‘cena’, que o autor escolhe representar a agressão. Não uma ‘cena’ lamentável e triste; mas uma “*cena bizarra e inusitada*”.

Texto 3

Tênis meu, não vá
(05/Outubro/2010)

Por causa de um belíssimo tênis, o estudante Jakson Messias, 20, quase tem a cabeça decepada de cima do pescoço. O fato aconteceu no violento bairro do São José Operário, no final de semana. Jakson economizou anos para poder comprar o lindo tênis dos seus sonhos, mas como não conseguiu o jeito foi ficar com uma falsificação barata, desses contrabandeados da China mesmo. Quando passeava alegremente com seus novos calçados, foi surpreendido com uma braçada no pé do ouvido que o deixou desnordeado. Cinco galerosos tentaram lhe roubar, mas só conseguiram levar uma banda dos calçados. Pouco depois, Jakson fumou a sua maconha e invadiu as quebradas²⁰ atrás dos caras.

Quadro Analítico 3

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Assimilação por coletivização e categorização (avaliação negativa)	(29) “cinco galerosos” (30) “caras”
Vítima	Nomeação semiformal	(31) “Jackson Messias”
	Nomeação formal	(32) “Jackson”
	Funcionalização	(33) “estudante”
	Classificação por idade	(34) “20”
	Classificação implícita de classe social; Ironia	(35) “Jackson <i>economizou anos para poder comprar o lindo tênis dos seus sonhos, mas como não conseguiu, o jeito foi ficar com uma falsificação barata, desses contrabandeados da China mesmo</i> ”
	Avaliação por pressuposição de valor	(36) “Pouco depois, <i>Jackson fumou sua maconha e invadiu as quebradas atrás dos caras</i> ”
Autoridade policial	Supressão	-----
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Roubo	Desagencialização (objetivação do evento)	(37) “ <i>O fato aconteceu no violento bairro do São José Operário</i> ”
	Passivização; colocação dos agentes em segundo plano	(38) “ <i>Quando passeava alegremente com seus novos calçados, foi surpreendido com uma braçada no pé do ouvido que o deixou desnordeado. Cinco galerosos tentaram lhe roubar, mas só conseguiram levar uma banda dos calçados.</i> ”

²⁰ Expressão informal. Vizinhança, muitas vezes associada a vizinhanças localizadas em periferias urbanas.

Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
O tênis é representado como causa da agressão	Causalidade introduzida por expressão de finalidade; Dissimulação	(39) “ <i>Por causa de um belíssimo tênis</i> , o estudante Jackson Messias, 20, quase tem a cabeça decepada do pescoço”

O ato de violência representado caracteriza um roubo. Os atores sociais representados são a vítima e os agressores. A representação da vítima se dá por nomeação semiformal, “Jackson Messias”; nomeação informal, “Jackson”; funcionalização, “estudante”, e classificação por idade, “20”. Ainda com relação à vítima, é possível notar uma referência implícita quanto à classificação pela classe social na menção ao fato de que apesar de ter economizado “anos”, ele só pôde comprar uma falsificação barata, “desses contrabandeados da China mesmo”.

A representação dos agressores ocorre em assimilação por coletivização e categorização por avaliação (negativa), realizadas de forma conjunta em “cinco galerosos”. A assimilação, sempre marcada pela pluralidade, divide-se em dois tipos (van Leeuwen, 2008): agregação e coletivização. O primeiro quantifica grupos de participantes, tratando-os de forma estatística. O segundo não.

O trecho que representa o ato de violência é iniciado por uma oração temporal introduzida pelo advérbio destacado, “*quando* passeava alegremente com seus novos calçados”; e seguido pela representação do ato de violência propriamente dito, que é representado de forma passivada “foi surpreendido com uma braçada no pé do ouvido que o deixou desnordeado.” Nesse trecho que representa o ato de violência, os agressores não são mencionados, mas é possível recuperar a referência em outros trechos, o que caracteriza a exclusão dos agentes por colocação em segundo plano.

A representação da causalidade do ato de violência é expressa na relação semântica entre orações, introduzida nesse caso pela expressão “por causa de”, que indica finalidade. O motivo da agressão é representado unicamente com o desejo, por parte dos agressores, em possuir o tênis da vítima. A representação simplifica temas complexos relacionados a problemas sociais, que perpassam questões concernentes à forma como a sociedade de consumo na qual vivemos nos molda a todos/as como consumidores/as potenciais de

determinados produtos (por exemplo, um tênis de marca), e até que ponto a organização capitalista regula a participação de determinados grupos de indivíduos (ricos) como demanda de consumidores enquanto forma uma demanda reprimida (pobres), que jamais terá seu fetiche pela mercadoria (Marx, 1985) satisfeito, uma vez que não ganha o suficiente para adquiri-lo. Nenhum desses temas é problematizado, entretanto.

Fetiche é feitiço; e conforme pontua Gabbardo (2009):

“as mercadorias escondem sua essência, sua história, ou seja, seu significado original não está presente naquilo que se vê; as relações sociais subjacentes associadas ao trabalho humano desprendem-se das mercadorias e é possível lhes dar novos sentidos, os quais, sobremaneira, a publicidade auxilia a criar.” (GABBARDO, 2009, p. 30).

Ou seja, por meio do fetiche, o produto deixa de ter seu valor avaliado pela sua função-produto ou função-uso e passa a ser avaliado por sua função-signo, ou função-social, conforme ilustra Baudrillard (2007, p. 60): “nunca se consome o objeto em si (no seu valor de uso) – os objetos (no sentido lato) manipulam-se sempre como signos”. Ainda a este respeito, Mancebo (2002), ressalta que, Bourdieu (2007) em suas análises, considera que:

O acúmulo de bens de consumo muito específicos atesta o gosto e a distinção de quem os possui e se constitui num verdadeiro capital cultural ou simbólico [...] serve assim, como um marcador de classe, contribui para a reprodução da ordem estabelecida e para a sua perpetuação; produz formas materiais e concretas de poder; mecanismos nem sempre perceptíveis e não raramente naturalizados (MANCEBO, 2002, p. 328-329 *apud* GABBARDO, 2009, p. 33).

Isso explica, por exemplo, porque imitações de produtos de marcas reconhecidas e culturalmente aceitas como símbolo de *status* (bolsas, sapatos, relógios, canetas, aparelhos celulares etc) fazem tanto sucesso em nossa cultura. Na impossibilidade de acesso ao produto original, geralmente por limitações econômicas; uma ‘saída’ para adquirir o capital simbólico desejado, ou melhor, o *status* que vem atrelado a ele, compra-se uma falsificação. Foi o que a vítima fez ao adquirir o tênis falsificado.

Texto 4

Myke Tyson baré²¹
(05/Outubro/2010)

Na noite de ontem, o auxiliar de pedreiro, José dos Santos Batista, 46, descobriu uma nova forma de aliviar o stress da vida corrida e tumultuada das grandes cidades: dar uma surra na esposa, barbaramente. O fato aconteceu no bairro Monte das Oliveiras, zona Norte, onde a felicidade até que existe. Com os nervos a flor da pele, José mal podia esperar para chegar em casa, na noite de ontem, e esquentar o couro macio e sedoso de sua cara metade, Sidimara de Lima Venâncio, 27, com umas boas tapas. E foi o que aconteceu, ele arreventou a cara da amadíssima com muita peia²² e depois foi tomar uma cachaça. Ela foi bater no João Lúcio com a cara toda espocada. Ela deu queixa do seu amorzão na Delegacia da Mulher.

Quadro Analítico 4

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Funcionalização	(40) “auxiliar de pedreiro”
	Nomeação semiformal	(41) “José dos Santos Batista”
	Classificação por idade	(42) “46”
	Identificação relacional irônica	(43) “amorzão”
Vítima	Identificação relacional	(44) “esposa”
	Identificação relacional irônica	(45) “cara-metade”, “amadíssima”
	Nomeação semiformal	(46) “Sidimara de Lima Venâncio”
Autoridade policial	Indeterminação por espacialização	-----
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
	Representação modalizada da reação do agressor; Violência representada por metáfora (eufemização) e modalização	(47) “ <i>Com os nervos a flor da pele, José mal podia esperar para chegar em casa [...] e esquentar o couro macio e sedoso de sua cara metade, com umas boas tapas</i> ”

²¹ Expressão regional utilizada para se referir a tudo que é originário ou típico de Manaus (por causa da tribo indígena com mesmo nome que antigamente habitava aquela região). Ex: cultura baré, música baré, leseira-baré, cotidiano baré, o falar baré etc.

²² Expressão informal. Surra.

	epistêmica Representação ativada; Uso de processo material; Modalização epistêmica; Ironia; Naturalização	(48) “ <i>Ele arrebentou a cara da amadíssima com muita peia e depois foi tomar uma cachaça</i> ”
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Motivo fútil	Dissimulação; Representação irônica da causalidade	(49) “O auxiliar de pedreiro, José dos Santos Batista, 46, <i>descobriu uma nova forma de aliviar o stress da vida corrida e tumultuada das grandes cidades: dar uma surra na esposa barbaramente</i> ”

O ato de violência representado caracteriza violência de gênero contra a mulher (lesão corporal), tipificada na Lei Maria da Penha. Os atores sociais representados são o agressor e a vítima. A representação do agressor ocorre por funcionalização, “auxiliar de pedreiro”; nomeação semiformal, “José dos Santos Batista”, nomeação informal “José”, classificação por idade, “26”; e por identificação relacional à vítima realizada pelo uso do pronome possessivo destacado, “*seu* amorzão”. A representação da vítima ocorre pelas categorias de: nomeação semiformal, “Sidimara de Lima Venâncio”; classificação por idade, “27”; e por identificação relacional ao agressor, “esposa”, “*sua* cara-metade” e “amadíssima”.

Na representação da causalidade, o motivo da agressão é representado como banal, e de forma irônica: uma “nova forma de aliviar o estresse da vida corrida e tumultuada das grandes cidades” utilizada pelo marido da vítima. Acredito que a ironia presente nesse trecho não oferece crítica ao comportamento agressor e, portanto, serve como estratégia ideológica de dissimulação. Thompson (2009) afirma que um dos *modus operandi* da ideologia é a dissimulação, no qual relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem obscurecidas, desviando nossa atenção e passando por cima de relações e processos existentes. Neste caso, ao representar de modo eufêmico a violência, o autor banaliza e satiriza o fato, utilizando o tropo (uso figurativo da linguagem) como estratégia de dissimulação eufêmica.

Dahia (2008) propõe que o riso suscitado por piadas serve como mediador do preconceito, contribuindo para seu encobrimento e sua consolidação. Segundo a autora,

“tornar alguém ou algo como risível é destituí-lo de poder, é enfraquecê-lo, é infantilizá-lo” (Dahia, 2008, p. 705). A autora faz essa asserção para pontuar que, no caso da piada racista, a figura do negro (de quem se ri) é reduzida a uma condição de inferioridade ante o seu suposto ‘gestor’, o branco; produzindo de forma subliminar a idéia de que “a questão das relações raciais não deve ser reconhecida seriamente, pois a aura de brincadeira que envolve seu objeto retira a legitimidade de suas necessidades e reivindicações” (Dahia, 2008, p. 705).

A pesquisa de Dahia ilustra o efeito que, conforme acredito, também resulta do tom jocoso característico do *Maskate* (e exemplificado nessa notícia), que é o de potencialmente anular o espaço para o questionamento sério e devido acerca do problema da violência e da segurança pública na cidade de Manaus, nesse caso especificamente a violência de gênero.

A forma como o ato de violência é representado (“arrebentou a cara da amadíssima com muita peia e depois foi tomar uma cachaça”) coloca a violência como algo “natural”, pois o agressor é representado agindo como “se nada houvesse acontecido”. Novamente a violência é representada de forma banal, e a impunidade aparece como regra que não se deveria questionar.

Ainda a respeito desta notícia, a categoria de significado de palavra, relacionada à representação de atores sociais, mais especificamente à forma relacional de representar a relação do agressor e da vítima, é de interesse. Temos a vítima representada por meio da categoria relacional como “esposa” e “cara metade” do agressor, e também de modo relacional ao agressor como sendo “sua amadíssima”. O agressor também é representado de forma relacional à vítima como “amorzão”. Os termos “cara-metade”, “amadíssima” e “amorzão” são utilizados de forma irônica, que ocorre quando queremos dizer uma coisa significando outra coisa, normalmente o oposto do que enunciamos.

Contudo, em nenhuma das realizações existe marcação textual explícita que sinalize para a ironia (uso de aspas, por exemplo). Caso houvesse, serviria de pista para o/a leitor/a. Como não ocorre, a inferência a respeito da ironia recai exclusivamente na capacidade interpretativa do/a consumidor/a do texto, afinal “a ironia depende de os intérpretes serem capazes de reconhecer que o significado de um texto ecoado não é o significado do produtor do texto” (Fairclough, 2001, p.159). A não utilização de marca explícita deixa espaço para o entendimento literal das palavras (no qual a ironia como estratégia retórica

falha), o que pode ter consequências perigosas, uma vez que a interpretação literal sinaliza para a reciprocidade amorosa entre a vítima e o agressor. São representados como sendo “cara-metade” um do outro, indicando que se “complementam” de forma perfeita, ou seja, são “almas gêmeas”. Essa representação da existência de sentimento de amor, em especial por parte do agressor em relação à vítima, vai de encontro ao pressuposto básico utilizado em campanhas de enfrentamento à violência de gênero, que compreende a idéia de que “quem ama não bate, não agride”, ou seja, a representação de amor mútuo entre os dois (se entendida de forma literal) colabora para sustentar a crença ainda existente por parte de muitas das vítimas e que pode ser resumida pela afirmação “ele me bate, mas me ama”. O amor da vítima em relação ao agressor também é texturizado no trecho em que vemos o agressor sendo representado em relação à vítima como “seu amorzão”. Apesar da representação de amor entre os dois, presente na notícia, vemos que a mulher toma iniciativa de dar queixa formal junto à Delegacia da Mulher, o que sinaliza uma não conformação com o papel de vítima de maus tratos. Contudo, muitas mulheres utilizam o ato de dar queixa contra os maridos como instrumento simbólico punitivo, sem, contudo, abandoná-los; o que parece contraditório, mas pode ter inúmeras motivações: a possível dependência emocional, financeira, falta de lugar para onde ir, até a questão dos filhos, dentre outros fatores. É por isso que tantas organizações de combate à violência contra mulheres, considerando a complexidade desse problema social, criam redes de apoio que vão desde o fornecimento de abrigo até a ajuda de custo e a realocação no mercado de trabalho para mulheres vítimas de violência doméstica. Contudo, nenhum desses aspectos é problematizado na notícia, e a agressão contra a mulher é representada de forma particularizada e totalmente desvinculada do contexto social. Não se trata da colocação em segundo plano da violência como problema social. Trata-se da exclusão de abordagem do tema como problema social, e da representação como um problema individual, e risível.

A representação do lugar também está presente. O bairro e a zona da cidade onde ocorreu a violência são representados de forma irônica no comentário avaliativo modalizado pela expressão em destaque: “onde a felicidade *até que* existe”. O uso da expressão “até que” neste caso serve como modalizador que marca a descrença do autor em relação à asserção. Ou seja, ele se compromete muito pouco com esta verdade.

Texto 5

Trupe dos infernos
(05/Outubro/2010)

O desempregado e cheio de filho para criar, Leandronildo da Silva Buarque, 30, estava tranqüilo, na sua, mas acabou pegando uma terçadada no braço que quase foi decepado. Tudo porque alguns elementos que não fazem a mínima questão de se integrarem à sociedade, acharam que deveriam arrancar fora o braço do rapaz, que já leva uma vida desgramada, comendo o pão que o diabo amassou. O fato ocorreu durante uma tentativa de assalto na rua Piranguaçu do Morro da Liberdade, zona Sul da cidade, na noite de ontem. No local que já tem tradição no galaral, Leandronildo foi abordado pelos elementos “Cabritinho”, “Cara de Penico”, “Pipoca” e “Cuiú”. Todos devidamente cheirados, fumados e altamente encachaçados. Leandronildo ainda tentou reagir, mas só deu pro dele.

Quadro Analítico 5

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Assimilação por coletivização; Avaliação negativa (pressuposição existencial e valorativa)	(50) “ <i>Trupe dos infernos</i> ”
	Indeterminação; Expurgo do outro	(51) “ <i>alguns elementos que não fazem a mínima questão de se integrarem à sociedade</i> ”
	Nomeação informal	(52) “Cabritinho”, “Cara de Penico”, “Pipoca” e “Cuiú”
	Avaliação negativa (pressuposição valorativa); Ironia; Modalização epistêmica	(53) “ <i>todos devidamente cheirados, fumados e altamente encachaçados</i> ”
Vítima	Desfuncionalização seguida de avaliação negativa (pressuposição de valor); Classificação implícita de classe social	(54) “ <i>o desempregado e cheio de filho pra criar</i> ”
	Nomeação semiformal	(55) “Leandronildo da Silva Buarque”
	Nomeação informal	(56) “Leandronildo”
	Classificação por idade	(57) “30”
	Avaliação negativa (pressuposição de valor)	(58) “[...] que já leva uma vida desgramada, comendo o pão que o diabo amassou”
	Classificação por	(59) “rapaz”

	gênero	
Autoridade policial	Supressão	-----
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Tentativa de assalto com lesão corporal	Desagencialização por objetivação Passivização	(60) “O <i>fato ocorreu</i> durante uma tentativa de assalto” (61) “ <i>Leandronildo [...] acabou pegando uma terçadada no braço que quase foi decepado.</i> ”
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Motivo fútil	Dissimulação; Expurgo do outro	(62) “ <i>Tudo porque alguns elementos que não fazem a mínima questão de se integrarem à sociedade, acharam que deveriam arrancar fora o braço do rapaz</i> ”

O ato de violência representado nesta notícia é uma tentativa de assalto com lesão corporal. Os atores sociais representados são: a vítima e os agressores. A vítima é representada por funcionalização, “o desempregado”, seguida de uma avaliação negativa (“e cheio de filho pra criar”) realizada por presunção de valor em que temos implícito que ter muitos filhos sem condições de sustentá-los financeiramente é algo indesejável. Também ocorre a representação da vítima pela nomeação semiformal, “Leandronildo da Silva Buarque”; pela classificação por idade, “30”, e pela nomeação informal, “Leandronildo”.

Temos também a classificação por classe social, realizada de forma indireta por meio da representação de Leandronildo como “desempregado” e alguém “que já leva uma vida desgramada, comendo o pão que o diabo amassou”. O uso do adjetivo “desgramada” para caracterizar a vida da vítima, aliada à metáfora conceitual de que ele “come o pão que o diabo amassou”, remete à idéia de dificuldade, e fortalece a representação de Leandronildo como “desempregado”, alguém em situação econômica desfavorável.

Os agressores são representados no título da notícia em assimilação por coletivização, “trupe dos infernos”. No corpo da notícia, eles são representados por meio de indeterminação (“alguns elementos”); seguida de uma avaliação por pressuposição de valor: “alguns elementos *que não fazem a mínima questão de se integrarem á sociedade*”. Essa representação é ideológica e funciona como estratégia de diferenciação do grupo de atores (agressores) em relação ao resto da sociedade. Ou seja, os agressores são

representados em oposição às pessoas “de bem”, que “se esforçam” em integrarem-se à sociedade, representação na qual a exclusão (dos agressores, e por extensão, outras pessoas em situação semelhante) é caracterizada como uma “escolha”, “opção voluntária”. Afinal, é afirmado que os agressores “não fazem a mínima questão de se integrarem”. Ao usar a negação e o termo “mínima”, o autor se compromete em alto grau ao representar o suposto desinteresse dessas pessoas em fazer parte da sociedade “de bem” como verdade.

O expurgo do outro é um dos modos proposto por Thompson por meio do qual a ideologia pode operar, construindo “um inimigo, seja ele interno ou externo, que é retratado como mau, perigoso, ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-los.” (Thompson, 2009, p. 87).

A violência enquanto problema social desafia a ordem gerando medo e insegurança. Apesar de não atingir exclusivamente a parcela da população pobre do país, sabe-se que esse grupo é mais afetado em decorrência da escassez de recursos próprios aliada ao abandono do Estado. Sabe-se também que a exclusão social é um dos problemas que fomentam a violência – problema de ordem social, e não individual, conforme o texto procura representar. Portanto, simular que determinados indivíduos “não fazem a mínima questão de se integrarem à sociedade” é uma forma de expurgá-los, deslocando o foco do problema ao nível individual, representando-o como uma “escolha”. Essa representação configura um problema sério. Ao caracterizar a exclusão como “escolha pessoal” e não como “problema social” desloca-se o ponto de vista de forma que não restam mais “vítimas da exclusão”, que deveriam ter direitos assegurados, e a mobilização em prol da mudança torna-se desnecessária, uma vez que “eles escolheram que fosse assim”. A estratégia simula a inexistência do problema no campo social e desloca-o para o campo individual, em que o Estado não pode ser responsabilizado.

Interessante notar que o uso do termo “elemento” é incorporado à narrativa, mas é originalmente parte do jargão policial para referir-se a delinquentes. Os agressores são também representados pela nomeação informal (apelidos), “Cabritinho”, “Cara de Penico”, “Pipoca” e “Cuiú”. A representação dos agressores como “elementos que não fazem a mínima questão de se integrarem à sociedade” atua também como recurso simbólico de dissimulação, nos termos de Thompson, pois nesta representação o autor avalia a condição de marginalização desses indivíduos como sendo derivada de uma decisão pessoal deles,

afinal, e não como fruto de possíveis problemas sociais como a falta de educação, a fome, miséria, o desemprego, o abuso de drogas, entre outros. Eles são representados como estando à margem da sociedade porque querem, porque escolheram. É possível também identificar a representação dos agressores como usuários de drogas lícitas (cachaça) e ilícitas (possivelmente cocaína, maconha, e/ou crack etc.)

A questão das drogas é mencionada no texto, mas a causalidade da agressão não é representada como sendo relacionada a esse problema social e sim à ‘vontade dos agressores de fazer o mal’, por “não querer fazer parte da sociedade”. Há um desvio de foco dos reais problemas em potencial, para um querer que só existe no campo da representação, uma vez que ninguém ‘opta’ por se excluir da sociedade desse modo, e a marginalização é um problema social e não uma decisão pessoal. Ou seja, por um lado temos a associação explícita do problema do abuso das drogas aos agressores na representação, mas não uma associação explícita entre o abuso de drogas e a causalidade da agressão.

Texto 6

Amigas da onça

Disputa por macho acaba em morte de garota

(07/Dezembro/2010)

Uma disputa para verem quem iria levar para cama um rapaz muito bonito e gostoso da Compensa 2. Essa foi a causa da morte da adolescente Valéria Silva de Carvalho, de 14 anos. Ela que desde novinha adorava essas coisas de namorado, de ficar e tudo que envolvesse azaração e rapazes, foi assassinada com uma facada no peito por uma desocupada rival, domingo à noite, na Praça do Leme, na Rua T - 02, Compensa 2, na bela Zona Oeste. Os parentes de Valéria Silva de Carvalho disseram que foi morta pelas gatíssimas e transadíssimas Daly de Souza Carvalho, 23, Daniele de Oliveira Silva, 18, que é ex-namorada do galerito namorado da vítima. Segundo os parentes, Valéria estava em casa tranquila, assistindo Faustão, quando Daly foi chamá-la para um nada ameaçador passeio na pracinha. “As duas se conheciam. Foram criadas praticamente juntas na mesma rua. Jamais iríamos imaginar que um dia ela fosse fazer isso com a Valéria”, comentou uma familiar da vítima. Quando elas chegaram na praça, Valéria estava bem tranquila falando de como estava feliz com o novo namorado e dos planos que tinha de casar e ter uma casinha com cerca branca, quando de repente foi segurada por Daly. Daniele apareceu do nada e cravou uma bela faca tramontina nas costas da menina. Ao ver Valéria agonizando de dor, as duas se sentiram satisfeitas e fugiram alegremente para curtir o resto do domingo. A adolescente foi socorrida e levada para o Serviço de Pronto-Atendimento (SPA) Joventina Dias, e em seguida, transferida para o Pronto-Socorro 28 de Agosto, onde morreu por volta das 21h. As duas bonitinhas foram identificadas por policiais da Delegacia Especializada em Homicídios e Sequestros (DEHS).

Quadro Analítico 6

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Metáfora	(63) “Amigas da onça”
	Avaliação irônica	(64) “gatíssimas e transadíssimas”
	Categorização avaliativa	(65) “desocupada rival”
	Nomeação semiformal	(66) “Daly de Souza Carvalho”; “Daniele de Oliveira Silva.”
	Nomeação informal	(67) “Daly”; “Daniele”
	Classificação por idade	(68) “23”; “18”
	Avaliação irônica e assimilação por coletivização	(69) “as duas bonitinhas”
Vítima	Nomeação semiformal	(70) “Valéria Silva de Carvalho”
	Nomeação informal	(71) “Valéria”
	Classificação por idade	(72) “14 anos”
	Classificação por gênero	(73) “garota”
	Avaliação irônica por pressuposição de valor	(74) “Ela que desde novinha adorava essas coisas de namorado, de ficar e tudo que envolvesse azaração e rapazes.”
	Ironia	(75) “Valéria estava bem tranquila falando de como estava feliz com o novo namorado e dos planos que tinha de se casar e ter uma casinha com cerca branca.”
Autoridade policial	Assimilação por coletivização	(76) “As duas bonitinhas foram identificadas por <i>policiais</i> da Delegacia em Homicídios e Sequestros”
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Homicídio	Passivização	(77) “[...] <i>foi assassinada com uma facada no peito por uma desocupada rival.</i> ”
	Ironia	(78) “Daniele apareceu do nada e cravou uma bela faca tramontina nas costas da menina.”
	Representação da reação das agressoras (processo mental); Avaliação	(79) “Ao ver Valéria agonizando de dor, as suas <i>se sentiram satisfeitas e fugiram alegremente para curtir o resto do domingo.</i> ”
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo

Motivo fútil	Relação semântica entre orações	(80) “Uma disputa para verem quem iria levar para a cama um rapaz [...]. <i>Essa foi a causa da morte da adolescente Valéria Silva de Carvalho.</i> ”
--------------	---------------------------------	---

O ato de violência representado na notícia é um homicídio. Os atores sociais representados são a vítima, as agressoras, familiares da vítima e a autoridade policial.

A representação da vítima ocorre por meio dos mecanismos de classificação por gênero, “garota”; nomeação semiformal, “Valéria Silva de Carvalho”; classificação por idade, “14 anos” e nomeação informal, “Valéria”.

A cultura machista que coloca o interesse libidinoso feminino como algo que deve ser retardado o máximo possível e quando não mais possível deve ser comedido em oposição ao que afirma para o interesse libidinoso masculino que é incentivado no menino desde tenra idade orienta a representação da vítima e das agressoras feita na notícia. Valéria é representada como alguém que ‘desde novinha se interessava por tudo que envolvesse rapazes e azaração’. Esse trecho contém uma pressuposição de valor negativa a respeito da vítima, uma vez que a representa como sempre (“desde novinha”) tendo dado atenção demasiada ao sexo oposto (“adorava essas coisas de namorado, de ficar e tudo que envolvesse azaração e rapazes”). Logo após esta ‘apresentação’ da vítima, temos representado o evento em “foi assassinada com uma facada no peito por uma desocupada rival”. Fica estabelecida, de forma sutil, uma relação entre a atitude de Valéria avaliada como imprópria e seu assassinato. Se mais adiante no texto Valéria é representada como uma jovem romântica e sonhadora (“Valéria estava bem tranquila *falando de como estava feliz com o novo namorado e dos planos que tinha de casar e ter uma casinha com cerca branca*”), a oposição entre esta e a representação anterior sinaliza para a ironia.

A representação das agressoras ocorre por meio do uso de uma metáfora representacional, “amigas da onça”; por avaliação com ironia, “gatíssimas”, “transadíssimas”, por nomeação semiformal, “Daly de Souza Carvalho”, “Daniele de Oliveira Silva”; por nomeação informal, “Daly”, “Daniele”, e através de categorização avaliativa, “desocupada rival”. A causa da morte é representada como uma “disputa”. A expressão “*Essa foi a causa da morte de*” introduz a relação semântica entre orações que expressa motivo, e o termo “essa” recupera deiticamente “disputa”, representada como a causalidade do homicídio.

O ato de violência é representado de forma ativada, com riqueza de detalhes, coadunando com as formas características dos tabloides. O autor representa a reação das agressoras em relação ao homicídio por meio de um processo mental, “as duas *se sentiram satisfeitas*”, complementado com o comentário irônico “*e fugiram alegremente para curtir o resto do domingo*”. Assim, o autor avalia de forma negativa a reação das agressoras, sugerindo que sequer houve qualquer sentimento de culpa após a consumação do homicídio, o que as representa como pessoas ‘frias e calculistas’. A fonte dessa informação, entretanto, não é explicitada.

Texto 7

Repreensão impensada
(07/Dezembro/2010)

Depois de se entorpecer loucamente de cachaça, o pedreiro Raimundo dos Santos Pires, 35, chegou em casa igual a um selvagem homem das cavernas, revirando tudo, raspando panela e fazendo grunidos estranhos, em plena madrugada. A mulher que quis dar uma de mal humorada, foi repreender o maridão, mas acabou sendo brutalmente barbarizada e escrotizada²³ para aprender a ficar na dela. O fato aconteceu no bairro do São José 2, zona Leste, onde tudo é perfeito. Edilza Soares Carvalho, 29, apanhou só de panelada na cara e no crânio e foi bater no João Lúcio, onde magoada, deu queixa de seu amado. O capitão caverna, no entanto, se destransformou, depois que a noia passou e resolveu dar um tempo, para que a polícia esqueça dele.

Quadro Analítico 7

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Avaliação negativa por pressuposição de valor	(81) “Depois de se entorpecer loucamente de cachaça [...] chegou em casa igual a um selvagem homem das cavernas, revirando tudo, raspando panela e fazendo grunidos estranhos em plena madrugada”
	Funcionalização	(82) “pedreiro”
	Nomeação semiformal	(83) “Raimundo dos Santos Pires”
	Classificação por idade	(84) “35”
	Metáfora	(85) “capitão caverna”
Vítima	Identificação relacional	(86) “a mulher”
	Nomeação semiformal	(87) “Edilza Soares Carvalho”
Autoridade policial	Coletivização por assimilação	(88) “O capitão caverna [...] resolveu dar um tempo para que a polícia esqueça dele.”

²³ Uso informal. Tratar mal, fazer mal a alguém.

Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Violência de gênero (lesão corporal)	Espetacularização da violência	(89) “[...] acabou sendo brutalmente barbarizada e escrotizada. [...] apanhou só de panelada na cara e no crânio”
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Motivo fútil	Avaliação negativa por pressuposição de valor (atitude indesejável); Legitimação por racionalização;	(90) “A mulher que quis dar uma de mal humorada foi repreender o maridão, mas acabou sendo brutalmente barbarizada e escrotizada para aprender a ficar na dela.”

O crime representado constitui violência de gênero contra a mulher (lesão corporal). Os atores sociais representados são o agressor, a vítima e a autoridade policial. A representação do agressor ocorre por meio das categorias de funcionalização, “pedreiro”; nomeação semiformal, “Pedro Raimundo dos Santos Pires”, metáforas representacionais, “selvagem homem das cavernas”, “capitão caverna”. A representação da vítima se dá por identificação relacional ao agressor: “mulher”; por nomeação semiformal - “Edilza Soares Carvalho” e avaliação negativa com uso de adjetivo “mal-humorada” e “magoada”.

A vítima é representada como corresponsável pela agressão, uma vez que teria agido de modo não desejável (“quis dar uma de mal humorada, foi repreender o maridão”), e um mecanismo linguístico estabelece relação de causa e consequência entre sua atitude “impensada” e a agressão: o uso da preposição “para”, que indica propósito, finalidade (conforme representado em “mas acabou sendo brutalmente barbarizada e escrotizada *para aprender a ficar na dela*”). A parte final da oração em destaque indica que o objetivo da agressão era “didático”: ‘ensinar à esposa como agir de forma desejável’. O ato de violência é representado como uma “lição” no trecho “para *aprender a ficar na dela*”, em que o professor é o agressor, e a aluna é a esposa que apanha “para aprender a lição”. A “lição” equivale ao comportamento que podemos inferir como “desejável”, ou seja, tolerar a embriaguez do marido, “ficar na dela”. Por inferência, podemos afirmar que o autor avalia como agradável uma esposa que é submissa ao marido, sendo tolerante com seus vícios, e que a agressão sofrida é, além de justificável, uma questão de somenas

importância, o que fica implícito no uso irônico do termo “magoada” para se referir ao sentimento que o ato de violência provocou na vítima. Ser espancada e ir parar no hospital em decorrência de uma agressão são fatos que causam muito mais que simples ‘mágoa’, é no mínimo um ‘ultraje’. “Magoada” juntamente com “seu amado” em “magoada deu queixa de seu amado” tem a função de ridicularizar a agressão e, portanto, diminuir sua gravidade, banalizando-a.

Curiosamente, a relação semântica temporal introdutória do trecho “*Depois de se entorpecer loucamente de cachaça*” leva-nos a acreditar que o estado de alcoolemia em que se encontrava o agressor poderia ter contribuído de forma significativa para a ocorrência da agressão. Contudo, a causalidade no consumo de álcool pelo agressor é representada explicitamente, em uma relação de causa-consequência como é representada a atitude “indesejável” da mulher.

Quanto ao ato de violência em si, é possível perceber as seguintes representações: em uma primeira instância, a agressão, que é um processo dinâmico, é representada por desagencialização em “o fato aconteceu”, como algo que simplesmente ‘acontece’, sem a participação de agentes humanos. Na sequência, temos a representação da agressão de forma ativada “Edilza Soares Carvalho, 29, *apanhou* só de panelada na cara e no crânio”, mas não existe a representação do agente, não é mencionado quem aplicou os golpes, apesar de ser possível recuperar, por inferência, o agente, que neste caso é representado por meio de exclusão através de colocação em segundo plano.

Texto 8

O ticadinho²⁴

(07/Dezembro/2010)

O elemento Reginaldo de Oliveira Rodrigues, 21, foi totalmente ticado por uma galera nada amistosa que não se amarrava muito nele, na noite de ontem no bairro do Zumbi 2. Reginaldo foi perseguido por membros de uma galera²⁵ rival, que resolveu fazer plantão nesta madrugada só para infernizar a vida dos cidadãos. Quando voltava de uma festa, Reginaldo foi interceptado pela moçada do Tinhoso e o resultado foram duas pernas e mais o braço direito rasgados por golpes de terçados. Ele foi socorrido no pronto-socorro João Lúcio.

²⁴ Tigar - Compreende uma técnica herdada dos índios que significa rasgar a carne do peixe em cortes verticais, paralelos e fundos o suficiente para quebrar os espinhos em formato de “Y” no lombo do pescado, facilitando a ingestão e diminuindo o risco de acidentes como ter um destes espinhos presos à garganta.

²⁵ Grupo de criminosos. Seus integrantes são conhecidos como galerosos. Comumente andam armados e costumam ser formadas por membros de uma mesma área ou bairro.

Quadro Analítico 8

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Assimilação por coletivização e avaliação	(91) “galera nada amistosa”; “moçada do Tinhoso”
Vítima	Nomeação semiformal	(92) “Reginaldo de Oliveira Rodrigues”
	Nomeação informal	(93) “Reginaldo”
	Classificação por idade	(94) “21”
Autoridade policial	Supressão	-----
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Lesão corporal	Efeitos de comicidade; Espetacularização da violência	(95) “Reginaldo de Oliveira Rodrigues, 21, foi totalmente ticado por uma galera nada amistosa [...] Reginaldo foi interceptado pela moçada do Tinhoso e o resultado foram duas pernas e mais o braço direito rasgados por golpes de terçados.”
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Motivação fútil	Ironia	(96) “O elemento Reginaldo de Oliveira Rodrigues, 21, foi totalmente ticado por uma galera nada amistosa que <i>não se amarrava muito nele.</i> ”

O ato de violência representado é uma lesão corporal. Os atores sociais representados na notícia são os agressores e a vítima. A representação dos agressores ocorre por assimilação por coletivização, seguida de comentários avaliativos: “galera *amistosa*”, “moçada *do Tinhoso*”, “galera *rival*”. A vítima é representada por categorização, “elemento”; nomeação semiformal, “Reginaldo de Oliveira Rodrigues”; classificação por idade, “21”; e nomeação informal, “Reginaldo”.

A causalidade da agressão é representada como um possível acerto de contas (“foi perseguido por membros de uma galera rival”). Nesse trecho, temos pressuposto o fato de que Reginaldo pertencesse também a uma ‘galera’. Também há outra referência no texto, na primeira linha do corpo da notícia, em que Reginaldo é representado como “elemento”, que no jargão policial refere-se a alguém que cometa infrações ou crimes. O uso da palavra

“elemento” é significativo, pois ela é normalmente utilizada para fazer referência a bandidos, e não a vítimas. Mas sabemos que é Reginaldo, e percebemos então uma tendência a representá-lo de forma negativa, tendenciosa. Contudo, o texto também indica que a causalidade seria relacionada a uma decisão coletiva da “galera rival, que resolveu fazer plantão só para infernizar a vida dos cidadãos.” Ou seja, também se representa a causa da agressão pelo “puro prazer de fazer o mal”.

Texto 9

O Dr. Ray do Parque São Pedro
(04/Janeiro/2011)

Achando que conseguiria deixar o visual de sua amada ainda mais estilizado, o cachaceiro Almir Caldas Ribeiro, 38, resolveu largar uma seqüência poderosa de murros na cara da dona de casa Maria Rita Castro Magalhães, 27, até inchá-la e deformá-la totalmente. O fato aconteceu na tarde de ontem, na comunidade Parque São Pedro, zona Norte. A dona de casa que já não era uma miss ficou ainda mais bizarra e teve que ser levada ao pronto-socorro João Lúcio. Seu amado ficou em casa para peitar a Polícia e pegou o dele também, antes de ser flagranteado.

Quadro Analítico 9

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Metáfora	(97) “O Dr. Ray do Parque São Pedro”
	Categorização	(98) “cachaceiro”
	Nomeação informal	(99) “Almir Caldas Ribeiro”
	Classificação por idade	(100) “38”
	Identificação relacional	(101) “seu amado”
Vítima	Funcionalização	(102) “dona de casa”
	Nomeação informal	(103) “Maria Rita Castro Magalhães”
	Avaliação	(104) “a dona de casa <i>que já não era uma miss, ficou ainda mais bizarra</i> ”
Autoridade policial	Coletivização por assimilação	(105) “Seu amado ficou em casa para peitar a <i>polícia</i> e pegou o dele também, antes de ser flagranteado.”
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Violência de gênero (lesão corporal)	Espetacularização; Representação da reação do agressor (processo mental)	(106) “Achando que conseguiria deixar o visual de sua amada ainda mais estilizado, o cachaceiro Almir Caldas Ribeiro, 38, <i>resolveu largar uma seqüência poderosa de murros na cara da dona de casa Maria Rita Castro Magalhães, 27, até inchá-la e deformá-la totalmente.</i> ”
Representação da causalidade		

Causa	Modo de representação	Exemplo
Motivo fútil	Ironia; Dissimulação	(107) “ <i>Achando que conseguiria deixar o visual de sua amada ainda mais estilizado</i> , o cachaceiro Almir Caldas Ribeiro, 38, resolveu largar uma seqüência poderosa de murros na cara da dona de casa Maria Rita Castro Magalhães, 27, até inchá-la e deformá-la totalmente.”

A agressão representada caracteriza dois tipos de violência de gênero contra a mulher: o espancamento e a motivação explícita que é a suposta ‘fealdade’ da mulher. Os dois casos alicerçam-se na concepção machista, o primeiro toma a mulher como um ser submisso que pode ser punido pela autoridade masculina, da mesma maneira que um pai pode punir uma criança por seu mau comportamento. Assim, a mulher é duplamente rebaixada, primeiro por ser colocada no patamar de uma criança e segundo por ser tratada violentamente, visto que nem todas as crianças são espancadas.

O segundo caso parte da concepção existente na sociedade de que a mulher tem a ‘obrigação’ de ser bela. Existe uma perseguição sôfrega pelo corpo esbelto, o nariz bem talhado, os seios fartos, só para citar alguns dos ideais de beleza feminino. O homem também sofre pressão em relação à sua aparência física, mas de modo infinitamente menor do que aquela sofrida pela mulher. Nessa notícia essa concepção é levada ao extremo, pois aqui o fato de a mulher estar longe dos padrões estéticos exigidos justifica seu espancamento.

Os atores sociais representados são o agressor, a vítima e a autoridade policial. A representação do agressor ocorre por meio de metáfora “Dr. Ray do Parque São Pedro”; categorização, “cachaceiro”; nomeação formal, “Almir Caldas Ribeiro”; classificação por idade, “38”, e identificação relacional à vítima, “seu amado”. A representação da vítima dá-se de forma relacional ao agressor, “sua amada” e por funcionalidade seguida de afirmação avaliativa em “a dona de casa *que já não era uma miss*”.

A agressão é representada como tendo sido motivada pela suposta feiura da esposa do agressor, que é descrita de forma desfavorável em “a dona de casa *que já não era uma miss*”. Nota-se aí um eufemismo irônico que deprecia a representação da vítima. Apesar de a motivação neste caso não ser representada de forma explícita, ao analisarmos o texto vemos que fica estabelecida uma relação entre o desejo do marido de “deixar o visual da esposa ainda mais estilizado” e a suposta feiura da esposa. Entretanto, parece óbvio que

este não deve ter sido o real motivo da agressão. A representação do ato de violência é introduzida por um processo mental (“resolveu”), seguido de um processo material (“largar uma sequência poderosa de murros”), o que implica que a violência foi premeditada e uma decisão pensada. Reforçando a premeditação do ato e colaborando para sua banalização está a utilização da metáfora Dr. Ray em relação ao agressor, que se refere a um reality show estadunidense cujo título original é *Doctor 9210*, adaptado para o Brasil pela Rede TV! como *Doctor Hollywood*, em que o cirurgião plástico Dr. Ray realiza procedimentos cirúrgicos mostrando o antes e o depois de cada paciente. Ironicamente o Dr. Ray da notícia deixa sua paciente “a vítima” ainda mais feia.

Texto 10

Festa de réveillon termina em morte
(04/Janeiro/2011)

Definitivamente o ano de 2011 não começou bem para o desocupado Ledilson Brito Vieira, 39, logo nos primeiros minutos do novo ano, ele foi pegando uma facada no pescoço e morreu. Muito apegado ao ano de 2010, Ledilson saiu de cena junto com o ano passado, direito para o mundo espiritual. Tudo começou com uma festa no meio da rua entre a rapaziada de alto nível cultural e intelectual da rua Taveira, no Monte das Oliveiras, na Zona Norte. O Réveillon estava bombando²⁶ na rua de Ledilson quando ele soube que o primo dele, que é galeritinho, havia sido esfaqueado na barriga por uma galera super do bem. Na hora, Ledilson que estava mamado²⁷, resolveu ir lá resolver a treta²⁸, com muita violência e brutalidade. Quando chegou ao local, para tomar satisfações, o elemento conhecido como “Preguiça”, que só tem preguiça para trabalhar, mas para esfaquear ele é muito eficiente, foi logo segurando Ledilson por trás e metendo a faca no pescoço do rapaz para que a alma desencarnasse. E foi dito e feito. Ledilson chegou a ser levado para o Serviço de Pronto Atendimento (SPA) do Galileia, mas já chegou sem vida. “Meu filho não estava em nenhuma confusão, o que esse homem (Egberto) fez foi uma covardia”, desabafou Zuma Vieira, 58, mãe da vítima. Segundo a Delegacia Especializada em Homicídios e Sequestros o verdadeiro nome de “Preguiça” é outro nome muito feio “Egberto Batista Coelho”, 27, que está foragido, porque conseguiu se jogar num mato e tomar rumo ignorado.

Quadro Analítico 10

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Nomeação informal	(108) “Preguiça”; “Egberto”
	Nomeação semiformal	(109) “Egberto Batista Coelho”
	Classificação por	(110) “27”

²⁶ Fazendo muito sucesso, ficando animado.

²⁷ Bêbado, embriagado.

²⁸ Briga, desentendimento.

	idade	
	Avaliação negativa por pressuposição de valor	(111) “o elemento conhecido como “Preguiça”, <i>que só tem preguiça para trabalhar, mas para esfaquear ele é muito eficiente [...]</i> ”
Vítima	Desfuncionalização	(112) “desocupado”
	Nomeação formal	(113) “Ledilson Vieira Brito”
	Nomeação informal	(114) “Ledilson”
	Avaliação negativa por pressuposição de valor	(115) “Na hora, Ledilson que estava mamado [...]
Autoridade policial	Coletivização por assimilação	(116) “Segundo a <i>Delegacia Especializada em Homicídios e Sequestros [...]</i> ”
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Homicídio	Ironia modalizada; Passivização e colocação do agente em segundo plano	(117) “ <i>Definitivamente o ano de 2011 não começou bem para [...] Ledilson Vieira Brito. Logo nos primeiros minutos do novo ano, ele foi pegando uma facada no pescoço e morreu.</i> ”
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Acerto de contas	Ironia; metáfora; espetacularização do evento	(118) “Preguiça, que só tem preguiça para trabalhar, mas para esfaquear ele é muito eficiente, <i>foi logo segurando Ledilson por trás e metendo a faca no pescoço do rapaz para que a alma desencarnasse.</i> ”

O ato de violência representado é um homicídio. Os atores sociais representados são o agressor, a vítima, familiares da vítima e a autoridade policial. A representação da vítima ocorre por funcionalização, “desocupado”; nomeação semiformal, “Ledilson Vieira Brito”; classificação por idade, “39”; nomeação informal, “Ledilson”. A representação do agressor ocorre por nomeação informal (apelido), “Preguiça”; nomeação informal, “Egberto”; nomeação semiformal, “Egberto Batista Coelho”, classificação por idade, “27”.

A causalidade do homicídio de Ledilson é representada como tendo sido um acerto de contas entre a vítima e o agressor, motivado pelo esfaqueamento do primo da vítima: “o réveillon estava bombando na rua de Ledilson quando ele soube que o primo dele [...] havia sido esfaqueado na barriga”.

A representação do ato de violência encontra-se nos trechos seguintes. No início do texto, temos representado o assassinato de Ledilson sem a representação do agente, excluído por colocação em segundo plano, mas facilmente recuperável por inferência. Em seguida, o ato de violência é representado com menção do agente de forma ativada, e a

representação da finalidade do ato de violência é introduzida pela preposição de finalidade “para”, no trecho “foi logo segurando Ledilson por trás e metendo a faca no pescoço do rapaz *para que a alma desencarnasse*”, denotando que a intenção era realmente matá-lo.

Nessa notícia, assim como em outras que já analisamos é possível perceber o uso da ironia como recurso retórico e de metáforas para representar a morte da vítima de forma a torná-la risível, utiliza-se uma metáfora conceitual (“Ledilson *saiu de cena* junto com o ano passado”); e a ironia é utilizada para representar os atores sociais de forma depreciativa (“Tudo começou com uma festa no meio da rua entre a rapaziada *de alto nível cultural e intelectual*”; “o primo dele, *que é galeritinho*, havia sido esfaqueado na barriga por uma galera *super do bem*”; “o elemento conhecido como ‘Preguiça’, *que só tem preguiça para trabalhar, mas para esfaquear ele é muito eficiente*, foi logo segurando Ledilson por trás e metendo a faca”).

Texto 11

Brincadeiras mortais
(04/Janeiro/2011)

Uma brincadeira idiota teve um final cretino, ontem. Com os culhões²⁹ já prestes a explodir de tanta raiva, o auxiliar de barraqueiro Rogério Batista Barbosa, 24, largou uma barrada de ferro na cabeça de seu queridíssimo primo, seu parceiro de trabalho, Denis Almeida Castro, 26, nas proximidades da Feira da Manaus Moderna. O motivo da briga foi que Denis estava com uns gracejos lesos³⁰ de querer ficar passando a mão na bunda do rapaz, toda vez que encontrava com ele e depois ficava com uma cara cínica, negando tudo. Depois da quinta dedada, Rogério não aguentou e tentou arrebentar a cabeça do priminho, Denis foi direto para o 28 de Agosto, onde denunciou o primão.

Quadro Analítico 11

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Funcionalização	(119) “auxiliar de barraqueiro”
	Nomeação semiformal	(120) “Rogério Batista Barbosa”
	Nomeação informal	(121) “Rogério”
	Classificação por idade	(122) “24”
	Identificação relacional irônica	(123) “primão”

²⁹ Testículo, gônada masculina par localizando-se no interior da bolsa escrotal.

³⁰ Bobo, sem graça.

Vítima	Identificação relacional irônica	(124) “ <i>seu queridíssimo primo</i> ”; “priminho”; “ <i>seu parceiro de trabalho</i> ”
	Nomeação semiformal	(125) “Denis Almeida Castro”
	Nomeação informal	(126) “Denis”
	Classificação por idade	(127) “24”
Autoridade policial	Supressão	-----
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Lesão corporal	Avaliação adjetivada; Representação eufêmica do evento.	(128) “Uma <i>brincadeira idiota</i> [...]”
	Representação reação do agressor; Ironia.	(129) <i>Com os culhões já prestes a explodir de tanta raiva, o auxiliar de barraqueiro Rogério Batista Barbosa, 24, largou uma barrada de ferro na cabeça de seu queridíssimo primo.</i>
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Motivo fútil	Legitimação por racionalização; Representação da reação do agressor diante da atitude indesejada da vítima.	(130) “ <i>O motivo da briga foi que Denis estava com uns gracejos lesos de querer ficar passando a mão na bunda do rapaz, toda vez que encontrava com ele e depois ficava com uma cara cínica, negando tudo. Depois da quinta dedada, Rogério não aguentou e tentou arrebentar a cabeça do priminho.</i> ”

O ato de violência representado é o de lesão corporal. Os atores sociais representados na notícia são agressor e vítima. A representação do agressor ocorre por funcionalização, “auxiliar de barraqueiro”; nomeação semiformal, “Rogério Batista Barbosa”; classificação por idade, “24”; nomeação informal, “Rogério”, e identificação relacional em relação ao agressor “o primão”. A representação da vítima ocorre por representação relacional ao agressor, “seu queridíssimo primo”, “priminho”, e “seu parceiro de trabalho”; nomeação semiformal, “Denis Almeida Castro”; classificação por idade, “26”; nomeação informal, “Denis”.

A causalidade é representada como “uma brincadeira”, que é avaliada negativamente pelo uso do adjetivo “idiota”. A causalidade é ainda detalhada de forma mais explícita em “o motivo da briga foi que Denis estava com uns gracejos lesos”. Portanto, a vítima é representada como tendo atitudes indesejáveis em relação a seu primo,

“gracejos lesos de ficar passando a mão na bunda do rapaz toda vez que encontrava com ele”. Em seguida, texturiza-se a reação do primo.

O texto informa que a brincadeira o “deixou irritado” e motivou a agressão. Temos aí, portanto, a representação da reação violenta do agressor diante de uma atitude da vítima, avaliada de forma negativa. Essa reação é reforçada em “com os culhões já prestes a explodir de tanta raiva”. Assim, o que justifica a agressão é a defesa da masculinidade, já que o termo “culhões” é metaforicamente utilizado como referência à virilidade.

A violência é representada em “largou uma barrada de ferro na cabeça de seu queridíssimo primo”. A expressão “queridíssimo primo” apresenta tom irônica, uma vez que alguém que nos é queridíssimo não nos agride fisicamente, como ocorreu nesse caso.

Texto 12

Amizade sem fim
(04/Jan/2011)

O galeroso Luís Paulo, mais conhecido no mundo da malandragem como o “Corote” largou a facada na peitucha de seu miguxo, Mário Jorge Mendes Albuquerque, 21, na noite de ontem, no fantástico bairro do Zumbi dos Palmares, zona Leste. Corote foi paciente e esperou, com toda a serenidade, Mário sair da aula a noite só para pegá-lo de surpresa e larga-lhe a peixeirada bem perto de seu mamilo. Os dois se envolveram em uma intriga de chifre, drogas e mais chifre. Em seguida, satisfeito, saiu curtindo com a cara do infeliz, que se fingiu de morto, para não morrer de verdade. Mário foi levado ao pronto-socorro João Lúcio e já trama sua vingança, que deverá sair nas páginas do B.O.

Quadro Analítico 12

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Categorização	(131) “galeroso”
	Nomeação informal	(132) “Luís Paulo”; “Corote”
Vítima	Identificação relacional	(133) “seu miguxo”
	Nomeação informal	(134) “Mário”
	Avaliação adjetivada	(135) “infeliz”
Autoridade policial	Supressão	-----
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Tentativa de homicídio	Eufemização; Ironia; Representação da reação do agressor;	(136) “Luís Paulo [...] largou a facada na peitucha de seu miguxo, Mário Jorge [...] Corote foi paciente e esperou, com toda a serenidade, Mário sair da aula a noite só para pegá-lo de surpresa e larga-lhe a peixeirada bem perto de seu mamilo [...] Em seguida, <i>satisfeito</i> ,

		saiu curtindo com a cara do infeliz”
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Motivo fútil	Dissimulação	(137) “Os dois se envolveram em uma intriga de chifre, drogas e mais chifre.”

O ato de violência representado é uma tentativa de homicídio. Os atores sociais representados são o agressor e a vítima. A representação do agressor ocorre por categorização, “galeroso”, e nomeação informal, “Luís Paulo”; “Corote”. A representação da vítima ocorre por nomeação semiformal, “Mário Jorge Mendes”; nomeação informal, “Mário”; avaliação acionada por adjetivo, “infeliz”, e de forma relacional ao agressor, “seu miguxo”.

O ato de violência é representado de forma sarcástica em “O galeroso Luís Paulo [...] largou a facada na peitucha *de seu miguxo*”, com indícios de premeditação em “Corote *foi paciente e esperou com toda serenidade*” a fim de alcançar o objetivo que era matar seu “miguxo”.

A causalidade é representada opacamente em (os dois se envolveram em uma briga de chifres, drogas e mais chifres), pois o trecho não deixa claras as relações entre a vítima e o agressor, abrindo a possibilidade para várias interpretações. A depender da orientação sexual dos atores sociais (que não é explicitada no texto) é possível depreender as seguintes possibilidades: os dois mantinham entre si uma relação afetiva e um deles ‘pulou a cerca’ ou os dois eram amigos e um deles se relacionou sexual ou afetivamente com a/o parceiro/a do outro, o que evidencia a baixa carga de informação da notícia.

O estilo narrativo dessa notícia traz o leitor para o campo semântico da narrativa televisiva e cinematográfica. O título “Amizade sem fim” se parece com o título de um filme hollywoodiano famoso, “Amor sem fim”, que atingiu grande popularidade no Brasil. Já o final da notícia, “Mário foi levado ao pronto-socorro João Lúcio e já trama sua vingança, que deverá sair nas páginas do B.O”, lembra a maneira como se anunciava o fim do capítulo de novelas televisivas “Não percam as cenas dos próximos capítulos”. Há uma hibridização do estilo narrativo das notícias de jornais e do estilo narrativo ficcional televisivo o que reforça a banalização da tentativa de assassinato ao colocá-la no plano da forma no mesmo patamar de uma ficção, no caso novela televisiva.

Além disso, o autor também se considera soberano para preconizar as atitudes futuras dos atores sociais, os quais ele trata como suas personagens. E isso só ocorre devido à assimetria de poder entre o autor (que tem o poder de representar) e as vítimas/agressores (atores sociais representados).

Texto 13

Fraternidade a toda prova
(05/Abril/2011)

Uma briga entre dois irmãos, que não se suportam mais dentro de casa, acabou em uma singela terçadada no crânio, na noite de ontem, no fantástico bairro Cidade Deus, zona Norte. O pedreiro, Francisco Guedes de Souza, 26, já não aguentando mais a inutilidade e a petulância de seu irmão caçula, expulsou o infeliz, Rafael Guedes de Souza, 18, de casa debaixo de muito cacete e desaforos. Profundamente magoado e remoendo aquela coisa dentro de si, Rafael não deixou barato. Foi na casa de sua gata, pegou um belíssimo terçado da marca Tramontina e voltou para tomar satisfações com o irmão. No primeiro “ai”, que Francisco proferiu, foi pegando a terçadada no crânio que o deixou completamente desnorreado. Com a cabeça quase que partida ao meio, Francisco fugiu e foi socorrido pelos vizinhos e parentes que o levaram ao João Lúcio. Rafael, que não é besta, não quis esperar a polícia.

Quadro Analítico 13

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Identificação relacional	(138) “irmãos”
	Avaliação negativa	(139) “Já não aguentando mais a <i>inutilidade e petulância de seu irmão caçula [...]</i> ”; “infeliz”.
	Nomeação semiformal	(140) “Rafael Guedes de Souza”
	Nomeação informal seguida de avaliação irônica	(141) “ <i>Rafael, que não é besta</i> , não quis esperar a polícia”.
	Classificação por idade	(142) “18”
Vítima	Funcionalização	(143) “pedreiro”
	Nomeação semiformal	(144) “Francisco Guedes de Souza”
	Nomeação informal	(145) “Francisco”
	Classificação por idade	(146) “26”
Autoridade policial	Coletivização por assimilação	(147) “Rafael que não é besta, não quis esperar a <i>polícia</i> ”.
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Lesão	Representação da	(148) “ <i>Profundamente magoado e remoendo aquela</i>

corporal	reação do agressor; Espetacularização da violência; Ironia	<i>coisa dentro de si</i> , Rafael não deixou barato. Foi na casa de sua gata, pegou um <i>belíssimo terçado da marca Tramontina</i> e voltou para tomar satisfações com o irmão. No primeiro “ai”, que Francisco proferiu, <i>foi pegando a terçadada no crânio que o deixou completamente desnortado. Com a cabeça quase que partida ao meio</i> , Francisco fugiu e foi socorrido pelos vizinhos e parentes”.
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Motivo fútil	Legitimação por racionalização; Ironia	(149) “Uma briga entre dois irmãos, que não se suportam mais dentro de casa, <i>acabou em uma singela terçadada no crânio</i> ”.

O ato de violência representado é o de lesão corporal. Os atores sociais representados são o agressor, a vítima, vizinhos, e a autoridade policial. Ambos os atores sociais, agressor e vítima, são representados de forma relacional, como “irmãos”. O irmão agressor, Rafael, é representado como “inútil” e “petulante”, em comentário avaliativo que também representa o sentimento de um irmão em relação ao outro (“já não aguentando mais”). A representação também se dá por avaliação negativa, no uso do adjetivo “infeliz”. Ainda no corpo da notícia, o agressor é representado por nomeação semiformal, “Rafael Guedes de Souza”; idade, “18”; nomeação informal, “Rafael”. A vítima é representada por funcionalidade, “pedreiro”; nomeação semiformal, “Francisco Guedes de Souza”; idade, “26”; nomeação informal, “Francisco”.

A briga entre dois irmãos é a representação do motivo do crime. O irmão vitimado, Francisco, é representado no corpo da notícia como tendo expulsado de casa “debaixo de muito cacete e desaforos” seu irmão caçula Rafael, o agressor, o que teria motivado a agressão. A representação da reação do irmão mais novo ao ser expulso é texturizada em “*Profundamente magoado e remoendo aquela coisa dentro de si*, Rafael não deixou barato”. Nesse trecho, temos o autor representando um sentimento do agressor ao qual ele não teria acesso. Essa representação de sentimentos e pensamentos tem um padrão de ocorrência que conforme já foi citado tem relação com o desempoderamento dos atores sociais.

O ato de violência é representado de forma irônica em “acabou em uma *singela terçadada no crânio* [...] pegou um *belíssimo terçado da marca Tramontina*”. O termo avaliativo “singela” é usado em tom de ironia que suaviza e banaliza o ato, minimizando

sua gravidade. A referência à marca da arma utilizada e a sua ‘beleza’ obscurece por meio de ironia e comicidade o foco da agressão.

Texto 14

A união que faz a força
(05/Abril/2011)

Lembrando das máximas que diziam “A união faz a força” e “Sonho que se sonha só, é só um sonho, mas sonho que se sonha junto é realidade” uma curriola de desocupados com fortes tendências galerosas, decidiram se agrupar para poder mandar para o quinto dos infernos, o galeroso Jilson Gomes de Araújo, 24, o “Olhão”, na noite de ontem, no bairro da Compensa 3, zona Oeste. Todos se juntaram com paus e quando Olhão trepidou e vacilou, eles estavam lá para arrebentar seu coco com muito porrete. Só para contrariar, mesmo com tantas fraturas e estando aparentemente inconsciente, Olhão não está morto. Ele foi levado ao 28 de Agosto, e foi diagnosticado o que os médicos de Manaus chamam de “estado de latência galerítica”. Este é o nome que se dá ao período em que o galeroso está impossibilitado de praticar as suas galerosidades, por conta de ferimentos.

Quadro Analítico 14

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Coletivização por assimilação; desfuncionalização; comentário avaliativo negativo	(150) “ <i>uma curriola de desocupados com fortes tendências galeríticas</i> ”
	Indeterminação	(151) “ <i>todos se juntaram com paus [...]</i> ”
Vítima	Categorização depreciativa	“galeroso”
	Nomeação semiformal	(152) “Jilson Gomes de Araújo”
	Nomeação informal	(153) “Olhão”
Autoridade policial	Supressão	-----
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Lesão corporal	Espetacularização da notícia; Ironia	(154) “ <i>Todos se juntaram com paus e quando Olhão trepidou e vacilou, eles estavam lá para arrebentar seu coco com muito porrete.</i> ”
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Supressão	-----	----

O ato de violência representado é uma tentativa de homicídio. Os atores sociais representados são agressores, vítima e a autoridade médica. Os agressores são representados coletivamente por categorização por funcionalização seguida de comentário avaliativo depreciativo, “uma curriola de desocupados com fortes tendências galerosas”, e

pelo pronome indefinido “todos”. A vítima também é representada de forma depreciativa, por categorização como “galeroso”; em seguida é representado por nomeação semiformal, “Jilson Gomes de Araújo”, e por nomeação informal, “Olhão”.

A motivação do crime é representada como tendo sido uma decisão coletiva dos agressores pelo processo mental “decidiram”. O único objetivo da ‘decisão’ é representado, em termos de finalidade, como tendo sido “mandar para o quinto dos infernos o galeroso Jilson Gomes de Araújo”. Nesse trecho encontram-se duas pressuposições, uma existencial e outra valorativa, a primeira pressupõe a existência do inferno e dialoga com a segunda que avalia negativamente a vítima cujo paradeiro pós morte seria o inferno. Utiliza-se o modo de operação da ideologia de expurgo do outro, no qual tanto vítima quanto seu agressor são representados como indivíduo de má índole.

Ao texturizar o ato de violência, o autor representa metaforicamente a parte do corpo que foi o principal alvo da agressão, a cabeça, como “coco” estratégia que “suaviza” o texto e imprime um efeito de comicidade à narrativa.

A recuperação da vítima é representada utilizando a ironia como principal elemento retórico: “*Só para contrariar [...] Olhão não está morto*”. Com o uso da expressão “só pra contrariar” o autor se compromete em alto grau com a expectativa dos agressores.

Até um pseudo-diagnóstico clínico (“estado de latência galerítica”) é criado pelo autor para constituir efeito de humor ao texto. O autor atribui o diagnóstico aos “médicos de Manaus”, porém a voz desses médicos não é representada textualmente. O que ocorre nesse é trecho é: o autor, como em outras notícias, investe-se de uma autoridade para criar personagens atribuindo-lhes uma fala que não lhes pertence.

Texto 15

Persuasão Agressiva
(05/Abril/2011)

Inconformado com o término arbitrário do casamento de um ano o alcoólatra desempregado e com fortes tendências galeríticas, Fabiano Carvalho Pires, 24, resolveu demonstrar para sua amada, toda a angústia e sofrimento que ela o está fazendo passar, de uma forma que ela possa entender com facilidade, ou seja, traduzindo todos aqueles sentimentos angustiantes em pancadas na cabeça, costa e braços de sua pequena. O espancamento foi uma tentativa singela de reatar o romance e aconteceu na casa onde os dois moravam juntos, na rua Estados Unidos do bairro Parque das Nações, zona Leste. Mesmo assim a doméstica, Iranildes Moraes Savino, 25, não atendeu aos apelos violentos do amado e com a cara esbagaçada pelos socos apaixonados foi conduzida por familiares ao pronto-socorro João Lúcio, na Zona Leste.

Quadro Analítico 15

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Categorização	(155) “alcoólatra”
	Desfuncionalização	(156) “desempregado”
	Nomeação semiformal	(157) “Fabiano Carvalho Pires”
	Classificação por idade	(158) “24”
Vítima	Identificação relacional	(159) “sua amada”
	Funcionalização	(160) “doméstica”
	Nomeação semiformal	(161) “Iranildes Moraes Savino”
	Classificação por idade	(162) “25”
Autoridade policial	Supressão	-----
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Lesão corporal	Ironia	(163) “Fabiano Carvalho Pires, 24, resolveu demonstrar para sua amada, toda a angústia e sofrimento que ela o está fazendo passar, de uma forma que ela possa entender com facilidade, ou seja, <i>traduzindo todos aqueles sentimentos angustiantes em pancadas na cabeça, costa e braços de sua pequena.</i> ”
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Motivo fútil	Legitimação	(164) “ <i>Inconformado com o término arbitrário do casamento de um ano o alcoólatra Fabiano Carvalho Pires, [...] sua amada, toda a angústia e sofrimento.</i> ”

O crime representado é o de lesão corporal, mais especificamente, violência de gênero contra a mulher. Os atores sociais representados são o agressor, a vítima e familiares da vítima.

A representação do agressor ocorre por categorização, “alcoólatra”; desfuncionalização seguida de comentário avaliativo depreciativo, “desempregado e com fortes tendências galeríticas”; nomeação semiformal, “Fabiano Carvalho Pires”; classificação por idade, “24”. A representação da vítima dá-se de forma relacional para com o agressor, “sua amada”; funcionalização, “doméstica”; nomeação semiformal, “Iranildes Moraes Savino”; classificação por idade, “25”.

No que se refere à motivação da agressão, o espancamento é representado de forma irônica como “demonstração da angústia e sofrimento” que a vítima infligia ao agressor. Para legitimar a motivação, os sentimentos do agressor são representados em forma de reação no trecho “*Inconformado com o término arbitrário do casamento de um ano*”. A vítima é representada como infligindo sofrimento ao agressor por ter colocado um fim ao relacionamento de modo “arbitrário” (mais uma vez vemos o uso da ironia), o que serviu como motivação para que o agressor infligisse, também, dor à vítima. A representação do ato de violência encontra-se também no trecho “Fabiano Carvalho Pires, 24, resolveu demonstrar para sua amada, toda a angústia e sofrimento que ela o está fazendo passar [...] *traduzindo todos aqueles sentimentos angustiantes em pancadas na cabeça, costa e braços de sua pequena.*”

Aqui se pode observar uma questão de gênero que é a forma possessiva com que o ex-marido trata a ex-mulher. É como se ele tivesse direito de posse sobre ela. E mais uma vez essa questão de monta não é problematizada na notícia e ainda perde sua força ao ser representada de forma irônica como em “uma tentativa singela de reatar o romance”, o que configura uma representação irônica e eufêmica da agressão, que ao ser assim representada, é banalizada.

Texto 16

Policial gaiato arruma confusão e porradaria em coletivo de Manaus
(05/Abril/2011)

O policial Joacir Mendes da Silva, que é muito arretado e abusado, tirou o dia de sábado para frescar com as pessoas e acabou armando uma grande confusão dentro de um coletivo. Tudo começou, quando ele subiu em um micro-ônibus do transporte Alternativo. Ele chegou brabo e olhando para o cobrador com um olhar fulminante. O cobrador quis cobrar-lhe a passagem de R\$ 2,25 e ele, que estava à paisana, disse que não iria pagar porque era policial militar. Até aí tudo bem, mas acontece que o cobrador foi pedir para ele mostrar a carteira militar dele, para que pudesse comprovar que ele era realmente um policial e não um gaiato, querendo apenas andar de graça no ônibus e tirar uma onda com a cara da galera. Neste momento, Joacir se sentiu extremamente ofendido, porque o rapaz não queria acreditar só na palavra dele. Chateado, ele se sentiu obrigado a largar um tapão na cara do cobrador e mandar ele o respeitar. Na mesma hora, os passageiros se revoltaram com a atitude abusada e malcriada do PM e o seguraram de com muita ignorância. O motorista do micro-ônibus parou o carro em frente ao 13º Distrito Integrado de Polícia (13º DIP), mas Joacir se recusou a sair e acabou sendo levado até a sede da Cooperativa de Transporte alternativo de Manaus (Cooptam), localizada na Rua Japiim, Cidade de Deus, na Zona Norte. Lá a confusão continuou e o PM acionou seus brothers, que vieram acudi-lo. Segundo o Major Hermes Macedo, Joacir não usa farda porque pertence à 2ª Sessão, grupo de inteligência da PM. Ele não soube informar a versão do policial sobre a confusão, mas disse que Joacir foi agredido e mantido em cárcere privado dentro da cooperativa. O caso deu origem a um simplório

registro de um Termo Circunstanciado de Ocorrência (TCO) no 13º DIP. O cobrador e o motorista do micro-ônibus aparecem no documento como autores de uma agressão sem gravidade a Joacir. Ninguém foi preso.

Quadro Analítico 16

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Funcionalização; Coletivização por assimilação; Funcionalização	(165a) “policial militar”; “PM” (165b) “passageiros”; “motorista”
	Funcionalização adjetivada	(166a) “policial gaiato”
	Nomeação semiformal	(167a) “Joacir Mendes da Silva”
	Nomeação informal	(168a) “Joacir”
	Avaliação adjetival	(169a) “arretado e abusado”
Vítima	Funcionalização; Coletivização por assimilação	(170a) “cobrador” (170b) “policial”
Autoridade policial	Supressão Coletivização por assimilação; Nomeação formal	(171a) ----- (171b) “[...] e o PM acionou <i>seus brothers</i> , que vieram acudi-lo. Segundo o <i>Major Hermes Macedo</i> [...]”
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Lesão corporal	Representação da reação do agressor Agentes representados de forma ativada	(172a) “ <i>Chateado</i> , ele <i>se sentiu obrigado</i> a largar um tapão na cara do cobrador” (172b) “Na mesma hora, os passageiros [...] o seguraram de com muita ignorância. O motorista parou o carro em frente ao 13º Distrito Integrado de Polícia (13º DIP), mas Joacir se recusou a sair e acabou sendo levado até [...] Cooptam”.
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Motivo fútil	---	(173a) “O cobrador quis cobrar-lhe a passagem de R\$ 2,25 e ele, que estava à paisana, disse que não iria pagar porque era policial militar. Até aí tudo bem, mas acontece que o cobrador foi pedir para ele mostrar a carteira militar dele, para que pudesse comprovar que ele era realmente um policial e não um gaiato, querendo apenas andar de graça no ônibus e tirar uma onda com a cara da galera.” (173b) “Os passageiros se revoltaram com a atitude abusada e malcriada do PM”.

O ato de violência caracteriza lesão corporal. Os atores sociais representados são o agressor (o policial Joacir, os passageiros, o motorista); a vítima (o cobrador e o policial Joacir); a autoridade policial (o Major Hermes Macedo e os “brothers” de Joacir que são também policiais). Em todas as outras notícias do *corpus* percebe-se a alocação de papéis dos atores sociais bastante definida. Nessa notícia, entretanto, ocorre uma re-alocação de papéis quando da representação da vítima e agressor. No primeiro ato de violência (a), o policial é representado como agressor e o cobrador como vítima. No segundo ato de violência (b), o policial é representado como vítima e os passageiros e o motorista como agressores.

A causalidade do primeiro evento de violência, segundo o autor, foi o questionamento do cobrador sobre a identidade do passageiro enquanto policial; a causalidade do segundo foi a ira dos passageiros em relação à agressão feita pelo policial contra o cobrador.

Primeiro evento de violência

O agressor do primeiro evento de violência é representado por funcionalização, “policial militar”; “PM”; funcionalização adjetivada “policial gaiato”, que nesse caso o avalia negativamente; nomeação semiformal, “Joacir Mendes da Silva”; avaliação adjetivada também negativa “arretado e abusado”; nomeação informal, “Joacir”. A vítima é representada por funcionalização, “cobrador”. A autoridade policial é suprimida. Na notícia, vemos representada a causalidade como oriunda do fato de que o policial Joacir (agressor) tentou entrar no coletivo sem apresentar a identificação funcional, que teria sido exigida pelo cobrador (vítima).

Em seguida, a reação negativa do agressor diante da exigência do cobrador é representada em “Joacir *se sentiu extremamente ofendido*, porque o rapaz não queria acreditar só na palavra dele. *Chateado, ele se sentiu obrigado* a largar um tapão na cara do cobrador e mandar ele o respeitar.” A causalidade da agressão é representada como forma utilizada pelo agressor para impor respeito, uma vez que ele havia se sentido desrespeitado pela atitude do cobrador. Os termos em itálico mostram a maneira irônica com que a atitude do policial foi representada. Ele teria se sentido ‘ofendido’ porque o cobrador não confiou na sua palavra, mas por que o cobrador deveria fazê-lo? Por acaso durante uma *blitz* de trânsito os policiais deveriam acreditar na palavra de um motorista que diz ter carteira de

habilitação, mas não a apresenta? Porque então, o policial esperava que o cobrador acreditasse em sua palavra (uma vez que ele não estava fardado)? Esse evento representa o ‘abuso de poder’ comum não apenas a alguns policiais, mas a certas figuras de autoridade em nossa sociedade, que, julgando-se ‘melhores’, ‘mais dignas’, ‘acima do bem e do mal’, sentem-se muitas vezes ‘ofendidas’ quando não recebem tratamento privilegiado.

Segundo evento de violência

Aqui o policial Joacir é representado como vítima e os passageiros e o motorista como agressores. A autoridade policial é representada pelos “brothers”, amigos de Joacir, que vão à cooperativa de ônibus para “acudi-lo” e pelo “Major Hermes Macedo”.

O Major justificou porque Joacir não usava farda, e declarou que o policial havia sido agredido e mantido em cárcere privado na Cooptam, mas não deu maiores informações sobre a versão dele sobre o caso.

Ironicamente, o autor da notícia diz que “o caso deu origem a um *simplório* registro de um Termo Circunstanciado de Ocorrência no 13º DP”, em que cobrador e motorista aparecem “como autores de uma agressão sem gravidade a Joacir”, tocando mais uma vez na questão do abuso de poder por parte da autoridade policial que nem sequer mencionou o fato de o cobrador ter sido agredido fisicamente por Joacir, fato que gerou a agressão dos passageiros contra ele em primeira instância.

Texto 17

Fiscalizador da ex-mulher
(05/Abril/2011)

O ex-maridão romântico, mas também muito violento e psicótico, Raimundo Carbajal Soares, 31, não aguentando mais a mulher que pisava em seu coração de forma impiedosa, espancou-a apaixonadamente, na noite de ontem, no bairro de São Sebastião, no Aleixo, zona Sul. Raimundo tem um filho de três anos com a doméstica Clara Nunes da Silva Mendonça, 31, e vivia rondando a casa da família para ver se estava tudo nos conformes e se seu posto como macho alfa ainda estava de pé. Ele dificilmente provia alguma coisa para a criança, mas tentava compensar a ausência com muitas exigências e agressividade para com a ex-mulher e o menino. Numa dessas, Raimundo chegou para mais um dia de fiscalização, quando se deparou com um figuraça, esguio e com os cabelos molhados, saindo da residência de sua amada. Sobrou para ela. Foi logo pegando uma pisa que nunca mais irá ter vontade de trair o amor de seu ex. Ela foi bater no João Lúcio. Ele sumiu.

Quadro Analítico 17

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Identificação relacional irônica	(174) “ex-maridão romântico”
	Avaliação negativa adjetivada	(175) “violento e psicótico”
	Nomeação semiformal	(176) “Raimundo Carbajal Soares”
	Nomeação informal	(177) “Raimundo”
	Classificação por idade	(178) “31”
Vítima	Funcionalidade	(179) “doméstica”
	Nomeação semiformal	(180) “Clara Nunes da Silva Mendonça”
	Classificação por idade	(181) “31”
	Identificação relacional	(182) “ex-mulher”
Autoridade policial	Supressão	-----
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Violência contra a mulher (lesão corporal)	---	(183) “ Foi logo pegando uma pisa .”
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Traição	Ironia	(184) “Numa dessas, Raimundo chegou para mais um dia de fiscalização, quando se deparou com um figuraça, esguio e com os cabelos molhados, saindo da residência de sua amada.”

O ato de violência representado é o de lesão corporal, mais especificamente, violência de gênero (contra a mulher). Os atores sociais representados são o agressor, a vítima, o filho do casal, um terceiro indivíduo do sexo masculino representado apenas como “um figuraça esguio e com os cabelos molhados”. O agressor é representado por identificação relacional à vítima “ex-maridão”; por meio de avaliação por uso do adjetivo “romântico”, utilizado aqui de forma irônica. Ele também é representado como “violento e psicótico”, adjetivos que o avaliam negativamente; além da representação pela nomeação semiformal, “Raimundo Carbajal Soares”; classificação por idade, “31”, nomeação informal, “Raimundo”. A vítima é representada por funcionalização, “doméstica”;

nomeação semiformal, “Clara Nunes da Silva Mendonça”; classificação por idade, “31”, e por identificação relacional ao agressor, “ex-mulher”. A causalidade do ato de violência é representada como tendo sido o ciúme do agressor em relação à vítima.

Assim, a vítima é representada como alguém que infligia sofrimento ao agressor, levando-o a atingir seu limite, “não aguentando mais”. A vítima também é representada como tendo traído “o amor de seu ex”. Esta é uma representação paradoxal e irônica uma vez que o casal é representado como estando separado, que já seria razão mais que suficiente para que o agressor não interferisse na vida amorosa da vítima.

Aqui mais uma vez pode-se levantar uma questão de gênero em que o ex-marido se sente possuidor da ex-esposa e com direitos a lhe bater (coisa que não poderia fazer em hipótese alguma mesmo estando casados) por conta de estar se relacionando sexualmente com outro homem o que fica implícito quando o autor faz referência aos “cabelos molhados” do homem que vê saindo da casa de sua ex-mulher. Mais uma vez a questão de fundo sobre o suposto direito de um homem bater em uma mulher por conta da assim chamada ‘traição’ não é problematizado na notícia, que se utiliza da ironia para banalizar o fato. Além disso, a causa do crime é representada como tendo sido originada pela vítima, que “pisava no coração do agressor”, e a consequência teria sido o espancamento. A expressão “espancou-a apaixonadamente”, utilizada para representar o ato de violência, é utilizada de forma irônica e serve como eufemismo para representar a agressão. Essa mesma expressão também evoca uma interdiscursividade com um discurso que representa a crença de muitas mulheres vítimas de agressão, de que os homens batem nelas justamente por amá-las. Contrariamente a essa crença, acredito que: “Quem ama não bate”, discurso emancipatório repetido em muitas campanhas de combate à violência contra mulheres e que sustenta um discurso oposto, numa tentativa de conscientizar as mulheres a respeito da natureza ideológica do primeiro discurso, tentando desnaturalizar a prática da violência contra a mulher em nossa sociedade. O ato de violência é ainda texturizado em “Sobrou para ela. Foi logo pegando uma pisa que nunca mais irá ter vontade de trair o amor de seu ex”. Nesse caso, a violência é representada como instrumento pedagógico punitivo utilizado com o intuito de coibir a reprodução da atitude avaliada como indesejável, que é “trair o amor”.

Texto 18

Beleza de mulher
(03/Maio/2011)

Cansado de olhar para aquela cara horrível de sua mulher, Paulo César da Silva, 35, percebeu que não era mais a mesma mulher com quem ele se casou e resolveu esmurrar o rosto da infeliz, na tentativa de melhorar a situação dela, mas acabou foi piorando. A bronca rolou no bairro Parque das Nações, Zona Norte, por volta das 14h de ontem. A dona de casa Rosângela França Soares, 32, ficou desnorreada com a sequência de golpes que recebeu do maridão e sua cara foi se metamorfoseando e ficando totalmente inchada. Quando conseguiu se desvencilhar de Paulo, ela foi socorrida por vizinhos e levada ao Pronto-Socorro 28 de Agosto, onde os médicos deram uns talhos nas partes inchadas para drenar o líquido que se acumulou, assim ela passou a enxergar de novo. Paulo foi preso, quando tentava assistir ao jogo do Flamengo, já bem mais relaxado.

Quadro Analítico 18

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Nomeação semiformal	(185) “Paulo César da Silva”
	Nomeação informal	(186) “Paulo”
	Classificação por idade	(187) “35”
	Identificação relacional irônica	(188) “maridão”
Vítima	Identificação relacional	(189) “ <i>sua</i> mulher”
	Identificação física; Avaliação negativa adjetivada	(190) “cara <i>horrível</i> ”
	Avaliação negativa adjetivada	(191) “infeliz”
	Funcionalização	(192) “dona de casa”
	Nomeação semiformal	(193) “Rosângela França Soares”
	Classificação por idade	(194) “32”
Autoridade policial	Colocação em segundo plano	(195) “Paulo <i>foi preso</i> ”
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Violência contra a mulher (lesão corporal)	Metáfora Ironia	(196) “A dona de casa Rosângela França Soares, 32, ficou desnorreada com a sequência de golpes que recebeu do maridão e sua cara foi se metamorfoseando e ficando totalmente inchada.”
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Motivo fútil	Dissimulação	(197) “Cansado de olhar para aquela cara horrível de sua mulher, Paulo César da Silva, 35, percebeu que não era

		mais a mesma mulher com quem ele se casou e resolveu esmurrar o rosto da infeliz”.
--	--	--

O crime representado é o de violência contra a mulher, tipificada pela lei Maria da Penha. Os atores sociais representados são a vítima, o agressor, e a autoridade policial, médico e vizinhos. A vítima é representada por identificação relacional ao agressor, “sua mulher”; identificação física, uma vez que é representada como tendo uma “cara horrível” (avaliação negativa); avaliação adjetival, “infeliz”; funcionalização, “dona de casa”; nomeação semiformal, “Rosângela França Soares”; classificação por idade, “32”. O agressor é representado por nomeação semiformal, “Paulo César da Silva”; classificação por idade, “35”; identificação relacional à vítima, marcada por tom irônico, “maridão”; nomeação informal, “Paulo”. A autoridade policial é representada pela categoria de exclusão por apagamento, conforme representada no trecho “Paulo foi preso”.

A causalidade do crime é representada de forma jocosa, de duas formas: em primeira instância, como uma “tentativa de melhorar a situação” da vítima, que é representada tendo uma “cara horrível”. Ou seja, o autor ironiza o motivo da agressão e o representa como algo banal, mas ainda assim risível. A responsabilidade pela agressão seria da mulher, por “ser feia”; o que remete ao título da notícia: “Beleza de Mulher”. Além disso, o autor representa a causalidade de forma burlesca, por referência a duas reações do agressor em relação à ‘feitura’ da esposa, em: “*Cansado de olhar para aquela cara horrível de sua mulher, Paulo César da Silva, 35, percebeu que não era mais a mesma mulher com quem ele se casou*”. O ‘cansaço’ e a ‘percepção’ de que aquela não era mais a mesma mulher com que o agressor havia se casado, segundo a representação, foram determinantes para a agressão.

Texto 19

Sogra se estressa e manda matar o genro
(03/Maio/2011)

O artesão Sildomar Costa Ribeiro, 20, que tinha uma relação muito saudável com a sogra dele, acabou sendo assassinado com apenas 13 tiros na madrugada de ontem, depois de ter tido um pequeno, mas mortal desentendimento com a referida senhora. Segundo a mãe dele, Nelza Santos Costa, 47, a sogra do filho é uma megera psicótica e mandou matar o rapaz, depois de ter se irritado com ele. Ela contou à polícia que Sildomar ligou, minutos antes de morrer, avisando que estava sendo ameaçado de morte pela sogra com quem tinha se envolvido em uma briga. A bronca toda aconteceu, coincidentemente dentro casa da sogra

onde também morava a namorada dele, na rua Campos Sales, zona Norte, por volta de 1h. Sildomar estava bem dormindo, na noite de sábado e não imaginava que horas depois estaria dormindo eternamente. Ele recebeu uma ligação da namorada, dizendo que estava tendo um arranca-rabo lá na casa dela, porque a mãe estava bastante estressada e neurótica, por causa do romance dos dois. Sildomar foi até lá, para tentar apaziguar as coisas, mas acabou se estressando também com as maluquices da ‘véia’. ‘Ao se sentir ameaçada, a velha acionou um malandro, para que chamasse um cabra da peste, conhecido como ‘Igor’ e frisou: “Manda ele vir maquinado, porque a bronca é alta”, disse a sogra. Quando ligou para a mãe Sildomar disse “mãe, se acontecer alguma coisa comigo a culpa é da mãe da minha namorada”. “Minutos depois ele voltou a ligar, mas não disse nada. Ligou para que eu ficasse ouvindo a discussão. A ligação caiu e depois tivemos a notícia de que ele estava morto”, contou Nelza. O caso está sendo investigado com muito entusiasmo pela Delegacia Especializada em Homicídios e Sequestros (DEHS).

Quadro Analítico 19

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressora 1 (mandante)	Identificação relacional	(198) “sogra”
	Classificação por idade	(199) “senhora”; “véia”
	Avaliação negativa adjetivada	(200) “megera psicótica”
Agressora 2 (executor)	Categorização	(201) “cabra da peste”
	Nomeação informal	(202) “Igor”
Vítima	Funcionalização	(203) “artesão”
	Nomeação semiformal	(204) “Sildomar Costa Ribeiro”
	Nomeação informal	(205) “Sildomar”
	Classificação por idade	(206) “20”
Autoridade policial	Indeterminação por espacialização	(207) “O caso será investigado com muito entusiasmo pela <i>Delegacia Especializada em Homicídios e Sequestros</i> ”
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Homicídio	Ironia	(208) “O artesão Sildomar Costa Ribeiro, 20, (...), acabou sendo assassinado com apenas 13 tiros na madrugada de ontem”
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Motivo fútil	Ironia	(209) “O artesão Sildomar Costa Ribeiro, 20, que tinha uma relação muito saudável com a sogra dele, [...] acabou depois de ter tido um pequeno, mas mortal desentendimento com a referida senhora.”

O crime representado nesta notícia caracteriza um homicídio. Os atores sociais representados são: a vítima, os agressores, familiares da vítima, e a autoridade policial. A vítima é representada pelas categorias de: funcionalização, “artesão”; nomeação semiformal; “Sildomar Costa Ribeiro”; classificação por idade, “20”; nomeação informal, “Sildomar”. Há dois agressores representados: a mandante do crime e o executor. A mandante é representada por identificação relacional à vítima, “sogra”; classificação por idade, “senhora”, “véia”; avaliação adjetivada negativa, “megera psicótica”. O executor do homicídio é representado através por categorização, “cabra da peste”, e nomeação informal, “Igor”. A autoridade policial é representada por indeterminação por espacialização, “Delegacia Especializada em Homicídios e Sequestros (DEHS)”.

A motivação para o crime é representada de forma irônica e eufêmica, “pequeno, mas mortal desentendimento”, que descreve como teria sido a conturbada relação entre a agressora (sogra) e a vítima (namorado de sua filha), gerando uma animosidade que a motivou a mandar matá-lo. O evento é representado de forma passivada em “acabou sendo assassinado”, e com um eufemismo irônico, “com *apenas* 13 tiros”.

Texto 20

Domingo mais emocionante
(03/Maio/2011)

Dois galeritos resolveram parar de assistir Faustão e dar um pouco mais de emoção ao domingo. Os dois pegaram dois facões e foram à luta assaltar um posto de gasolina na Avenida Brigadeiro Hilário Gurjão, no bairro Jorge Teixeira, na linda Zona Leste. O assalto foi extremamente bem sucedido, mas a pena é que os lindões só levaram R\$ 150 e agora já devem estar planejando voltar ao local para pegar mais grana. O crime ocorreu por volta das 3h de ontem. Os belos galeritos já chegaram radicalizando com o frentista, que pegou umas porradas e foi feito refém. O galeroso ficou com pena de decepar a sua linda cabecinha e depois de pegar a grana, fugiu com o amiguinho, sem cortar ninguém. A Polícia até agora não tem pistas dos pilantras.

Quadro Analítico 20

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Categorização e assimilação	(210) “dois galeritos”
	Categorização	(211) “galeroso”
	Identificação relacional	(212) “amiguinho”

	Identificação física irônica	(212) “os lindões”, “os belos galeritos”
Vítima	Funcionalização	(213) “frentista”
Autoridade policial	Coletivização por assimilação	(214) “ a <i>polícia</i> até agora não tem pista dos pilantras”
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Assalto		(215) “[...] os lindões só levaram R\$ 150 [...]Os belos galeritos já chegaram radicalizando com o frentista, que pegou umas porradas e foi feito refém.”
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Motivo Fútil	Dissimulação; Ironia	(216) “Dois galeritos resolveram parar de assistir Faustão e dar um pouco mais de emoção ao domingo.”

O ato de violência representado é um assalto. Os atores sociais representados são a vítima, os agressores e a autoridade policial. Os agressores são representados por categorização, “dois galeritos”; representação irônica, “os *lindões*”, “os *belos galeritos*”. Um dos agressores é representado como “galeroso”, e o outro é representado pela categoria de identificação relacional a este, como “amiguinho”. A vítima é representada por funcionalização: “frentista”.

A causalidade é representada como relacionada à necessidade de “dar um pouco mais de emoção ao domingo”, ou seja, representa os criminosos como buscando diversão, prazer. Na narrativa desta notícia, é possível perceber a tênue fronteira que separa a narrativa factual da opinativa, característica do Maskate, pois lemos que: “O assalto foi extremamente bem sucedido, mas a pena é que os lindões só levaram R\$ 150 e agora já devem estar planejando voltar ao local para pegar mais grana”. A avaliação de que o assalto foi extremamente bem sucedido é do autor. A avaliação de que é uma pena que os criminosos só tenham levado R\$ 150 e agora já devem estar planejando voltar ao local para pegar mais grana também é do autor. Nesse trecho da narrativa, a única informação factual que temos é de que R\$ 150 foram roubados do posto de gasolina. O restante são afirmações que o autor realiza sobre o futuro, preconizando-o.

Texto 21

Carnaval bem curtido
(03/Maio/2011)

Ao ver o pedreiro Jairo Alves da Cunha, 29, chegando em casa na manhã de ontem, depois de ter sumido na sexta-feira de Carnaval, coincidentemente após ter recebido um gordo pagamento, a doméstica Rosilene Mota da Silva, 26, que já tinha ido em tudo que era hospital atrás do cabra, não quis mais nem saber e largou uma paulada no crânio do infeliz. O fato aconteceu na rua São Luís, no bairro Alfredo Nascimento, zona Norte. Rosilene que acreditava que o amado tivesse sido assaltado e morto, após ter pego a grana do pagamento, sentiu um ódio fulminante ao perceber, que ele gastou toda a grana na putada e ainda estava hospedado na casa de alguma piriguete e que só voltou para casa, porque a grana acabou. Ele teve que ser hospitalizado no João Lúcio, mas disse que não se arrepende de nada, porque esse foi o melhor Carnaval de todos.

Quadro Analítico 21

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Funcionalização	(217) “doméstica”
	Nomeação semiformal	(218) “Rosilene Mota da Silva”
	Nomeação informal	(219) “Rosilene”
	Classificação por idade	(220) “26”
Vítima	Funcionalização	(221) “pedreiro”
	Nomeação semiformal	(222) “Jairo Alves da Cunha”
	Classificação por idade	(223) “29”
	Avaliação adjetivada	(224) “infeliz”
Autoridade policial	Supressão	-----
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Lesão corporal	Ironia	(225) “[...]a doméstica Rosilene Mota da Silva, 26, que já tinha ido em tudo que era hospital atrás do cabra, não quis mais nem saber e largou uma paulada no crânio do infeliz.”
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Legitimação	Ironia	(226) “Ao ver o pedreiro Jairo Alves da Cunha, 29, chegando em casa na manhã de ontem, depois de ter sumido na sexta-feira de Carnaval, coincidentemente após ter recebido um gordo pagamento, [...]”

O ato de violência representado caracteriza lesão corporal. Os atores sociais representados são a vítima e a agressora. A vítima é representada por funcionalização,

“pedreiro”; nomeação semiformal, “Jairo Alves da Cunha”; classificação por idade, “29”; avaliação adjetivada, “infeliz”, e identificação relacional à agressora, “amado”. A representação da agressora dá-se pelas categorias de funcionalização, “doméstica”; nomeação semiformal, “Rosilene Mota da Silva”, classificação por idade, “26”, e nomeação informal, “Rosilene”.

A vítima é representada como tendo causado grande preocupação à esposa (agressora), por ter “sumido” sem dar satisfações, o que a levou a imaginar que ele poderia estar hospitalizado ou morto. É também representada como tendo gasto todo o dinheiro de seu pagamento com outras mulheres, “putada”. Ambas as ações (sumir sem dar satisfações e ter gasto todo o dinheiro do pagamento) são avaliadas negativamente pela esposa agressora, que, como forma de punição, “largou uma paulada no crânio do infeliz”. A reação da agressora também é texturizada como estratégia de legitimação do uso da violência através do uso de processo mental “Rosilene que acreditava que o amado tivesse sido assaltado e morto [...] *sentiu um ódio fulminante* ao perceber, que ele gastou toda a grana com a putada e ainda estava hospedado na casa de alguma piriguete e que só voltou para casa, porque a grana acabou”.

Texto 22

Homem é enganado, roubado e trucidado
(07/Junho/2011)

O microempresário Antônio André Costa de Oliveira, 28, estava de boa em casa na noite de ontem e não imaginava que amanheceria o dia morto, com três facadas nas costas, amarrado e nu da cintura para baixo em um terreno baldio, no bairro Santo Agostinho, na zona oeste. Ele foi vítima de uma trama mirabolante de três malandros. Ele foi seduzido por uma bela catirina conhecida como Regina, que o atraiu até o bairro. Quando chegou lá, foi abordado por duplinha da alegria, que o encheu de porrada e o amarrou. Ele abriu o jogo e contou tudo para que os malucos o deixassem viver. Os caras foram até a casa dele, no bairro da Raiz, na zona sul, reviraram tudo e acharam um cofre, que continha a quantia de R\$ 8 mil. Depois de satisfazer toda a ganância dos pilantras, que queriam seu dinheirinho tão suado. Os suspeitos disseram que iriam liberá-lo, mas quando chegaram ao terreno baldio, Antônio foi morto covardemente pelas costas a facadas. Um dos suspeitos pelo crime, Eduardo Moura Cruz, 18, foi preso pela Polícia Militar (PM), na manhã de ontem, quando desfilava alegremente com o cofre do microempresário em cima de uma motoca, pelas ruas do bairro. Eduardo estava na companhia de outro homem, transportando o cofre da vítima. Ele foi autuado em flagrante por latrocínio (roubo seguido de morte). Durante a abordagem, os bichinhos ficaram nervosos e caíram da moto. Tadinhos! Já na delegacia, os tiras abriram o cofre e encontraram R\$ 8,3 mil e documentos de Antônio. Os meganhas³¹ do 19º Distrito Integrado de Polícia (19º DIP) baseados na documentação foram até a casa da vítima e encontraram tudo revirado.

³¹ Meganha - Forma depreciativa de se referir a um soldado de polícia.

Quadro Analítico 22

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Categorização e assimilação; Ironia	(227) “malandros”, “malucos”, “duplinha da alegria”
	Classificação de gênero seguida de nomeação informal	(228) “catirina conhecida como Regininha”
Suspeito	Nomeação semiformal	(229) “Eduardo Moura Cruz”
	Classificação por idade	(230) “18”
	Nomeação informal	(231) “Eduardo”
Vítima	Funcionalização	(232) “microempresário”
	Nomeação semiformal	(233) “Antônio André Costa de Oliveira”
	Classificação por idade	(234) “28”
Autoridade policial	Representação dos agentes por passivização; Coletivização por assimilação	(235) “Um dos suspeitos pelo crime, Eduardo Moura Cruz, 18, foi preso <i>pela Polícia Militar (PM)</i> , na manhã de ontem, quando desfilava alegremente com o cofre do microempresário em cima de uma motoca, pelas ruas do bairro. [...] Ele foi <i>atuado em flagrante por latrocínio (roubo seguido de morte)</i> . [...] <i>Os meganhas</i> ³² <i>do 19º Distrito Integrado de Polícia (19º DIP)</i> baseados na documentação foram até a casa da vítima e encontraram tudo revirado.”
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Latrocínio	Espetacularização	(236) “O microempresário Antônio André Costa de Oliveira, 28, <i>estava de boa em casa na noite de ontem e não imaginava que amanheceria o dia morto, com três facadas nas costas, amarrado e nu da cintura para baixo em um terreno baldio</i> ”.
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Dinheiro	---	(237) “Os caras foram até a casa dele, no bairro da Raiz, na zona sul, reviraram tudo e acharam um cofre, que continha a quantia de R\$ 8 mil. Depois de satisfazer toda a ganância dos pilantras, que queriam seu dinheirinho tão suado. Os suspeitos disseram que iriam liberá-lo, mas quando chegaram ao terreno baldio, Antônio foi morto covardemente pelas costas a facadas.”

³² Meganha - Forma depreciativa de se referir a um soldado de polícia.

O crime representado caracteriza um latrocínio. Os atores sociais representados são os agressores, a vítima, suspeitos e a autoridade policial. Os agressores são representados por categorização, “malandros”, “malucos”; nomeação informal, “catirina conhecida como Regininha”; e por uso de ironia, “duplinha da alegria”. A vítima é representada pelas categorias de funcionalização -- “microempresário”; nomeação semiformal, “Antônio André Costa de Oliveira” e classificação por idade, “28”. O suspeito é representado através de nomeação semiformal, “Eduardo Moura Cruz”, classificação por idade, “18” e nomeação informal, “Eduardo”. A causalidade é representada pela própria natureza do crime, um latrocínio, ou seja, foi motivada pela intenção dos agressores em saquear a vítima.

Texto 23

Facada do dia
(07/Junho/2011)

O desocupado Afrânio Mendonça da Silva, 23, resolveu tomar satisfações com um galeroso que só vive chapado e armado, e logicamente acabou pegando a sua facada do dia bem na barriguinha, na noite de ontem, no bairro de Jorge Teixeira 3, zona Leste. O crime aconteceu no próximo ao bar da Ray. O endiabrado galeroso que furou o desocupado estava bebendo cachaça no bar e fumando uma bela pasta-base de cocaína, na santa paz de Cristo, quando foi importunado. Ele que não é bobo nem nada, sempre anda com uma peixeira portátil pocket de bolso para as horas mais inesperadas da vida e também para levantar uma grana. Quando sentiu o arretamento de Afrânio, ele não pensou duas vezes, lascou a facada e foi embora com o seu típico andar de galeroso. Afrânio foi bater no João Lúcio.

Quadro Analítico 23

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Categorização adjetivada	(238) “endiabrado galeroso”
	Avaliação negativa por pressuposição de valor	(239) “ <i>estava bebendo no bar e fumando uma bela pasta-base de cocaína</i> ”
Vítima	Desfuncionalização	(240) “desocupado”
	Nomeação semiformal	“Afrânio Mendonça da Silva”
	Nomeação informal	(241) “Afrânio”
	Classificação por idade	(242) “23”
Autoridade policial	Supressão	-----
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de	Exemplo

	representação	
Lesão corporal	----	(243) “O endiabrado galeroso [...] lascou a facada e foi embora com o seu típico andar de galeroso.”
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Acerto de contas	Avaliação por pressuposição de valor Ironia	(244) “O desocupado Afrânio Mendonça da Silva, 23, resolveu tomar satisfações com um galeroso que só vive chapado e armado, e logicamente acabou pegando a sua facada do dia bem na barriguinha.”

O ato de violência representado caracteriza lesão corporal. Os atores sociais representados são a vítima e o agressor. A vítima é representada por desfuncionalização, “desocupado”; nomeação semiformal, “Afrânio Mendonça da Silva”; classificação por idade, “23”; nomeação informal, “Afrânio”. O agressor é representado por categorização adjetivada, “endiabrado galeroso”; desfuncionalização, “desocupado” e também é representado como usuário de drogas (cachaça e cocaína) através de comentário avaliativo com pressuposição de valor. Ele também é representado como alguém que “não é bobo nem nada” por sempre andar armado, em outro exemplo de comentário avaliativo com tom irônico; e por identificação física, na qual seu ‘andar’ é classificado como “típico de galeroso”.

Quanto à causalidade, também por inferência é possível concluir que o agressor teria agredido a vítima porque foi “importunado”.

Texto 24

Espírito Possessor
(07/Junho/2011)

Possuído por um fortíssimo sentimento de rebeldia transloucada, o galeroso Wallace Roberto da Silva Maceió, 21, atacou seu grande mentor espiritual que lhe encaminhou no mundo das cachaçadas, da putaria e da galerosidade, Moisés Martins Pereira, 29, na noite de ontem, no bairro União da Vitória, zona Leste. Wallace tentou decepar a mão de seu mestre num bar localizado na rua Santa Maria, mas não antes de um duelo mortal de terçados amoladíssimos. A batalha épica só terminou quando Moisés pegou três terçadadas no antebraço direito, fazendo a galera do bar delirar de emoção. Ele foi bater no João Lúcio.

Quadro Analítico 24

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Categorização	(245) “galeroso”

	Nomeação semiformal	(246) “Wallace Roberto da Silva”
	Nomeação informal	(247) “Wallace”
	Classificação por idade	(248) “21”
Vítima	Identificação relacional seguida de comentário avaliativo	(249) “ <i>seu grande mentor espiritual que lhe encaminhou no mundo das cachaçadas da putaria e da galerosidade</i> ”
	Identificação relacional	(250) “ <i>seu mestre</i> ”
	Nomeação semiformal	(251) “Moisés Martins Pereira”
	Nomeação informal	(252) “Moisés”
	Classificação por idade	(253) “29”
Autoridade policial	Supressão	-----
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo
Lesão corporal		(254) “Wallace [...] tentou decepar a mão de seu mestre. [...]A batalha épica só terminou quando Moisés pegou três terçadadas no antebraço direito”
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Motivo Fútil	Dissimulação	(255) “Possuído por um fortíssimo sentimento de rebeldia transloucada, o galeroso Wallace Roberto da Silva Maceió, 21, atacou seu grande mentor espiritual.”

O ato de violência representado é uma lesão corporal. Os atores sociais representados são a vítima, o agressor e as testemunhas. A vítima é representada por identificação relacional ao agressor, seguido de comentário avaliativo como sendo “seu grande mentor espiritual que lhe encaminhou no mundo das cachaçadas da putaria e da galerosidade”, e “seu mestre”; por nomeação semiformal, “Moisés Martins Pereira”; classificação por idade, “29”; nomeação informal, “Moisés”. O agressor é representado por categorização, “galeroso”; nomeação semiformal, “Wallace Roberto da Silva”, classificação por idade, “21”; nomeação informal, “Wallace”. Tanto agressor quanto vítima são representados como pessoas que vivem às margens da lei: um “galeroso” (no caso do agressor); e seu “mentor espiritual” e “mestre” (a vítima). O agressor é representado como “possuído por um fortíssimo sentimento de rebeldia transloucada”, e sugere-se a “possessão” como causa para o ataque à vítima.

O ato de violência é representado como “duelo mortal” e “batalha épica”. A escolha dos termos “duelo” e “batalha” deram à vítima e ao agressor o *status* de gladiadores, espetacularizando o ato de violência, tratando-o como um show, um espetáculo, o que não se restringe à representação do evento em si, mas inclui a representação das testemunhas. A representação da reação das pessoas que presenciaram o evento reforça a idéia da espetacularização.

Texto 25

Atrapalhando a ilusão
(07/Junho/2011)

Já bastante chateado, porque o ano de 2011 já está no meio e a falta de perspectiva de grana aparecer ainda está cruel, o desempregado, Alfredo Maia da Silva, 30, chegou à conclusão que só a cachaça pode lhe proporcionar satisfação, prazer e alegria, como se sua vida estivesse legal. A idéia estava indo bem, mas sua patroa, que podia ter ficado calada, não gostou e resolveu desabafar na cara de Alfredo. Resultado: acabou apanhando feito uma condenada. O fato aconteceu ontem, na comunidade do Tarumã, zona Norte. Waldinéia Ferreira Braga, 22, pegou uma pisa de seu amado que estava alucinado por efeito do álcool. Ela deu entrada no João Lúcio, com um olho roxo, várias escoriações, além dos lábios terrivelmente espocados. O amado depois de espancá-la, tomou um Engov para aliviar o estômago que estava com uma azia e (quando soube que a Polícia estava a caminho) tomou rumo desconhecido.

Quadro Analítico 25

Representação de Atores Sociais		
Ator social	Modo de representação	Exemplo
Agressor/a	Desfuncionalização	(256) “desempregado”
	Nomeação semiformal	(257) “Alfredo Maia da Silva”
	Nomeação informal	(258) “Alfredo”
	Classificação por idade	(259) “30”
	Identificação relacional	(260) “ <i>seu amado</i> ”
Vítima	Identificação relacional	(261) “ <i>sua patroa</i> ”
	Nomeação semiformal	(262) “Waldinéia Ferreira Braga”
	Classificação por idade	(263) “22”
Autoridade policial	Coletivização por assimilação	(264) “Quando soube que a polícia estava a caminho [...] tomou rumo desconhecido”
Representação do ato de violência		
Tipificação do ato	Modo de representação	Exemplo

Violência contra a mulher (lesão corporal)	---	(265) “Waldinéia Ferreira Braga, 22, <i>pegou uma pisa de seu amado</i> que estava alucinado por efeito do álcool.”
Representação da causalidade		
Causa	Modo de representação	Exemplo
Motivo fútil	Legitimação	(266) “A idéia estava indo bem, mas sua patroa, que podia ter ficado calada, não gostou e resolveu desabafar na cara de Alfredo.”

O crime representado caracteriza violência de gênero contra a mulher (lesão corporal). Os atores sociais representados são a vítima, o agressor e a autoridade policial. A representação da vítima ocorre por identificação relacional ao agressor, “sua patroa”; nomeação semiformal, “Waldinéia Ferreira Braga”, e classificação por idade, “22”. O agressor é representado por desfuncionalização, “desempregado”; nomeação semiformal, “Alfredo Maia da Silva”; classificação por idade, “30”; nomeação informal, “Alfredo”; identificação relacional à vítima, “seu amado”. A polícia é representada por assimilação.

A agressão é representada como tendo sido parcialmente motivada pela própria vítima, que é representada pelo comentário avaliativo que sugere atitude não desejável: “podia ter ficado calada”, mas “resolveu desabafar”. Ao representar, com modalidade deôntica, que a vítima “podia” ter ficado calada, o autor sugere de forma não explícita, que a atitude desejável nesse caso seria o silêncio, a conformação diante da embriaguez do marido. Reforça a representação da vítima como corresponsável pela agressão sofrida ao continuar a narrativa com: “Resultado: acabou apanhando feito uma condenada”. Esse trecho em particular estabelece relação direta de causalidade entre a atitude ‘não desejável’ da vítima e a agressão, já que o autor endossa, de forma não categórica, a idéia de que a mulher não deveria ter confrontado o marido.

Ao contrário dos exemplos anteriores, problemas sociais como o desemprego e o abuso do álcool são representados nesse texto. Contudo, nenhuma relação de causalidade é representada, de forma explícita, associando esses problemas à agressão.

O agressor é representado como “desempregado” e sem “perspectiva de grana”, e é também representada sua reação, “bastante chateado”, em face dessa situação. Vemos aqui representada tanto a situação de pobreza do agressor como sua insatisfação diante dela. Na

continuação do texto, o agressor é representado como alguém que busca na bebida “satisfação, prazer e alegria, como se sua vida estivesse legal”.

O texto também sugere, de certa forma, a impotência de Alfredo em relação a sua condição e sua falta de perspectiva a respeito da mudança dessa condição. Ele é representado ironicamente como tendo dedicado certa reflexão ao problema, “chegou à conclusão”, sem aparentemente ter encontrado uma possível solução a não ser de se entregar à bebida como único escape.

Apesar da representação dos problemas do desemprego e do alcoolismo estarem presentes, o problema é representado de forma particularizada na notícia da agressão, e nenhum debate é estabelecido. A causa primária da agressão é representada como motivada pela vítima, e os outros problemas subjacentes não são debatidos ou problematizados, apesar da conhecida relação entre problemas como desemprego e alcoolismo como causa de conflitos familiares.

O espancamento da vítima é representado como uma “pisa”, ou seja, como uma surra, e detalhes a respeito das consequências são citados: “olho roxo”, “várias escoriações”, “lábios terrivelmente espocados”.

4.4 Crítica Social Explanatória

Com base nas microanálises linguísticas que realizei, destaco quatro questões sociais que gostaria de explorar, apontando os respectivos modos de operação da ideologia por meio dos quais discursos de dominação são sustentados. As questões são: a criminalização da pobreza e a estereotipação da periferia como espaço exclusivo da violência; a representação preconceituosa de pessoas em situação de pobreza envolvidas em atos de violência; a culpabilização da vítima como estratégia de legitimação do uso da violência; a banalização e a espetacularização da violência contra pessoas em situação de pobreza e a ressignificação da violência como algo risível. Esses temas compõem o eixo de problemas sociais centrais deste trabalho e todos eles estão, de certa forma, inter-relacionados, conforme demonstrarei. Apenas para fins de clareza analítica optamos por dividi-los em subseções.

A Uma questão de classe social: a criminalização da pobreza e a estereotipação da periferia como espaço exclusivo da violência.

É possível perceber que a esmagadora maioria das notícias envolve exclusivamente pessoas em situação de pobreza. Com base nas análises dos dados, apresento alguns indícios textuais que sinalizam representação marcada em termos de classe social e seus potenciais desdobramentos discursivos, como, por exemplo, a representação da criminalidade como estando diretamente relacionada à pobreza e a estereotipação da periferia como cenário exclusivo da violência. Esse padrão pode ser confirmado no entrecruzamento de quatro índices representacionais, alguns deles mais explícitos que outros. Os índices são: a representação dos atores sociais agressores/as e vítimas pelas categorias de funcionalização; comentários que remetem de forma indireta a uma representação de classe; e a representação dos locais onde ocorrem os atos de violência.

A representação dos atores sociais em termos da ocupação que exercem no meio social é um índice explícito da classe social a quais pertencem. Ou seja, os textos analisados apresentam referência explícita ao ‘mundo do trabalho’ como indicador de classe social. As pessoas envolvidas nos atos de violência representados são pessoas em situação de pobreza, o que se marca pela funcionalização caracterizada trabalho, que, na maioria das vezes, requer pouco ou nenhum grau de escolarização (auxiliar de barraqueiro, auxiliar de pedreiro, artesão); caracterizam trabalho mal remunerado (industrial, cobrador de ônibus, frentista, policial) e muitas vezes braçal (pedreiro, auxiliar de pedreiro, doméstica). Outros atores sociais são representados pela ausência trabalho (desempregado, desocupado), ou pela representação de ocupações que não incluem remuneração (dona de casa, estudante). Outro índice relevante são comentários, presentes nas notícias, que remetem de forma indireta à noção de classe. Abaixo, alguns exemplos:

(1) “Jakson *economizou anos* para poder comprar o lindo tênis dos seus sonhos, *mas como não conseguiu o jeito foi ficar com uma falsificação barata, desses contrabandeados da China mesmo*”.

(2) “O *desempregado e cheio de filho para criar*, Leandronildo da Silva Buarque, 30, acabou pegando uma terçadada no braço que quase foi decepado. Tudo porque alguns elementos que não fazem a mínima questão de se integrarem à sociedade, acharam que deveriam arrancar fora o braço do rapaz, *que já leva uma vida desgramada, comendo o pão que o diabo amassou*”.

(3) “Já bastante chateado, porque o ano de 2011 já está no meio e *a falta de perspectiva de grana aparecer ainda está cruel*, o desempregado, Alfredo Maia da Silva, 30, chegou à conclusão que só a cachaça pode lhe proporcionar satisfação, prazer e alegria, *como se sua vida estivesse legal*”.

Esses exemplos texturizam representações de classe social; não há, contudo, em nenhum dos textos, indício lexical explícito que remeta à noção de classe - termos como pobres, miseráveis, proletariado etc. não são utilizados em nenhuma das notícias. A representação de classe torna-se opaca, uma vez que as notícias particularizam os eventos e dramas pessoais, o que de certa forma desvia potencialmente o foco do/a leitor/a para a observação de padrões sociais macros.

O segundo aspecto a ser considerado como índice da questão de classe é a representação jocosa e depreciativa das vítimas e agressores. Como vimos na análise da prática particular quando da produção de notícias policiais no Capítulo 3, nota-se que na grande maioria dos casos, atores sociais pobres e ricos recebem tratamento diferenciado. Os atores sociais pobres costumam, não apenas, ter sua imagem exposta, mas também lhes é negado, muitas vezes, o direito de resguardar sua própria imagem, sendo obrigados a tirar fotos algemados. Além disso, o suspeito pobre comumente é pré-julgado e tratado como criminoso muito antes do encerramento do inquérito policial ou julgamento. Por outro lado, quando o suspeito pertence a classes privilegiadas, ocorre o contrário. Há uma tendência em preservar-lhe a imagem e cuidado ao representá-lo, uma vez que esse dispõe de mais recursos materiais e simbólicos para contestar eventuais representações desfavoráveis e injustas.

O *Maskate* segue até certo ponto o padrão de representação praticado na maioria dos jornais de referência ao introduzir os atores sociais vítimas e agressores nas notícias. Ocorre a citação do nome, idade e profissão do indivíduo. O que é curioso notar no *Boletim de Ocorrências*, e vai contra este padrão de representação, é que por vezes ocorre uma substituição paradigmática da representação da categoria de funcionalização (ocupação) da vítima ou do/a agressor/a, por sua classificação, sempre negativa e depreciativa, conforme vemos nos exemplos que seguem:

- (4) “O *desocupado* Ledilson Brito Vieira, 39”.
- (5) “O *elemento* Reginaldo de Oliveira Rodrigues, 21, foi totalmente ticado por uma galera nada amistosa que não se amarrava muito nele”.
- (6) “o *cachaceiro* Almir Caldas Ribeiro, 38”.
- (7) “O *galeroso* Luís Paul, mais conhecido no mundo da malandragem como o ‘Corote’ [...]”.
- (8) “expulsou o *infeliz*, Rafael Guedes de Souza, 18”.
- (9) “O *galeroso* Jilson Gomes de Araújo, o Olhão”.
- (10) “Inconformado com o término arbitrário do casamento de um ano o *alcóolatra desempregado e com fortes tendências galeríticas*, Fabiano Carvalho Pires, 24”.
- (11) “O *desocupado* Afrânio Mendonça da Silva, 23”.
- (12) “O *desempregado* Aldredo Maia da Silva, 30”.

Nos textos analisados, esse tipo de representação frequentemente reforça a imagem do indivíduo como excluído do mercado de trabalho, com categorização depreciativa e marginal (“desocupado”, “elemento”, “cachaceiro”, “galeroso”, “alcóolatra”). Nesses casos, a referência não é em relação à ocupação formal do ator social, mas à atividade à qual ele supostamente dedica a maior parte do seu tempo, seja ‘aprontando’, ‘bebendo’, ‘roubando’ etc.

Essa representação depreciativa dos atores sociais opera dois tipos complexos, porém distintos, de construções simbólicas, conforme elabora Thompson (2008). Por um lado, dissimula relações das quais os atores sociais são vítimas, como o desemprego, a violência, a dependência química etc., por meio do deslocamento da responsabilidade por aquela situação como sendo de inteira responsabilidade do indivíduo; silenciando uma possível discussão aprofundada dos componentes sociológicos macros que perpassam tais questões sociais; desonerando o Estado de sua responsabilidade parcial. Por outro lado, contribui também para expurgar os atores sociais representados de forma desprivilegiada, ao representá-los como inimigos em potencial da ordem pública.

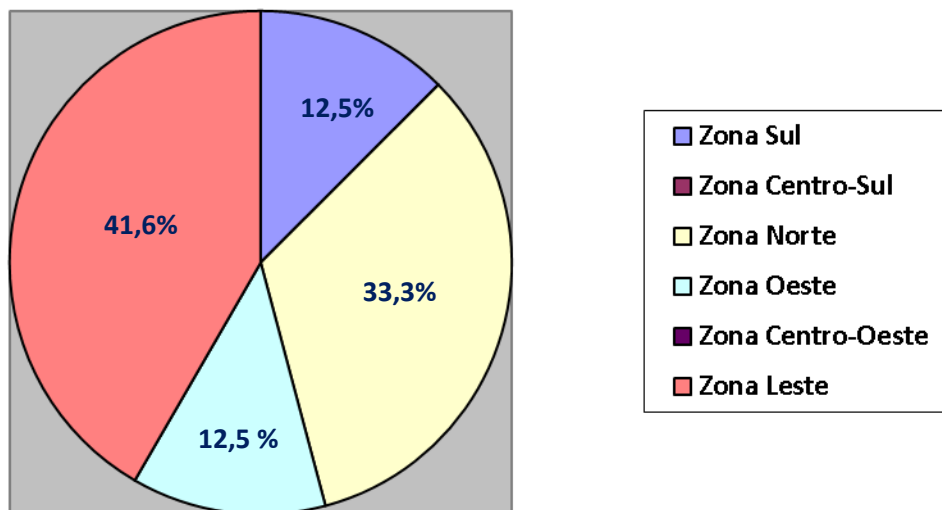
O terceiro índice refere-se à representação dos lugares de ocorrência dos eventos de violência representados nos textos. Na maioria dos casos, os eventos representados ocorreram em bairros de zonas periféricas da cidade de Manaus, conforme podemos observar a partir do quadro x e do gráfico 1, a seguir:

Quadro 7 - Representação dos locais dos eventos

Notícia	Representação dos locais dos eventos	Zona da cidade
1. Já foi tarde	“no bairro <i>que mais parece terra de bangüê-bangue</i> , Nova Floresta, na zona Leste”.	Leste
2. Chifre e confusão	“no bairro Alfredo Nascimento, zona leste.”	Leste
3. Tênis meu, não vá	“ <i>no violento</i> bairro do São José Operário”	Leste
4. Myke Tyson baré	“no bairro Monte das Oliveiras, zona Norte, <i>onde a felicidade até que existe.</i> ”	Norte
5. Trupe dos infernos	“na rua Piranguaçu do Morro da Liberdade, zona Sul da cidade”	Sul
6. Amigas da onça	“na Praça do Leme, na Rua T - 02, Compensa 2, <i>na bela Zona Oeste.</i> ”	Oeste
7. Repreensão impensada	“no bairro do São José 2, zona Leste, <i>onde tudo é perfeito.</i> ”	Leste
8. O ticadinho	“no bairro do Zumbi 2”.	Leste
9. O Dr. Ray do Parque São Pedro	“na comunidade Parque São Pedro, zona Norte.”	Norte
10. Festa de réveillon termina em morte	“rua Taveira, no Monte das Oliveiras, na zona Norte”.	Norte
11. Brincadeiras mortais	“nas proximidades da Feira da Manaus Moderna.”	Sul
12. Amizade sem fim	“ <i>no fantástico bairro do Zumbi dos Palmares</i> , zona Leste.”	Leste
13. Fraternidade a toda prova	“ <i>no fantástico bairro Cidade de Deus</i> , zona Norte.”	Norte
14. A união que faz a força	“no bairro da Compensa 3, zona Oeste.”	Oeste
15. Persuasão agressiva	“na rua Estados Unidos do bairro Parque das Nações, zona Leste.”	Leste
16. Policial gaiato arruma confusão e porradaria em coletivo de Manaus	“na Rua Japiim, Cidade de Deus, na Zona Norte”.	Norte
17. Fiscalizador da ex-mulher	“no bairro de São Sebastião, no Aleixo, zona Sul”.	Sul
18. Beleza de Mulher	“na rua Campos Sales, zona Norte”.	Norte
19. Sogra se estressa e manda matar o genro	“no bairro Jorge Teixeira, <i>na linda Zona Leste.</i> ”	Leste
20. Domingo mais emocionante	“na Avenida Hélio Brigadeiro Hilário Gurjão, no bairro Jorge Teixeira, <i>na linda zona Leste</i> ”.	Leste
21. Carnaval bem curtido	“na rua São Luís, no bairro Alfredo Nascimento, zona Norte”.	Norte
22. Homem é enganado, roubado e trucidado.	“em um terreno baldio, no bairro Santo Agostinho, na zona oeste”.	Oeste
23. Facada do dia	“no bairro de Jorge Teixeira 3, zona Leste”.	Leste
24. Espírito possessor	“no bairro União da Vitória, zona Leste”.	Leste
25. Atrapalhando a ilusão	“na comunidade do Tarumã, zona Norte”.	Norte

O quadro acima evidencia por um lado, a divisão espacial de ocorrência dos atos de violência, conforme representada nas notícias. Na figura 1, a seguir, podemos visualizar mais claramente a proporcionalidade dos casos comparando a porcentagem de ocorrências entre as zonas.

Gráfico 1 – Representação da porcentagem de atos de violência por zonas da cidade de Manaus



No caso das zonas Leste e Norte, essas zonas concentram muitos dos bairros mais pobres da cidade. É certo que a violência pode existir de forma mais concentrada em determinadas áreas de uma localidade, porém, ela não é exclusividade de pessoas pobres, que vivem em locais periféricos ou favelas. A violência é um problema social que atinge todas as classes, em maior ou menor escala, direta ou indiretamente, mas que não atinge unicamente uma classe de pessoas.

O quadro acima pode parecer contraditório à afirmação que fiz antes, de que a violência atinge todas as camadas sociais e de que, por consequência, a criminalidade não é exclusivamente praticada por pessoas pobres. Contudo, é preciso ter em mente que o quadro não considera números oficiais a respeito da violência na cidade, e sim a representação que o autor faz nas notícias. Daí sua utilização, justamente para evidenciar a representação desprivilegiada e parcial de zonas pobres em detrimento de outras.

Além de associar a situação de pobreza à violência, representando a periferia como espaço privilegiado de crimes, o que é uma construção puramente simbólica, o autor representa o local de forma irônica e pejorativa, conforme podemos notar nos exemplos:

Ao noticiar os dramas dos indivíduos envolvidos em eventos de violência, particularizando suas histórias (privilegiando uma visão micro), sem problematizar a questão da violência urbana em seu aspecto mais amplo (visão macro), com base em estereótipos, o *Maskate* não apenas reproduz um discurso ideologizante, mas o reforça e

legítima, considerando o *status* que o jornal agrega como produto midiático veiculador de supostas verdades e fatos.

Segundo John e Eberle (2010, p. 56), “dentre os vários meios de comunicação disponíveis, a mídia impressa costuma ser aquela que mais recebe o status ou representação de credibilidade”. A esse mesmo respeito, Scalzo (2003) pontua que, “o que é impresso, historicamente, parece mais verdadeiro do que aquilo que não é” (Scalzo, 2003, p. 12 *apud* John e Eberle 2010, p. 57).

O quarto índice refere-se à culpabilização das vítimas como estratégia legitimadora da violência, que conforme demonstraremos, também está, apesar de indiretamente, associada à questão da criminalização da pobreza. Conforme podemos observar, o padrão de representação da vítima como co-responsável pela agressão sofrida é texturizado em várias notícias. Mais especificamente, a culpabilização da vítima como estratégia legitimadora do uso da violência é utilizada em 13 das 25 notícias analisadas. Basicamente, esse padrão representacional consiste na realização textual de três características. (1) A representação de uma atitude da vítima avaliada negativamente, como indesejável e reprovável; (2) A representação da reação do agressor (de desaprovação) perante tal atitude e/ou sua reação (de satisfação) depois de concretizada a agressão, incluindo representação dos sentimentos do agressor por meio de processos mentais; (3) Estabelecimento de relação causal implícita (na maioria dos casos) entre a atitude indesejável e a agressão sofrida. A agressão, portanto, é representada como uma atitude punitiva, em resposta à atitude indesejável.

É útil ressaltar que as características foram enumeradas apenas por uma questão de organização, sem que isso implique necessariamente a ordem em que elas aparecem nos textos. Ressalto, também, que em algumas das notícias a segunda característica não é texturizada, o que ainda assim não invalida a existência do padrão, pois o padrão tem como eixo central a relação causal estabelecida entre a primeira e a última característica, ou seja, entre uma atitude avaliada negativamente como indesejável e a agressão como forma de punição. Assim, mesmo quando a reação do agressor não é explicitada, a relação causal verifica-se implícita. A seguir, apresento recortes das treze notícias que realizam esse padrão. Em destaque, encontram-se os trechos e a numeração indicadora da respectiva característica:

Chifre e confusão

A dona de casa, Cristina Costa Oliveira, 30, chegou em casa numa boa e (1) encontrou o maridão curtindo com uma capivara toda fogosa que vivia ciscando por lá perto de sua casa. Apesar da excitação estar no ar, (2) Cristina não achou a cena nada interessante e resolveu tirar um pouco de sangue das costas do maridão. (3) Primeiro ela tentou eliminar a sua sócia, mas a mesma saiu vazada, mais rápido que uma bala. Quando ela se armou com uma faca, o maridão, ainda com o talo enrijecido, tentava se vestir, mas foi atingido com duas facadas.

Amigas da onça

Uma disputa para verem quem iria levar para cama um rapaz muito bonito e gostoso da Compensa 2. Essa foi a causa da morte da adolescente Valéria Silva de Carvalho, de 14 anos. (1) Ela que desde novinha adorava essas coisas de namorado, de ficar e tudo que envolvesse azaração e rapazes, (3) foi assassinada com uma facada no peito por uma desocupada rival. (3) Daniele apareceu do nada e cravou uma bela faca tramontina nas costas da menina. (2) Ao ver Valéria agonizando de dor, as duas se sentiram satisfeitas e fugiram alegremente para curtir o resto do domingo.

Repreensão impensada

Depois de se entorpecer loucamente de cachaça, o pedreiro Raimundo dos Santos Pires, 35, chegou em casa igual a um selvagem homem das cavernas, em plena madrugada. (1) A mulher, que quis dar uma de mal-humorada foi repreender o maridão, (3) mas acabou sendo brutalmente barbarizada e escrotizada para aprender a ficar na dela. [...] Edilza Soares Carvalho, 29, apanhou só de panelada na cara e no crânio.

Brincadeiras mortais

(2) Com os culhões já prestes a explodir de tanta raiva, o auxiliar de barraqueiro Rogério Batista Barbosa, 24, (3) largou uma barrada de ferro na cabeça de seu queridíssimo primo, seu parceiro de trabalho, Denis Almeida Castro, 26, nas proximidades da Feira da Manaus Moderna. (1) O motivo da briga foi que Denis estava com uns gracejos lesos de querer ficar passando a mão na bunda do rapaz, toda vez que encontrava com ele e depois ficava com uma cara cínica, negando tudo. Depois da quinta dedada, Rogério (2) não aguentou e (3) tentou arrebentar a cabeça do priminho, Denis foi direto para o 28 de Agosto, onde denunciou o primão.

Amizade sem fim

(3) O galeroso Luís Paulo [...] largou a facada na peituchuca de seu miguxo, Mário Jorge Mendes Albuquerque. Corote foi paciente e esperou, com toda a serenidade, Mário sair da aula a noite só para pegá-lo de surpresa e (3) largá-lhe a peixeirada bem perto de seu mamilo. (1) Os dois se envolveram em uma intriga de chifre, drogas e mais chifre. (2) Em seguida, satisfeito, saiu curtindo com a cara do infeliz, que se fingiu de morto, para não morrer de verdade.

Fraternidade a toda prova

(1) O pedreiro, Francisco Guedes de Souza, [...] expulsou o infeliz, Rafael Guedes de Souza, 18, de casa debaixo de muito cacete e desaforos. (2) Profundamente magoado e remoendo aquela coisa dentro de si, Rafael não deixou barato. Foi na casa de sua gata, pegou um belíssimo terçado da marca Tramontina e voltou para tomar satisfações com o irmão. No primeiro “ai”, que Francisco proferiu, (3) foi pegando a terçadada no crânio que o deixou completamente desnorreado.

Persuasão Agressiva

(2) Inconformado com o (1) término arbitrário do casamento de um ano o alcoólatra desempregado e com fortes tendências galeríticas, Fabiano Carvalho Pires, 24, resolveu demonstrar para sua amada, (2) toda a angústia e sofrimento que ela o está fazendo passar, de uma forma que ela possa entender com facilidade, ou seja, traduzindo todos aqueles (2) sentimentos angustiantes em (3) pancadas na cabeça, costa e braços de sua pequena.

Policial gaiato arruma confusão e porradaria em coletivo de Manaus

O policial Joacir Mendes da Silva, que é muito arretado e abusado, tirou o dia de sábado para frescar com as pessoas e acabou armando uma grande confusão dentro de um coletivo. Tudo começou, quando ele subiu em um micro-ônibus do transporte Alternativo. Ele chegou brabo e olhando para o cobrador com um olhar fulminante. (1) O cobrador quis cobrar-lhe a passagem de R\$ 2,25 e ele, que estava à paisana, disse que não iria pagar porque era policial militar. Até aí tudo bem, mas acontece que (1) o cobrador foi pedir para ele mostrar a carteira militar dele, para que pudesse comprovar que ele era realmente um policial e não um gaiato, querendo apenas andar de graça no ônibus e tirar uma onda com a cara da galera. Neste momento, (2) Joacir se sentiu extremamente ofendido, porque o rapaz não queria acreditar só na palavra dele. (2) Chateado, ele (2) se sentiu obrigado (3) a largar um tapão na cara do cobrador e mandar ele o respeitar.

Beleza de mulher

Cansado de olhar para (1) aquela cara horrível de sua mulher, Paulo César da Silva, 35, (2) percebeu que não era mais a mesma mulher com quem ele se casou e (3) resolveu esmurrar o rosto da infeliz, na tentativa de melhorar a situação dela, mas acabou foi piorando.

Fiscalizador da ex-mulher

O ex-maridão romântico, mas também muito violento e psicótico, Raimundo Carbajal Soares, 31, (2) não aguentando mais a mulher que pisava em seu coração de forma impiedosa, (3) espancou-a apaixonadamente, na noite de ontem, no bairro de São Sebastião, no Aleixo, zona Sul. Raimundo tem um filho de três anos com a doméstica Clara Nunes da Silva Mendonça, 31, e vivia rondando a casa da família para ver se estava tudo nos conformes e se seu posto como macho alfa ainda estava de pé. [...] Numa dessas, Raimundo chegou para mais um dia de fiscalização, quando (1) se deparou com um figuraça, esguio e com os cabelos molhados, saindo da residência de sua amada. Sobrou para ela. (3) Foi logo pegando uma pisa que (1) nunca mais irá ter vontade de trair o amor de seu ex.

Carnaval bem curtido

(1) Ao ver o pedreiro Jairo Alves da Cunha, 29, chegando em casa na manhã de ontem, depois de ter sumido na sexta-feira de Carnaval, coincidentemente após ter recebido um gordo pagamento, a doméstica Rosilene Mota da Silva, 26, que já tinha ido em tudo que era hospital atrás do cabra, não quis mais nem saber e (3) largou uma paulada no crânio do infeliz. [...] Rosilene que acreditava que o amado tivesse sido assaltado e morto, após ter pego a grana do pagamento, (2) sentiu um ódio fulminante ao perceber, que ele gastou toda a grana na putada e ainda estava hospedado na casa de alguma piriguete e que só voltou para casa, porque a grana acabou.

Facada do dia

O desocupado Afrânio Mendonça da Silva, 23, (1) resolveu tomar satisfações com um galeroso que só vive chapado e armado, e logicamente acabou pegando a sua facada do dia bem na barriguinha, na noite de ontem, no bairro de Jorge Teixeira 3, zona Leste. [...] O endiabrado galeroso que furou o desocupado estava bebendo cachaça no bar e fumando uma bela pasta-base de cocaína, na santa paz de Cristo, (2) quando foi importunado. Ele que não é bobo nem nada, sempre anda com uma peixeira portátil pocket de bolso para as horas mais inesperadas da vida e também para levantar uma grana. (2) Quando sentiu o arretamento de Afrânio, ele não pensou duas vezes, (3) lascou a facada e foi embora com o seu típico andar de galeroso.

Atrapalhando a ilusão

(2) Já bastante chateado, porque o ano de 2011 já está no meio e a falta de perspectiva de grana aparecer ainda está cruel, o desempregado, Alfredo Maia da Silva, 30, chegou à conclusão que só a cachaça pode lhe proporcionar satisfação, prazer e alegria, como se sua vida estivesse legal. A idéia estava indo bem, mas (1) sua patroa, que podia ter ficado calada, não gostou e resolveu desabafar na cara de Alfredo. (3) Resultado: acabou apanhando feito uma condenada. [...] Waldinéia Ferreira Braga, 22, pegou uma pisa de seu amado que estava alucinado por efeito do álcool.

É fácil observar que na maioria das notícias em que ocorre esse padrão de representação, trata-se de casos de violência cometida por familiares, colegas de profissão, amigos ou conhecidos. Considerando que das 25 notícias que compõem o *corpos* apenas cinco notícias compreendem eventos de violência cometidos por autores desconhecidos ou estranhos às vítimas, temos então 18 atos de violência cometidos por pessoas conhecidas das vítimas, dos quais 72% apresentam este padrão de representação, ou seja, 13 notícias.

A culpabilização da vítima legitima o uso da violência como resposta a conflitos interpessoais, ao mesmo tempo em que reforça o preconceito contra pessoas em situação de pobreza ao representá-las como pessoas ‘violentas’, que preferem utilizar a força ao diálogo, representando as pessoas da periferia de modo estereotipado como ‘pouco civilizadas’. A respeito dessa imagem estereotipada, Soares *et al* (2005) pontuam que:

Uma das formas mais eficientes de tornar alguém invisível é projetar sobre ele ou ela um estigma, um preconceito. Quando o fazemos, anulamos a pessoa e só vemos o reflexo de nossa própria intolerância. Tudo aquilo que distingue a pessoa, tornando-a um indivíduo; tudo o que nela é singular desaparece. O estigma dissolve a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe impomos. (SOARES *et al.*, 2005, p. 175)

Nesse caso, a mídia, que supostamente teria o papel de questionar conteúdos ideológicos, acaba reificando-os, contribuindo para sustentar as relações de desigualdades entre diferentes classes sociais. Sabemos que pessoas de todas as classes sociais cometem os mais variados crimes, mas somente os pobres costumam ser realmente punidos. Segundo Zaffaroni (2001), isto ocorre por que:

[...] o sistema penal está *estruturalmente* montado para que a legalidade processual não opere, e sim, para que exerça o seu poder com altíssimo grau de arbitrariedade seletiva dirigida, naturalmente, aos setores vulneráveis. [...] Os órgãos executivos têm *espaço legal* para exercer poder repressivo sobre qualquer habitante, mas operam quando e contra quem decidem. (ZAFFARONI, 2001, p. 27)

Ainda a respeito da criminalização da pobreza, Wacquant (2001) acrescenta:

[...] desenvolver o Estado penal para responder às desordens suscitadas pela desregulamentação da economia, pela dessocialização do trabalho assalariado e pela pauperização relativa e absoluta de amplos contingentes do proletariado urbano, aumentando os meios, a amplitude e a intensidade da intervenção do

aparelho policial e judiciário, equivale a (r)estabelecer uma verdadeira *ditadura sobre os pobres* (WACQUANT, 2001, p. 6)

Ou seja, o Estado, que nos moldes neoliberalistas dilui-se e distancia-se cada vez mais da população em situação de pobreza, negando a essa parcela da população acesso à educação, saúde, esporte, lazer, entretenimento, etc.; encontra, como forma de resolver os problemas criados por ele próprio (como a violência), a criminalização da pobreza e a marginalização da periferia. Para isso, conta com a ajuda dos meios midiáticos, que conforme acredito, em muito auxiliam a manter o *status quo* de desigualdade, ao representar pessoas de pobres e da periferia de forma parcial e estereotipada.

Um quinto índice que remete à questão da representação de pessoas pobres de forma pejorativa no jornal é a própria representação dos atores sociais de forma cômica e a ressignificação da violência enquanto algo risível. As notícias do *Boletim de Ocorrências* são risíveis por questões de forma, não de conteúdo. Ou seja, o uso da ironia como estratégia retórica até o emprego de metáforas, comentários avaliativos e outras figuras de linguagem, articulam-se para dar o tom de comicidade a cada uma das notícias. A princípio, explicitaremos alguns desses mecanismos linguísticos que geram efeitos de humor e em seguida discutiremos suas implicações sociais. Para isso, elaboramos três tabelas, que não contém todos, mas apenas alguns exemplos, a fim de pontuar de que forma estes elementos são utilizados para constituir efeitos de sentido de humor quando da representação dos atores sociais e dos eventos de violência.

Quadro 8 – Mecanismos linguísticos geradores de comicidade nas notícias

Mecanismo	Representação de atores sociais
Ironia	“Segundo a Delegacia Especializada em Homicídios e Sequestros, <i>que vai investigar o caso com muito empenho e dedicação</i> ”.
Ironia	“A dona de casa, <i>que já não era uma miss</i> , ficou ainda mais bizarra”.
Ironia	“entre a rapaziada <i>de alto nível cultural e intelectual da rua Taveira</i> ”.
Metáfora	“encontrou o maridão curtindo com uma capivara toda fogosa”.
Comentário avaliativo	“O industrial Joel Silva Sena, 24, bem que tentou mudar de vida <i>depois de aprontar mil e umas trapalhadas pela zona Leste</i> ”.
Comentário avaliativo irônico	“O <i>desempregado e cheio de filho pra criar</i> ”.
Comentário avaliativo irônico	“Jakson economizou anos para comprar o lindo tênis dos seus sonhos”
Comentário avaliativo irônico	“O elemento conhecido como ‘Preguiça’, <i>que só tem preguiça para trabalhar, mas para esfaquear ele é muito eficiente</i> ”.
Comentário	“O alcóolatra <i>desempregado e com fortes tendências galeríticas</i> ”

avaliativo irônico	
Mecanismo	Representação do local de ocorrência dos eventos
Ironia	“o fato aconteceu no bairro do São José 2, zona Leste, <i>onde tudo é perfeito</i> ”.
Ironia	“No <i>fantástico</i> bairro do Zumbi dos Palmares”
Metáfora	“no bairro que <i>mais parece terra de banguê-banguê</i> ”.
Mecanismo	Representação de eventos de violência
Ironia	“Largou a facada na <i>peitchuca de seu miguxo</i> ”
Ironia	“O espancamento foi uma <i>tentativa singela de reatar o romance</i> ”
Ironia	“Joel pegou <i>só um tirinho na peitchuca</i> ”
Metáfora	“Cristina [...] <i>resolveu tirar um pouco de sangue das costas do marido</i> ”.
Metáfora	“acabou <i>imbiocando direto para debaixo da terra</i> ”.
Metáfora	“Muito apegado ao ano de 2010, Ledilson <i>saiu de cena junto com o ano passado</i> ”.
Metáfora e ironia	“José mal podia esperar para <i>esquentar o couro macio e sedoso de sua cara metade</i> ”.

Gostaria de pontuar que considero essa representação jocosa de atores sociais, locais e eventos como índice também relacionado à questão de classe, por entender que a ‘liberdade’ do autor em ridicularizar, ironizar e fazer chacota da ‘desgraça alheia’ está intimamente relacionada ao fato de que as notícias envolvem pessoas pobres, desempoderadas. O desrespeito evidente do autor no tratamento dos atores, seu local de residência e seus dramas está intimamente associado à posição social desprivilegiada ocupada por esses indivíduos na sociedade. Muito provavelmente o autor não tomaria as mesmas liberdades ao representar um político ou um magistrado manauara suspeito de corrupção (ou mesmo condenado), categorizando-o de forma pejorativa e desrespeitosa como faz com a maioria dos atores sociais das páginas do *Boletim*.

A ironia neste caso é que, pessoas pobres comumente são ignoradas das publicações: suas necessidades, seus anseios, seus sonhos, seu cotidiano é comumente ignorado pela mídia. Quando há representação dessa parcela da população, conforme citamos anteriormente, ocorre uma representação preconceituosa e parcial. Dessa forma, se por um lado, as pessoas em situação de pobreza recebem mais atenção do que pessoas de outras classes, o espaço não é utilizado em favor delas, e sim contra elas, pois esses indivíduos são simplesmente ridicularizados e seu sofrimento serve de entretenimento puro e simples.

Pessoas pobres são pessoas com pouco ou deficitário acesso à educação escolar, ou seja, tendem a ser pessoas menos empoderadas pela própria natureza de sua condição social. Essas mesmas pessoas, provavelmente, ao ser representadas em um jornal como o *Maskate* importam-se (e muito) como qualquer outra pessoa, com a forma como são

representadas, mas possivelmente têm menos probabilidade de agir em termos práticos para exigir uma retratação, ou mesmo para agir por meio de ação judicial contra a publicação. Por outro lado, pessoas com maior poder aquisitivo, ao serem representadas da mesma forma, teriam mais possibilidades de fazê-lo. Entre a indignação de sentir-se exposto e a efetiva ação existe uma lacuna que muitas vezes não é sobrepujada apenas pela tomada de consciência de saber-se vítima de uma representação equivocada ou desfavorável. Acredito, sim, que a comicidade pode servir para gerar reflexão. No caso analisado, contudo, minha opinião é que o tom cômico mais atrapalha do que ajuda, pois banaliza os eventos e seus efeitos sociais, desfavorecendo a reflexão sobre as questões sociais por trás de cada evento particular.

B. Uma questão de gênero social: a violência contra a mulher como instrumento disciplinador

Conforme problematizam Debert e Gregori (2008), inúmeros deslocamentos semânticos têm sido utilizados para caracterizar a violência contra a mulher, desde o início dos anos de 1980 no Brasil. Dentre os quais citamos: violência contra a mulher, violência conjugal, violência doméstica, violência familiar, violência doméstica e familiar contra a mulher e violência de gênero. Optei por utilizar aqui o termo violência de gênero contra a mulher ao invés de qualquer outro; por compreender com base em Machado (1998) que no caso do material empírico que compõe meu corpus, em particular aqueles que analiso nessa seção, as relações de gênero fazem parte da centralidade do exercício da violência, o que me impede de ignorá-las. Julgo relevante a questão da violência de gênero, uma vez que ainda hoje tantas mulheres são vítimas de agressões por parte de seus (ex)companheiros. Pesquisa recente do Instituto AVON/IPSOS a respeito de percepções sobre a violência doméstica contra a mulher no Brasil, realizada em 2011, revelou que 6 em cada 10 brasileiros conhecem alguma mulher que foi vítima de violência doméstica, o que representa mais de 50% desse grupo.

Além do que, a questão da violência de gênero contra a mulher interessa aos estudos discursivos uma vez que é perpassada por questões de poder em sua essência, haja vista

que, conforme demonstramos com relação a este recorte do *corpus* de pesquisa, a violência do homem contra a mulher está comumente associada a uma prática disciplinadora na qual o homem invariavelmente acredita que detém o poder sobre o corpo e a vida da mulher. Comumente, nesses casos de violência de gênero, as relações assimétricas de poder baseiam-se em um resquício do discurso paternalista/machista utilizado para sustentar o uso da força como medida disciplinadora em relação a mulheres cujas atitudes são avaliadas como indesejáveis por seus (ex)companheiros.

É possível notar que a representação da mulher enquanto ‘merecedora’ da agressão, mesmo que forma velada nas notícias é ideológica, uma vez que alimenta o mito de que a mulher que apanha ‘deve ter feito algo para merecer’. Com base nas categorias de Van Leeuwen (2008), podemos perceber que nas narrativas existe uma realocação de papéis. Quando da representação da causalidade, a mulher assume o papel de agente e o homem de paciente. Contudo, quando o ato de violência em si é representado os papéis se invertem. O jornal não nega a culpa do agressor ao representá-lo, mas a mitiga ao atribuir à vítima a causa da agressão sofrida. Esse mecanismo linguístico de inversão ajuda a sustentar e a legitimar a idéia de que a ‘mulher que apanha algo de errado fez’, muito comum em se tratando de violência de gênero. Por fim, nota-se ainda de forma muito marcada, que todas as mulheres vítimas de violência no texto são mulheres em situação de pobreza, o que sinaliza que as vítimas também possuem em comum a questão de classe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa tratamos da ressignificação discursiva da violência. Pensamos ser possível falar em uma ressignificação da violência em termos de sua representação discursiva uma vez que, notadamente, a maior parte dos meios midiáticos formadores de opinião tais como: televisão, rádio, jornal, internet comumente tratam a questão da violência como um problema sério, representando-o de forma não desejável, negativo, algo a ser combatido em termos de suas consequências sociais: o medo, a insegurança (também avaliadas coisas indesejáveis), bem como em termos de suas causas geradoras (a fome, a miséria, a desigualdade social, a impossibilidade de fazer parte de uma sociedade de consumo devido à ausência de renda, o desemprego, falta de oportunidades de formação, etc).

Conforme pudemos perceber ao longo das análises, contudo, não são todos ou quaisquer atos de violência que são representados desta forma. A violência só é risível quando é realizada/sofrida por pessoas em situação de pobreza. Desta forma, podemos perceber que a ressignificação discursiva do tema como algo jocoso possui um filtro seletivo de ordem social, ou seja, marca uma relação de desigualdade. Alguém poderia argumentar que faltam notícias representando pessoas em situação econômica favorável e pessoas ricas para que seja estabelecida tal comparação. Pessoalmente, acredito que essa ‘comparação’ seja desnecessária uma vez que considero a própria ausência de representação de violência por/contra tais indivíduos como significativa.

Desta feita, a seção *Boletim de Ocorrência* figura na publicação como espaço de marginalização de indivíduos em situação de pobreza, uma vez que subjacente aos efeitos de humor mascara-se a representação ideológica da criminalização da pobreza, da periferia como espaço privilegiado da violência e a própria legitimação dos atos de violência. Banaliza-se, portanto a violência – não de forma universal, apenas aquela cometida por/contra pessoas pobres. Espetaculariza-se o drama destas pessoas, que se tornam duplamente vítimas – da violência física e da violência simbólica a qual são submetidas por meio da publicação, que representa todos os atores de forma burlesca, pejorativa e desrespeitosa, como observamos nas várias notícias. Particularizam-se as causalidades dos

atos de violência, o que mitiga a visão macro do problema social da violência e da segurança pública.

Por outro lado, a observação empírica alerta para o fato de que o *Maskate* não é o único meio de comunicação a praticar a discriminação e a disseminar o preconceito contra pessoas em situação de pobreza. Conforme citamos anteriormente na análise da prática particular, os próprios jornalistas confirmam a existência de padrões desiguais para representar pobres e ricos na mídia impressa ‘de referência’. Podemos facilmente confirmar isto ao observar que, em geral, nas seções *Polícia* da maioria dos jornais, muito raramente encontram-se relatos de violência contra pessoas ricas. Ou, de forma inversa, para ‘merecer’ a primeira página de um jornal a violência contra pessoas em situação de pobreza precisa atingir níveis de barbárie e crueldade que sejam dignos de grande vendagem ou indignação popular, porque aparentemente a violência da qual são vítimas estas pessoas causam pouca (quando alguma) indignação por serem comumente tão banalizadas e naturalizadas. Da mesma forma, a violência simbólica da qual estas pessoas são vítimas apesar de receber atenção de cientistas ainda recebe atenção tímida da mídia e passa despercebida por muitos leitores.

Contudo, a prática subjacente aos textos de representação preconceituosa baseada no estigma da classe social é comum não apenas a esta publicação, mas à imprensa de modo geral, o que nos leva a questionar a agenda por trás dessa representação, afinal o discurso é socialmente constituído e socialmente constitutivo. Segundo Fairclough (2001, p.91) a estrutura social é tanto uma condição como um efeito da prática social. Desta feita, através da utilização do desvelamento ideológico, espero utilizar o discurso como prática emancipatória a fim de evidenciar a atual prática preconceituosa de representação que pessoas em situação de pobreza recebem por parte da imprensa, a fim de transformá-la.

Sabemos que esta não é uma tarefa fácil, pois apesar da imprensa posicionar-se como suposta defensora das minorias, dos injustiçados, a maioria dos jornais atualmente encontra-se filiados a conglomerados elitistas que possuem agenda própria se manutenção do *status quo*. Esta pesquisa foi pontual uma vez que analisa uma prática de representação preconceituosa em uma publicação particular de um local particular. Todo o esforço empenhado na realização da coleta de dados, entrevista, análise da prática particular, análise e interpretação dos textos do *corpus* e crítica social explanatória sinalizam para

situar o trabalho no âmbito da produção acadêmica teórica e analítica, o que não implica, contudo, que os resultados obtidos a partir dessa pesquisa não possam ser utilizados como fomento para a realização de outros trabalhos que tenham como objetivo mais direto e imediato a formação de leitores críticos.

Pessoalmente, acredito que os trabalhos em ADC que desvelam os discursos ideológicos, conscientizando o leitor em relação a eles, têm maior potencial de alcance e efeito uma vez ultrapassado o círculo hermético de produção, distribuição e consumo limitados ao ambiente acadêmico. Acredito que essa extrapolação de limites seja especialmente produtiva quando, conforme idealizado pela Linguística Crítica, tenhamos como meta a formação de leitores críticos. Desta feita, encaro os resultados desta pesquisa não como fim, mas como um começo, pois a partir deles me permito vislumbrar possibilidades de aplicação prática dos conhecimentos aqui compartilhados com professores, alunos e cidadãos conterrâneos, a fim de despertar em outros a consciência linguística crítica que eu pude desenvolver ao longo da realização desta pesquisa.

Considerando as interpretações decorrentes das análises, o contexto de produção dos textos e o meio no qual estes discursos circulam podemos refletir de forma mais detalhada sobre as implicações advindas da circulação das ideologias presentes nos textos em questão em termos práticos, ou melhor, enquanto práticas sociais. Em todas as reportagens que tomamos como exemplo, sem exceção, vimos exemplos de violência, que nada mais é do que uma relação de dominação, sendo legitimada através de diferentes estratégias, conforme elaboradas em (Thompson, 2008). Vimos também a dissimulação de relações de dominação sendo obscurecidas ou ocultadas.

A representação social do criminoso, também beira a de um ‘justiceiro’, que toma para si próprio o direito de fazer justiça com as próprias mãos sempre que se sente ameaçado, atingido ou oprimido. Esta representação do criminoso e esta construção simbólica de ‘justiça’ pode levar a práticas sociais que geram mais e mais violência, validando a violência como ‘resposta imediata e legítima’ a praticamente qualquer coisa que venha a ferir a ‘face’ do outro, metafórica ou literalmente. Apesar de o futuro parecer ‘aterrorizante’, considerando que o jornal é consumido por um grande número de pessoas na cidade, há motivos para esperança, uma vez que para a Análise de Discurso Crítica as

peessoas possuem certo nível de agência, e não são simples vítimas passivas da estrutura social.

Uma vez que tomam consciência a respeito de situações desfavoráveis do ponto de vista ideológico, podem tornar-se agentes. Ou seja, para a Análise de Discurso Crítica os indivíduos possuem margem de manobra para, uma vez conscientes destas práticas de dominação ideológicas, contestarem e inverterem a situação da lógica de dominação, gerando uma mudança social favorável às classes oprimidas, conforme vemos em Resende e Ramalho (2006):

São os indivíduos, inseridos em práticas discursivas e sociais, que corroboram para a manutenção ou transformação de estruturas sociais – uma visão dialética da relação entre estrutura e ação. No evento discursivo, normas são modificadas, questionadas ou confirmadas – em ações transformadoras ou reprodutivas. Textos como elementos de eventos sociais têm efeitos causais – acarretam mudanças em nosso conhecimento, em nossas crenças, atitudes, valores e assim por diante. (RESENDE e RAMALHO, 2006, p. 45-46).

Apesar de termos conhecimento do conteúdo ideológico dos textos analisados não podemos assumir que exista entre esses e seus consumidores uma relação direta e mecânica de influência e aceitação. Pensar dessa forma é pressupor ingenuamente que os leitores recebem o texto e aceitam seu conteúdo sem filtro crítico, sem negociação de significados, sem ativação de seus conhecimentos prévios e conhecimento de mundo. Contudo, pressupor que todos os leitores filtram criticamente o conteúdo ideológico presente nos textos também é uma atitude ingênua. Conforme pontua Fairclough (1995, p. 71), “significados são produzidos a partir de interpretações de textos e textos são abertos a diversas interpretações”. (Fairclough, 1995, p. 73)

No caso desta pesquisa, nos limitamos a descrever os efeitos ideológicos potenciais dos textos, uma vez que privilegamos a pesquisa documental (com foco nas notícias) e não realizamos pesquisa de recepção (com os leitores da publicação).

Acredito na relevância desse trabalho para o desenvolvimento regional, uma vez que procura desconstruir práticas discursivas de desigualdade a respeito da representação da violência em Manaus, desvelando-as enquanto travestidas de uma jocosidade atenuante. Acredito que em seu potencial pedagógico e pretendo utilizá-lo como tal, uma vez que retornando a Manaus, como parte de meu compromisso enquanto bolsista da FAPEAM, um

de meus compromissos é compartilhar de forma sucinta os resultados dessa pesquisa com alunos e professores da rede pública de ensino.

Ainda como parte dos objetivos de nossa pesquisa, conforme previsto desde o início do planejamento, o retorno a campo, a fim de compartilhar os resultados das análises com o participante e representante do jornal, o diretor Miguel Mourão. Entendo que o retorno a campo é esperado e essencial, pois oferece abertura para o diálogo entre pesquisadores, participantes e demais sujeitos envolvidos direta ou indiretamente na pesquisa. É o momento em que o pesquisador tem a oportunidade de compartilhar suas descobertas, análises, e pontuar, no caso específico dessa pesquisa, de que forma entendemos que a publicação ajuda na manutenção de discursos de dominação. Acredito que o resultado da pesquisa possa servir como ponto de partida para uma possível conscientização dos indivíduos envolvidos na produção da publicação e quem sabe ajudá-los a refletir sobre o modo de fazer jornalístico atualmente adotado e seus possíveis efeitos de sentido, que parecem ser oposto ao compromisso citado como prioritário por seu diretor, que seria a cidadania.

A exacerbação em relação ao modo como a violência é representada, o excesso de detalhes a respeito dos atos de violentos em si, a estrutura narrativa utilizada, repleta de comentários avaliativos e de efeitos de comicidade, acaba por levar o leitor ao riso ao invés da reflexão. O que é mais intrigante na seção é que a violência é ressignificada em algo risível, mas não de forma geral. Ao observarmos as análises em conjunto de todas as notícias percebemos que é possível perceber um índice comum tanto às vítimas quanto aos agressores/as: o índice de classe social. Ou seja, todas estas pessoas representadas nos textos, à exceção de uma vítima em uma das notícias são pessoas pobres. Isto adiciona significado às nossas análises iniciais.

No corpus coletado o efeito de sentido cômico está relacionado não apenas à forma da língua (ao estilo narrativo e/ou aos efeitos retóricos, por exemplo), mas a um determinado grupo social. Não existe representação cômica de atos de violência contra pessoas ricas, que moram no Vieiralves, bairro de classe média alta da cidade, por exemplo. Não existe representação cômica de atos de violência contra mulheres de famílias tradicionais da cidade. Sabemos que tanto a violência contra a mulher como a violência de forma geral atinge todas as classes sociais e não privilegia vítimas em detrimento da classe

à qual pertencem. Portanto, este fato é no mínimo estranho, apesar de compreensível. Pessoas pobres comumente são pessoas com pouco ou deficitário acesso à educação escolar, noções de cidadania, ou seja, tendem a ser pessoas menos ‘empoderadas’.

Pessoas pobres provavelmente ao serem manchetes de notícias em um jornal como o *Maskate* se importam como qualquer outra pessoa com a forma como são representadas, mas possivelmente têm menos probabilidade de agir em termos práticos para exigir uma retratação ou mesmo para agir através ação judicial contra a publicação. Por outro lado, pessoas com maior poder aquisitivo ver-se representadas nas páginas de um jornal popular, provavelmente agiriam de modo contrário ou teriam mais possibilidade de fazê-lo. Entre a indignação de sentir-se exposto enquanto vítima, por exemplo, e a efetiva ação existe uma lacuna que muitas vezes não é sobrepujada apenas pela tomada de consciência de saber-se vítima de uma representação equivocada ou desfavorável. Enquanto pesquisadora e com base apenas na análise dos dados aos quais tive acesso não consigo vislumbrar como essa jocosidade possa servir para problematizar questões sociais geradoras da violência e questões sociais dela decorrentes. Acredito sim, que a comicidade pode servir para gerar reflexão. Neste caso, contudo, minha opinião é a de que o tom cômico mais atrapalha do que ajuda, pois banalizam os eventos, seus efeitos sociais e remove do leitor a capacidade de refletir sobre as questões sociais por trás de cada evento particular.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. F. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

BATISTEL, S. S; ALVES, G. B. **Charges de Angeli: um estudo em Análise Crítica do Discurso**. Revista Travessias, Vol. 4, n^o 3, p. 493-508, 2010. Disponível em <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4624/3549>> . Acesso em 18. Jan. 2012.

BAUDRILLARD, J. 2007. A sociedade de consumo. Lisboa: Edições 70, 2007.

BAUER, W. & GASKELL, G. (org). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2005.

BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. 2^a. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

BHASKAR, R. **The possibility of naturalismo**. A philosophical critique of the contemporary human sciences. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1989.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, Zouk, 2007.

CALDAS-COUTHARD, C. R. e M. COUTHARD (orgs.) 1996. **Texts and practices: Readings in CDA**. Londres e Nova York: Routledge.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh: Edinburgh University, 1999.

Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros>. Acesso em 10.dez.2011.

CONNERTON, P. (Ed.). Critical sociology. Harmondsworth: Penguin, 1976.

DAHIA, S. L. M. **A mediação do riso na expressão e consolidação do racismo no Brasil**. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 23, n. 3, p. 697-720, set/dez, 2008.

DAHIA, S. L. M. **Riso, Preconceito Racial e Aliança Inconsciente: uma leitura possível**. Anais do XV Encontro da ABRAPSO, 2009.

DEBERT, G. G; GREGORI, M. F. **Violência e Gênero**. Novas Propostas, velhos dilemas. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 66, vo. 23, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092008000100011&script=sci_arttext>. Acesso em 24.mar.2012.

DENZIN, N & Y. LINCOLN (orgs). **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Trad. S. R. Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

EAGLETON, T. **Ideologia: uma Introdução**. Tradução de Luís Carlos Borges e Silvana Vieira. São Paulo: Unesp, 1997.

FAIRCLOUGH, N. **Racism in the press**. London: Arnold, 1986.

_____. **Language and power**. London: Longman, 1989.

_____. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____. **Ideology: a multidisciplinary approach**. London: Sage, 1998.

_____. **Critical Discourse Analysis**. London: Longman, 1995a.

_____. **Media Discourse**. London: Hodder Arnold, 1995b.

_____. **Discurso e Mudança Social**. Coord. E pref. à edição bras. Izabel Magalhães. Tradução Izabel Magalhães *et al.* Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research**. Londres e Nova York: Routledge, 2003a.

_____. **El análisis crítico del Discurso como método para la investigación em ciencias sociales**. In: WODAK, R; Meyer, M. (Comp.) *Métodos de Análisis Crítico del Discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003b.

_____. **Discourse and Power**. Houndsmills, UK: Palgrave, 2008.

_____. **New Labour, New Language**. Londres e Nova York: Routledge, 2000.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Tradução Joice Elias Costas. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009a.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Tradução Roberto Cataldo Costa; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. Porto Alegre: Artmed, 2009b.

FOWLER, R. **Sobre a lingüística crítica**. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão v. 4, n. esp., p. 207-222, 2004.

FRAZÃO, T. **A exclusão social vista pela imprensa**. Cadernos de Linguagem e Sociedade, Brasília, Vol. 10, N. 2, nov. 2010. Disponível em: <<http://www.red.unb.br/index.php/les/article/view/1200/859>>. Acesso em: 30.dez.2011.

GABBARDO, E. N. 2009. **Publi (cidade):** Anunciando o Espaço urbano para o consumo. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Porto Alegre, RS, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/17324>>. Acesso em 24.mar.2012.

GIDDENS, A. **Modernity and Self-Identity: Self Society in the Late Modern Age.** Cambridge: Polity Press, 1991.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2004.

GRAMSCI, A. **A Gramsci reader: selected writings 1916-1935.** David Forgacs (Org.). London: Lawrence and Wishart, 1988.

HALLIDAY, M. **An introduction to functional grammar.** 3rd edition. London: Hodder Arnold, 2004.

LAGE, N. **A estrutura da notícia.** 6^a ed. São Paulo: Ática, 2009.

LUSTOSA, E. **O texto da notícia.** Brasília, Editora UnB, 1996.

MACEDO, F. R. **Porto Alegre, história e vida da cidade.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1973.

MAGALHAES, I. **Introdução: a análise de discurso crítica.** DELTA, São Paulo, v. 21, n. esp., 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300002&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 30.dez.2011.

MANCEBO, *et al.* **Consumo e subjetividade:** trajetórias teóricas. In: Estudos de Psicologia, Natal, v. 7, n. 2, 2002, p. 325-332.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa:** elaboração e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARX, Karl. **O fetichismo da mercadoria: seu segredo.** In: O capital. Crítica da economia política. São Paulo: Difel, 1985, p. 79-93.

MASON, J. **Qualitative Researching.** London: Sage, 2002.

PACHECO, A, R. **Jornalismo Responsável.** Monografia para obtenção do grau de Jornalista. Universidade do Contestado, UnC, 2005.

PÁRAMO, P. & G. OTÁLVARO. **Investigación alternative:** por uma distinción entre posturas epistemológicas e non entre métodos. Cinta de moebio, 25, 2006. Disponível na internet. <http://www.moebio.uchile.cl/25/paramo.htm>. Acesso em 15 de março de 2011.

PEDROSA, C. E. F. **Análise crítica do discurso: uma proposta para análise crítica da linguagem.** In: IX Congresso nacional de linguística e filologia, 2005, Rio de Janeiro. Filologia, Linguística e Ensino. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm>> Acesso em 4.jan.2012.

POSSENTI, S. **Os humores da língua.** 2ª reimpressão. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

POSSENTI, S. **Os limites do humor.** Revista Letras, n. 26, p. 103-110(PPGL/UFSM), 2004. Disponível em < http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r26/artigo_10.pdf>. Acesso em 18. Jan. 2012.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e representação.** São Paulo: Parábola, 2003.

RAMALHO, V., RESENDE, V. **Análise de discurso (para a) crítica - o texto como material de pesquisa.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

RESENDE, V. **Análise de Discurso Crítica e Realismo Crítico: implicações interdisciplinares.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

RESENDE, V.; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica.** São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, V; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas:** implicações teórico-metodológicas. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão - Santa Catarina, v. 5, n. 2, p. 185-208, 2004.

RICHARDSON, J. E. **'Now is the time to put an end to all this'.** Argumentative discourse theory and letters to the editor. Discourse and Society, 12 (2), p. 143-168, 2001.

_____. **(Mis) representing Islam:** The Racism and Rhetoric of the British Broadsheet Press. Amsterdam: John Benjamins, 2004.

_____. **Analysing Newspapers:** an approach from Critical Discourse Analysis. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

RICHARDSON, J. E. *et al.* **Letters of intent:** election campaigning and orchestrated public debate in local newspaper's letters to the editor. Political Communication, 21 (4), p. 459-478, 2004.

RODRIGUES, R. A. et al. **Jornal Comunitário O Cri-Cri como meio de afirmação na periferia de São Pedro, Zona Norte de Manaus/AM.** Anais da 62ª Reunião Anual da SBPC, Natal, 2010. Disponível em: <<http://www.sbpcnet.org.br/livro/62ra/resumos/resumos/116.htm>>. Acesso em 10.dez.2011.

SÁ-SILVA, J. R. S.; ALMEIDA, C. D. ; GUINDANI, J.F. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas.** Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, v. 1, p. 1-15, 2009. Disponível em www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Pesquisa%20documental.pdf. Acesso em 10.jan.2012.

SCHIFFRIN, D. **Approaches to Discourse.** London: Blackwell, 1994.

SILVA, D. E. G. da (Org.) **Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras.** Brasília: Editora UnB, 2005

SILVA, D. E. G. da; VIEIRA, J. A. **Análise do discurso: percursos teóricos e metodológicos.** 1ed. Vol. 1. Brasília: Plano, 2002.

SOUZA, A. P. S. **Jornalismo policial sensacionalista: entre a audiência e a função social.** Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, PR, 2009. Disponível em: < www.petfacom.ufjf.br/.../Jornalismo_policial_sensacionalista.pdf> Acesso em 10.dez.2011.

THOMPSON, J.B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Tradução do Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da PUC-RS. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

VAN DIJK, T. A. (Ed.). **Handbook of Discourse Analysis.** London: Academic Press, 1985.

_____. **News as discourse.** Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1988.

_____. **Racism in the press.** London: Routledge, 1991.

VAN LEEUWEN, T. **Discourse and Practice: New Tools for Critical Discourse Analysis.**

DISCOURSE AND PRACTICE: New York: Oxford University Press, 2008.

VELOSO, M.S.F. **Novos produtos em jornalismo popular no Brasil.** Resumo de artigo publicado originalmente na Revista de estudos de jornalismo. V.5, nº2, julho/dezembro 2002. p. 25 a 38. PUC-Campinas. Disponível em: <http://www.iscafaculdades.com.br/estacaojornalismo/artigo_7.htm>. Acesso em 10.dez.2011.

WACQUANT, L. **As prisões da miséria.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

WODAK, R. **Disorders of Discourse.** Londres e Nova York: Longman, 1996.

ZAFFARONI, E. R. **Em busca das penas perdidas: a perda da legitimidade do sistema penal.** 5 ed. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

ANEXOS

ANEXO A - Resultado favorável da análise do projeto junto ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília.



Comitê de Ética em Pesquisa
Instituto de Ciências Humanas
Universidade de Brasília

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Campus Universitário Darcy Ribeiro

ANÁLISE DE PROJETO DE PESQUISA

Título do Projeto: A RESSIGNIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA NO TEXTO E NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS SOCIAIS - O CASO DO JORNAL MASKATE

Pesquisadora responsável: Juliana Rabelo

Com base nas Resoluções 196/96, do CNS/MS, que regulamenta a ética da pesquisa em seres humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, após análise dos aspectos éticos, resolveu **APROVAR** o projeto intitulado “A RESSIGNIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA NO TEXTO E NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS SOCIAIS - O CASO DO JORNAL MASKATE”.

O pesquisador responsável fica notificado da obrigatoriedade da apresentação de um relatório final sucinto e objetivo sobre o desenvolvimento do Projeto, no prazo de 1 (um) ano a contar da presente data (itens VII.13 letra “d” e IX.2 letra “c” da Resolução CNS 196/96).

Brasília, 08 de dezembro de 2010.

Debora Diniz
Coordenadora Geral - CEP/IH

ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelo participante da pesquisa, Senhor Miguel Mourão.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP.

Manaus, 25 de Udece de 2011.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O/A senhor/a está sendo convidado/a a participar da pesquisa “*A resignificação discursiva da violência no texto e no contexto das práticas sociais – o caso do jornal Maskate*”.

Justificativa da pesquisa: gerar conhecimento científico a respeito da publicação em questão, através da análise linguística dos textos da seção *Boletim de Ocorrência*, acerca do modo como a violência é linguisticamente representada e os respectivos atores sociais envolvidos nas narrativas.

Objetivos: (a) Investigar a representação da violência e a experiência com o trabalho nas publicações, com base em grupos focais com os/as jornalistas e editores responsáveis pela seção *Boletim de Ocorrência* e pela publicação do jornal *Maskate*, desde sua concepção, produção até sua distribuição. (b) Investigar, por meio de análise discursiva crítica, as narrativas de crimes diversos conforme publicadas diariamente na seção *Boletim de Ocorrência* do jornal *Maskate* e seus possíveis efeitos de sentido, (c) Investigar a representação da violência em 6 (seis) edições do jornal. (d) Investigar a construção de identidades de pessoas envolvidas nas notícias (relação autor-vítima) em 6 (seis) edições do jornal.

Procedimentos: será feita gravação em áudio das falas da pesquisadora e dos/as participantes, por meio de entrevista individual ou grupo focal, e os dados permanecerão sob a guarda da pesquisadora, sendo utilizados apenas para fins de pesquisa.

Resultados esperados: estima-se que, com base nesta investigação, será gerado conhecimento acerca da publicação em questão, a fim de traçarmos um panorama geral, ou seja, uma análise de conjuntura acerca do histórico da publicação, linha editorial, tiragem, bem como outras informações acerca dos profissionais envolvidos na produção, distribuição e consumo do jornal na cidade de Manaus. Os produtos dessa investigação serão apresentados e debatidos em congressos e publicações, respeitado o anonimato dos/as participantes.

Pelo presente instrumento, solicitamos o consentimento do/a participante da pesquisa, esclarecendo que:

- ✓ trata-se de contribuição voluntária, sem remuneração;
- ✓ o consentimento em participar é livre, podendo o/a participante não aceitar ou desistir a qualquer tempo, sem necessidade de exposição de motivos;
- ✓ o/a participante poderá solicitar informações sobre a pesquisa e seu andamento em qualquer tempo, e a pesquisadora compromete-se a esclarecer as dúvidas que houver;
- ✓ não serão divulgados os nomes dos/as participantes: serão utilizados pseudônimos;
- ✓ os resultados da pesquisa serão compartilhados com os/as participantes da pesquisa, por meio de contato da pesquisadora com as entidades participantes; além disso, a qualquer tempo os/as participantes poderão entrar em contato com a pesquisadora e solicitar informações sobre a pesquisa.

Este termo está redigido em duas vias, ficando uma em posse do/a participante e uma em posse da pesquisadora. Os dados para contato com a pesquisadora são:

Universidade de Brasília (UnB) – (61) 3307-2119;
Conselho de Ética da UnB – (61) 3307-2770 / (6) 3307-2771;
Endereço eletrônico da pesquisadora – juliana.rebello@gmail.com

Eu, Miguel Jorge Mourão, declaro que li o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordando com seu conteúdo, e declaro meu consentimento em participar da pesquisa proposta, podendo dela me ausentar a qualquer tempo.

Eu, Juliana Silva Rebello, pesquisadora responsável por esta pesquisa, declaro cumprir este Termo, sob pena de responder civil ou criminalmente pelo seu descumprimento e responder por danos causados ao/a participante em decorrência da referida pesquisa.

25/03/11

Jouces

ANEXO C - Transcrição da entrevista realizada com o diretor-fundador do jornal *Maskate* em 25. Mar. 2011.

Mas vamos lá, o que é que eu posso contar?

A princípio, a constituição da publicação. Em que ano ela surgiu?

Dezessete de setembro de mil novecentos e oitenta... oitenta e sete, né? (hesitante, dirige-se a uma funcionária. Pausa). Noventa e sete! (ratifica)

E o Senhor foi o fundador do jornal ou não?

Fui!

E como que surgiu essa idéia de montar um jornal? O Senhor já trabalhava em outra publicação?

Trabalhava no jornal... Eu era diretor do principal jornal aqui de Manaus... Até hoje, que é *A Crítica*. E eu me desliguei do jornal e dois anos depois de ter me desligado da diretoria executiva eu... por influência da *Zero Hora* de Porto Alegre e... Eu resolvi montar um tabloide... um tabloide mesmo... tabloide popular... E... movido pela indignação eu optei pela... pela charge, pela glosa para fazer valer aquilo que eu gostaria de expressar.

E o que o Senhor diria em termos das dificuldades que o Sr. teve?

Todas... todas... todas, todas. Pelo fato de ser... de optar pela glosa e me proteger de processos judiciais não teve nenhuma proteção não... e da mesma forma nós fomos interpelados judicialmente.

Várias vezes, né?

Centenas de vezes. Nós temos mais de uma centena de processos de danos morais... que já acumulam... em torno de 1 (um) milhão de dólares em danos morais.

Eu percebi que no jornal tem uma nota, logo na parte do *Editorial*, no começo que diz o seguinte: que vocês fazem a publicidade mas sem matérias pagas. A idéia que você passa é essa.

Continua assim.

E isso permanece desde o início da publicação?

Permanece. Da mesma forma com as matérias governamentais. Não aceitamos matéria de governo.

Quantas pessoas o Sr. diria que formam a equipe permanente do jornal?

Equipe fixa... a equipe fixa...

Não tem pessoas que trabalham aqui freelance?

Não, não... nós temos a equipe fixa e até mesmo as pessoas que trabalham sob pseudônimos eles recebem como assalariados.

Ah... certo.

Ao todo 76 pessoas, comigo 77.

E como que o Sr. diria que é o perfil do leitor?

Perfil do leitor. O Maskate foi criado para as classes C, D, E, que é uma classe popular. Um jornal para as classes menos favorecidas. Tanto que o linguajar é exatamente esse. No caso o *Boletim de Ocorrência*, a pessoa que escreve o Boletim de Ocorrência, ela se preocupa muito em dar o tom, o tom de polícia. Quem faz a glosa são os humoristas.

Certo. Mas você acredita que apenas essas pessoas consomem o jornal?

Não, aí que foi o nosso erro. Nós fizemos um jornal para as classes C, D, E, botamos a um preço bem popular, na época era 1 (um) real e o jornal não deslanchava nas periferias, ele deslanchava na classe média intelectualizada, um segmento mais... um segmento mais... pensante... civilizados.

E na época era o único, né?

Sim. Foi o primeiro tabloide no Norte-Nordeste.

Agora hoje estão surgindo outras tentativas de jornais, não iguais, mas mais populares, numa tentativa de aproximar...

Nós já temos cinco jornais populares aqui em Manaus, e com preço de vinte e cinco centavos, daí a mudança do Maskate já com o projeto de circulação graciosa. Nós estamos optando pela publicidade. A publicidade de varejo mesmo ao preço de 10% do preço que era eventualmente cobrado e... para manter o jornal e a distribuição gratuita. Para isso nós temos uma equipe de 16 pessoas, moças e rapazes que entregam nos principais cruzamentos, já não está nas periferias, já foi para....

E desde quando que ele passou a ser distribuído gratuitamente?

Desse ano. Janeiro de...

A tiragem diária.. tem uma estimativa?

Três vez quatro doze.... doze mil.

Isso é fixo ou altera?

Não. É variável....

Varia, né? Nessa faixa...

Quando sente que vai chover corta metade

Certo. E...

O jornal não é vendido e saiu das bancas. E tem outros jornais que pegam carona no nosso. Para serem bem vendidos eles pedem exemplares do Maskate para ser encartados neles. Jornal do comércio que é um jornal de 101 anos recebe o Maskate encartado.

Tá. O perfil editorial a gente já falou um pouco... a rotina de trabalho...

Sete da manhã... por quê? Porque nós circulamos com as matérias do dia. Uma forma de vencer a concorrência, que são bons jornais, Manaus tem bons jornais. Tem cinco bons jornais... é você sair com a matéria no mesmo dia, ou seja, 5 horas da tarde, assim como The Sun de Londres, o Maskate é espelhado no The Sun.

Que também é um tabloide....

É um tabloide que foi constituído para acompanhar a monarquia. O Maskate foi para os políticos. Então nós saímos 5 da tarde com a data do dia seguinte. Ou seja, ele circula 12 horas. Nenhum jornal tem vida útil tão grande aqui na cidade quanto o Maskate.

A minha dúvida é.... Em relação a essa parte (apontando para a seção *Boletim de Ocorrência*) qual é a fonte? São os boletins, são as vítimas?

Não... nós temos, nós temos duas equipes de reportagens que estão nas ruas pegando... em hospitais, polícia, fórum, agências reguladoras, aí trazem pra cá, nós temos duas editorias que fazem essa parte de redação.

Tá. Aí a justificativa acho que o Sr. já deu antes para essa linguagem popular. Justamente porque a princípio foi definido que atingia o povão...

É... e sempre com alguns conceitos de colocar muita charge, de ridicularizá-los....

O Senhor diria que o Sr. utiliza o humor para fazer uma crítica?

Sim, o humor, o sarcasmo ele existe desde a idade da pedra....

Não é apenas o humor... digamos...

Gratuito? Não. Uma agressão gratuita? Não.

A função não é apenas entreter.... é informar?

Sarcasmo. Tirar um sarro.

Uma crítica velada?

Crítica velada! Muito bem.

E a justificativa para esse tratamento da violência como algo risível seria...

A sim, para tirar o sangue, né. Horrível jornal com cadáver...

Tirar o peso, digamos assim, da notícia...

Não sai sangue. Sai riso, sai humor, sai glosa. O leitor se sente gratificado porque a primeira... a primeira norma do protocolo que eu passo para qualquer um repórter é a seguinte. Antes de escrever, seja leitor, leia aquilo que você gostaria... escreva aquilo que você gostaria de ler. Então nós fazemos um jornal para o leitor. Daí a aceitabilidade. Daí o gosto das pessoas em ler a Joana Galante. A Joana Galante é um pseudônimo daquela macumbeira.

Eu já vi no site que tem muitas pessoas elogiando a seção... bastante.

É. Daí o Boletim, daí o Clica Manaus, todo nosso volume. Incluindo as políticas. Você veio tão de longe... mas eu não vou poder... vou ver o que eu posso.... o que eu posso auxiliar...

Sim...

Por exemplo, nós já tivemos matérias, tiragens em inglês.

Ah, sim?

Sim, para contestar uma possível invasão na Amazônia. Por conta da proteção da floresta.... Nós já temos as leis tachistas do IBAMA que não deixam... o caboclo está morrendo de fome.. de fome... ele não tem mais roupa para vestir porque ele não pode fazer nada mais na floresta, não pode derrubar uma árvore, não pode pegar um peixe, não pode caçar um animal. Ele não pode usar uma arma para se defender. Os jacarés estão comendo as pessoas. Outro dia um jacaré comeu uma perna de uma pesquisadora do INPA.

Proibido. Proibido matar.

Porque tudo é proibido aqui. Não, tudo é proibido, matar, caçar, pescar, então o que acontece, essa massa tá vindo para a capital, tá inchando... então Manaus se tornou um pandemônio. Um cinturão de miséria, apesar de ser a quarta cidade em arrecadação de tributos federais. Nós arrecadamos mais que Recife, arrecada mais que Salvador, arrecada

mais que Porto Alegre. Nós só perdemos para Rio, São Paulo, Belo Horizonte. Então veja bem, toda essa riqueza não tá sendo distribuída aqui. A grande massa está aqui na penúria.

E para terminar como o Sr. resume o papel social da publicação, dentro da sociedade?

Papel Jornal.

Informar... criticar... acompanhar...

O papel da imprensa é o papel jornal. Todos nós temos uma função. Veja bem.. o Maskate foi criado pela indignação. Manaus teve um blackout em 97 em que ¼ da cidade não tinha luz em determinado período do dia então nós estávamos nas trevas. Uma cidade com o polo industrial que nós temos faltando luz. Manaus até hoje não tem abastecimento de água, não tem rede de esgoto. A nossa rede de esgoto ela data dos Franceses há dois séculos atrás, 1800. Os Franceses quando estiveram aqui para fazer o saque da nossa borracha, e levaram a borracha para a Malásia depois deixaram o Amazonas com um teatro, um porto e só. Desde essa época nós fomos colocados de lado pelo governo federal. Agora mesmo com a Zona Franca toda a arrecadação de tributos vai até Brasília, nós temos um contingen... um contingenciamento de recursos da ordem de 1 bilhão de reais que não são repassados para o nosso Estado. Por quê? Porque o governo petista faz as farras lá com escândalo do mensalão, financiamento das Erenice, dos Paloccis, dessas coisas todas, com dinheiro nosso, dinheiro arrecadado aqui na Zona Franca. A Zona Franca não deixa destruir mais nenhum pé de árvore. Toda indústria é sem chaminé. Ainda somos taxados de contrabandistas. Por quem? Pela canalha paulista que quer tudo para São Paulo. Eles não aceitam que exista outro polo industrial. Então esse é o nosso papel, tá? Não é informar... é provocar indignação para que as pessoas reajam. Então nós somos panfletários? Somos! Somos anarquistas? Somos! Esse é um processo que tem que se revertido. Nós só entramos com a miséria. Ou seja, nós ficamos com a miséria. O lucro vai para a Avenida Paulista. Todas as empresas aqui são controladas por paulistas. O sacrifício da nação é o progresso em São Paulo hoje. Isso tem que reverter. Nós precisamos de um novo código de federação. Nós precisamos redistribuir valores. Não adianta ter dois, três senadores por cada Estado

enquanto a câmara de deputado de São Paulo tem vinte vezes mais deputados federais que qualquer outro estado da federação. Nós temos apenas 8 deputados federais. Como é que vai conseguir brigar lá? E o que que nós temos aqui, nós temos a Zona Franca... só... só a Zona Franca.

Interessante isso que o Senhor falou porque normalmente os jornais formadores de opinião eles dizem ter essa preocupação, mas eles falam para uma classe muito específica, né?

O Maskate é exatamente o contrário. Todo jornal ele tem um vínculo ou político ou econômico com alguma instituição. Aí nós temos com a cidadania. Nosso vínculo é com a cidadania. Tanto que nós já ficamos sem circular, ficamos só na internet, e aí quando entra uma publicidade ou quando entra... aí você deslança de novo. Mas é muito gratificante para mim receber uma pessoa de tão longe... lá do poder central... Brasília...

Não, mas eu sou daqui de Manaus.

Ah, você é de Manaus? Como é seu nome?

Juliana. Eu estou fazendo a pesquisa...

Juliana de quê? Tu tem pai e mãe...

Silva Rebelo... minha família é de Parintins

Família de Parintins... muito bem, que legal.

Eu estou fazendo Mestrado lá... formei pela UFAM. Por isso que eu estou pesquisando o jornal.

Então coloque logo no seu Mestrado, por exemplo, que Parintins há duas décadas atrás tinha o maior rebanho bovino e bubalino, tanto de corte quanto de pecuária de leite. Hoje Parintins compra carne do Pará. Sabe por quê? Porque não pode mais fazer pasto. Todo o povo de Parintins teve de vir para cá para Manaus. A única renda de Parintins eu vou lhe dizer qual é – serviço público. Um absurdo isso, absurdo. Um município tão rico, tão brilhante como Parintins. Então toda a costa de Parintins, toda a costa de Itacoatiara fornecia gado, leite, frutas. Hoje Manaus importa 90% do que consome. Tá aqui ó (mostra manchete do jornal). 90% do que nós produzimos nós importamos. Nós importamos cheiro-verde do Ceará, nós importamos fécula de mandioca do Paraná e ninguém fala nada. Parece que está tudo bom. Sabe o que é isso? É o pacto da mediocridade. Uma coisa é esse movimento agora de biodiversidade que tá havendo aí. Porra! Vão trazer Schwazenegger que é o maior destruidor de tudo... de tudo. Nos filmes dele só prega destruição. O James Cameron do Avatar e o Bill Clinton dos escândalos do charuto da Monica Lewinsky para dizer pro nosso caboclo como é que tem que preservar a floresta. Como é que tem que preservar a floresta? Para de fazer tudo que eu vou te dar 50 reais por mês. 50 reais é menos de 25 dólares, que não dá para um ser humano viver um dia. Não dá para viver um dia. Então essa é a proposta do governo que quer que a gente aceite isso. Não, nunca, Jamais. Jamais. Isso aí nunca. Vamos combater! Nós queremos o cartão direito à vida que foi dado paro o Lula, para todos os brasileiros. Porque que não dão para o pessoal que cortava seringa? Para os nordestinos viverem? O cartão do direito... nós queremos o cartão do direito à vida, só isso. Igualdade para todo mundo. O Nordeste saiu da miséria absoluta... para um patamar diga-se de pobres, já não são tão miseráveis. Mas nós temos que tirar o interior do estado. O ribeirinho é um miserável absoluto, a mulher não tem mais roupa para vestir, ela tem vergonha de aparecer... por quê?.. porque tá usando trapo. Aí vem sempre um mendigo aqui, vem se prostituir, vem pedir esmola, aí já vem com câncer, já vem com... Então é neste caos urbano que nós estamos vivendo, de invasão...

Fora as pessoas que vem de fora porque Manaus atrai muita gente, ainda atrai muita gente...

A minha equipe de pensantes são 3 pessoas. É aquele rapaz ali que é reverendo. É ex... tudo que pense de vício ele tá ali, mas é um homem de Deus. Esse outro também. Eu não sou evangélico. Eu sou universal de origem mulçumana, mas nós abrigamos aqui umbandistas, abrigamos reacionários, pessoal do movimento homossexual feminino, gays, lésbicas.

Bem heterogêneo, né?

É, nós... e aí o pensamento é um só. Fique do lado do leitor e escreva para ele. Então tanto polícia... por exemplo, apologia ao tráfico, tá proibido. Porque toda vez que você fala de traficante, que o traficante tem isso, tem isso e aquilo... incentiva os jovens a entrar no mundo das drogas...a ser rico. Suicídio nem pensar. Então são alguns conceitos que eu aprendi a questionar nos jornais tradicionais que eu não corro e nem quero correr o risco de me embutir no meio.

Certo. Eu agradeço.

Por exemplo... Aqui é a cidade dos malucos (aponta para uma reportagem), uma cidade de doido. Um pouco de religião para amortizar, coluna de opinião... ah isso aqui é um programa de televisão que eu faço com cultura local para arrecadar dinheiro para manter o jornal senão o jornal fechava. Então essa propaganda está aqui por causa do programa de televisão. Com isso eu consigo manter o Maskate.

São os parceiros que ajudam a distribuição gratuita, que estão por trás.

O que está fechando o Maskate é isso aqui – Tribunal de Justiça. Porque existe uma indústria chamada indústria dos danos morais. O juiz não julga, ele dá 50% para qualquer um que interpele o veículo. Então isso a médio prazo deverá quebrar todas as empresas de comunicação. Todas as empresas. E aí os empregos dos jornalistas vão para as cucuias.

Essa liberdade é questionada hoje em dia, você tem, mas você é muito cerceado...

Não existe liberdade. A partir do momento que você entra com uma ação contra alguém que falou alguma coisa não é liberdade. E o juiz para se esquivar da responsabilidade, essa classe que é *ad eternum*, o emprego deles é eterno, eles não tem risco nenhum, então o que que eles fazem eles dão 50%, quando não dão 100. Por mais que você questione. Ó o cara foi preso, saiu algemado com os policiais do lado, ele entra com uma ação por danos morais, por quê? Porque não foi julgado ainda. E ganha. Entende, daí quando você vê a sua folha de pagamento está bloqueada na justiça.